

REVISTA

EDIÇÃO Nº 107 | MAIO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

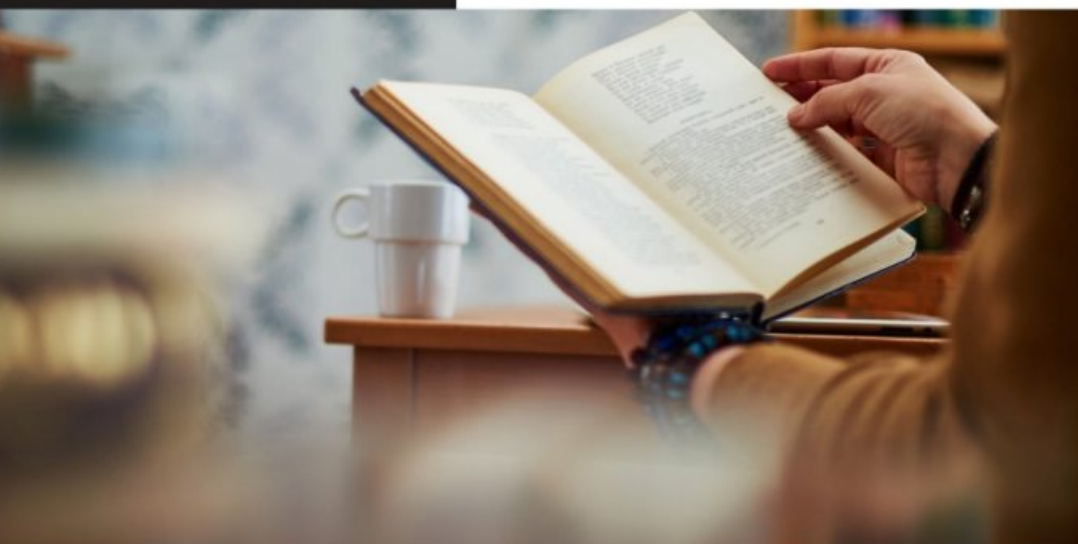
**ENTREVISTA
EXCLUSIVA
COM**

Bert Jr.

AUTOR DO LIVRO ANTES DO FIM DO RISO



- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Entrevista com Bert Jr., por Ademir Pascale, pág. 06**
- Poema: Batraquioquipariu, por Bert Jr., pág. 13**
- Humor e literatura, por Bert Jr., pág. 15**
- Cordel reconta história de Inácio da Catingueira, por Jénerson Alves, pág. 19**
- Poema: Nesta palavra tudo se resulme - Mãe, por Sellma Luanny, pág. 22**
- Poema: Camafeu, por Camila Concato, pág. 24**
- Rubens Francisco Lucchetti, o "Tio Vampiro", por Roberto Schima, pág. 25**
- Dicas para leitura, pág. 35**
- Poema: Mãe!, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 36**
- Jean Genet: escritor, mártir ou ativista, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 39**
- Poema: Dualidade da vida, por Janete Santos Silva, pág. 44**
- Poema: Gravidez do Sol, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 47**
- Caracterização do personagem Fabiano do romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos, por Max Moreira, pág. 49**
- Poema e minicontos de Flávio Joppert, pág. 54**
- O caminhão de sorvete está na rua, por Clarissa Machado, pág. 59**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 64**
- Entrevista com Erich Ruy Alves, autor do livro Apoteose Escarlata, pág. 67**
- Entrevista com Jamyle Dionísio, autora do livro Secante, pág. 72**
- Entrevista com Maurício Ribas, autor do livro Ingel Addae, pág. 77**
- Citações de grandes autores, pág. 83**
- Conto: Anjo atrapalhado, por Idicampos, pág. 88**
- Conto: Heléboros negros, por Iraci J. Marin, pág. 93**
- Conto: Segunda chance, por Míriam Santiago, pág. 97**
- Conto: Estrela errante, por Ney Alencar, pág. 103**
- Conto: A melodia de Bizz, por Roberto Schima, pág. 108**
- Conto: Cine bagaço, por Roberto Schima, pág. 116**
- Conto: Passos para o cosmos - Parte VII, por Sellma Luanny, pág. 127**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 137**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MARIO QUINTANA

“Sonhar é acordar-se para dentro.”

GRACILIANO RAMOS

“Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA O NOSSO SITE: www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura[®] é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO: ✉ ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

O mês de maio acaba de chegar com mais uma grande edição da nossa revista, desta vez destacamos Bert Jr., diplomata e embaixador do Brasil na república de Cabo Verde, na África e autor do novo livro *Antes do Fim do Riso*. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir entrevistas com escritores, contos, poemas, dicas para leitura e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de junho/2024: [clique aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. III

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK

POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. III

saiba mais: clique aqui

BERT JR.



Bert Jr. é um escritor nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, cidade onde cresceu e viveu até os 26 anos. Após haver-se graduado em História, na UFRGS, transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Na carreira diplomática, trabalhou em diversos países, exercendo, atualmente, a função de embaixador junto à República de Cabo Verde. Possui sete livros publicados, sendo três de poesia, dois de contos, um de crônicas, e seu mais recente lançamento: o romance *Antes do fim do riso* (editora Oito e Meio, 2024). É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

BERT JR.

Conexão Literatura: Você é diplomata e embaixador do Brasil na república de Cabo Verde, na África, poeta e autor de sete livros. Fale mais sobre a sua carreira literária.

Bert Jr.: Minha carreira como escritor é marcada por dois momentos. O primeiro teve lugar ao final da adolescência, quando comecei a escrever principalmente poemas. Aos 18 anos fui finalista do maior concurso literário do Rio Grande do Sul à época, que contava com Mario Quintana e Lya Luft como jurados. Depois disso, por circunstâncias de vida, acabei descontinuando, aos poucos, a prática da escrita criativa. O segundo momento ocorreu muitos anos mais tarde, em 2020, quando a pandemia de Covid-19 havia começado a assolar o mundo. Eu era, então, embaixador na Zâmbia, e o impulso de escrever ressurgiu, creio eu, para vir ocupar o tempo antes dedicado aos compromissos sociais da vida diplomática, mas também para dar vazão a ideias que já vinham, há tempos, fermentando na minha mente. Essas ideias estavam relacionadas com leituras, sobretudo de não-ficção, sobre temas contemporâneos da minha preferência: mudança climática,



Bert Jr. - Foto Divulgação

pré-história da humanidade, vocação profissional, dietas alimentares, espiritualidade, entre outros. Quando comecei a escrever, produzi o meu primeiro livro, Fict-essays e contos mais leves, em pouco mais de dois meses, tal era o grau de amadurecimento da reflexão em torno desses assuntos. O que veio à luz foi um livro trazendo sete contos, que me surpreenderam pelo humor presente nas narrativas. Esse traço acabou se tornando característico da minha prosa, havendo também predominado no meu segundo livro de contos (Do incisivo ao canino), no meu volume de crônicas (Sem pé com cabeça), e agora no romance que acabo de lançar: Antes do fim do riso, que classifiquei de “distopia humorística”.

Conexão Literatura: Você lançou recentemente o livro “Antes do fim do riso”. Poderia comentar?

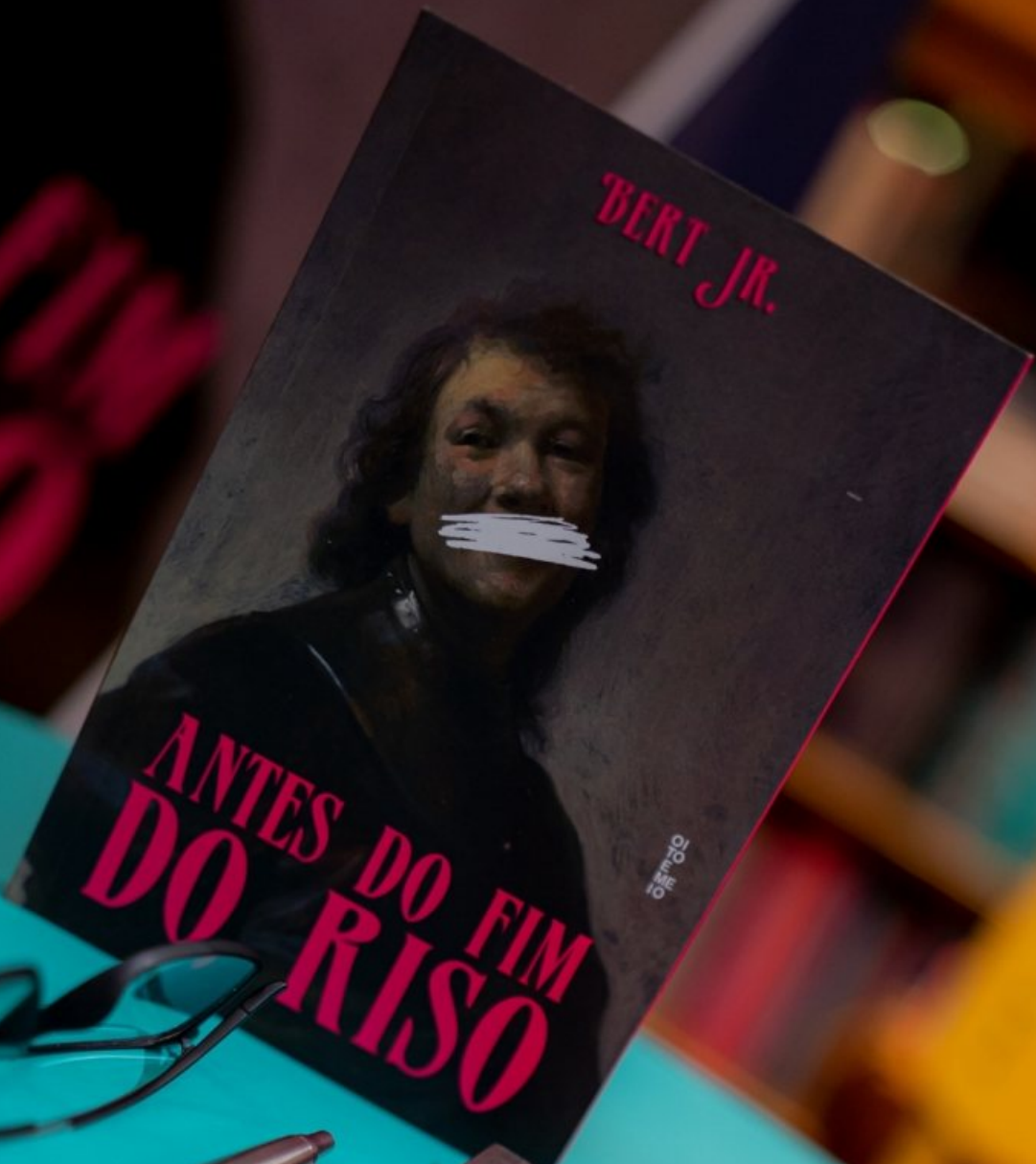
Bert Jr.: Bem, a ideia para o romance surgiu no segundo semestre de 2021. Eu já tinha sido transferido para Cabo Verde, país africano que levou muito a sério as recomendações de controle sanitário emanadas da OMS, resultando em louváveis índices de sucesso no combate à pandemia de Covid-19. Desde a Zâmbia e, a seguir, de Cabo Verde, onde eu cheguei em janeiro de 2021, pude observar a guerra de narrativas em torno da pandemia, em que não faltaram atitudes temerárias de lideranças políticas de proa, que optaram por dissentir do consenso científico global em relação ao assunto. Esse panorama de fundo me despertou a seguinte reflexão: e se, num contexto pandêmico ainda mais grave, um grupo político de corte populista resolvesse escolher o humor como culpado pela escalada na transmissão do vírus e, também, pelo insuficiente desenvolvimento nacional? Foi a partir dessa premissa que comecei a escrever o romance.

Nessa sociedade fictícia, a força ideologicamente dominante no sistema político conta, em sua campanha para impedir o reaparecimento do riso, com o apoio de entidades como as brigadas anti-humor e as agrupações de militantes narrativos. Contra esse pano de fundo, um obscuro professor de literatura do ensino médio galvaniza a ira do sistema por realizar um trabalho humanitário num grande hospital da capital federal, voltado a prover alento aos doentes graves por meio da contação de histórias divertidas, algumas delas de sua própria autoria.

Antes do fim do riso tem um forte componente metalinguístico, pois o caráter humorístico da narrativa se junta ao argumento central da história, que é a perseguição ao humor em função de interesses político-eleitorais. Ou seja: um livro de humor que fala sobre o humor e sua importância na vida pessoal e social.

Conexão Literatura: Sobre seus livros, o que motiva a escrevê-los?

Bert Jr.: Acho que a arte, de forma geral, é uma forma de fruição e compreensão da vida, propiciada por meio de um alargamento das possibilidades perceptivas,





Antes do fim do riso tem um forte componente metalinguístico, pois o caráter humorístico da narrativa se junta ao argumento central da história, que é a perseguição ao humor em função de interesses político-eleitorais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu recente livro especialmente para os nossos leitores?

Bert Jr.: “(...) Enquanto tomava seu chá de início de noite, e o gengibre lhe ia picando a garganta, Risolindo refletia sobre a situação. Obviamente, não queria ter problemas com a brigada do capitão Miliblaister, que se sabia contar com o apoio informal de altos escalões do poder em sua cruzada anti-humor. Por outro lado, tampouco desejava sacrificar o seu trabalho social, pois sentia que a diversão proporcionada aos doentes parecia fazê-los recuperar, ao menos em parte, o ânimo para sobreviver um pouco mais, ainda que isso representasse somente o acréscimo de algumas horas de vida. Não importava! Umas poucas horas, ou mesmo minutos, podiam fazer uma diferença enorme na trajetória das pessoas. De alma leve, revigorados, os doentes terminais às vezes reuniam forças para finalmente aceitar o pedido de perdão de um filho, externar uma última jura de amor a seu parceiro, reconhecer algo até então inconfessável...

O trabalho voluntário no hospital era fonte de grande motivação para Risolindo. Tanto assim, que punha a alma naquelas visitas. Além de ler trechos por ele mesmo selecionados, às vezes os decorava, a fim de apresentá-los de modo teatral, ou próximo disso. Ao proclamá-los, mudava a voz de acordo com o personagem da história, acrescentando trejeitos para dramatizar a narrativa. Os enfermos se deleitavam com essas ocasiões de puro entretenimento. As enfermeiras vinham contar que os pacientes viviam indagando quando seria a próxima visita do senhor Risolindo.

Spaglioleo não gostava da ideia de fixar um calendário para suas visitas ao hospital. Achava que o caráter aleatório das aparições ajudava a manter os pacientes em estado de alerta, interessados em monitorar o que se passava ao redor. A incerteza de seu retorno era algo que também podia, quem sabe, até mesmo fazê-los imaginar, por conta própria, possíveis histórias divertidas, sonhar com elas, ou ao menos recuperar alguma que estivesse perdida nas profundezas da memória.”



Bert Jr. - Foto Divulgação

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Bert Jr.: No que se refere, especificamente, à leitura de gêneros literários, o que vejo é uma quantidade enorme de novos lançamentos, mas uma capacidade ainda relativamente pequena de absorção desse material pelos leitores. A leitura no país enfrenta alguns desafios, entre os quais destaco o baixo rendimento médio da população (o que, a meu ver, impacta mais do que o preço do livro, que se situa dentro dos parâmetros internacionais de comercialização do produto) e a competição com autores estrangeiros, que chegam acompanhados de um forte marketing e de altas vendas em outros mercados, o que funciona como prova social junto ao público. Além disso, são poucas as editoras convencionais que se arriscam a publicar novos autores nacionais, existindo aquelas que simplesmente mantêm suas portas virtualmente fechadas aos autores nacionais. De outra parte, a atenção dos leitores de hoje é disputada por redes sociais de todo tipo, onde predomina a comunicação audiovisual e a oralidade. Nesse contexto, a preservação e ampliação do hábito da leitura deve ser vista como questão estratégica nos campos quer da cultura, quer da educação. A leitura – sobretudo a leitura de obras literárias – representa vetor fundamental para o enriquecimento cultural da sociedade, bem como para o crescimento emotivo-intelectual dos indivíduos, aí incluído o desenvolvimento do espírito crítico.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Bert Jr.: No momento, estou bastante envolvido com a divulgação de Antes do fim do riso. Não obstante, tenho várias ideias para contos, inclusive um deles já escrito. Suspeito que o meu próximo projeto será um livro de contos. Paralelamente, continuo escrevendo poemas, embora a um ritmo não tão intenso quanto o dos últimos três anos. Confio que, oportunamente, esse material deva resultar em um novo volume de poesias. E, claro, tenciono, num futuro não muito distante, começar a escrever um novo romance.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Bert Jr.: Antes do fim do riso está à venda na Amazon e no site da editora Oito e Meio. Informações sobre mim e o meu trabalho como escritor estão disponíveis no meu site (www.bertjr.com.br) e nas minhas redes sociais: @bertjr.escritor (Instagram), @Bert Jr (Facebook e Youtube).

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Wagner Moura e Drica Moraes

Um filme: Blade Runner, de Ridley Scott

Um hobby: leitura e charutos

Um dia especial: hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Bert Jr.: Gostaria de aproveitar e fazer um apelo aos leitores da revista Conexão Literatura para que incluam, periodicamente, um livro de autor nacional em suas programações de leitura. Não apenas autores consagrados, como também novos autores. Dar oportunidade a novos autores, assim como a diferentes gêneros literários, amplia nossa consciência da realidade e incentiva a escrita no país. Hoje, com a internet, é fácil localizar sinopses e resenhas, que podem nos orientar no momento de eleger a próxima leitura. Com esse tipo de atitude, poderemos ir transformando a mentalidade do público leitor, no sentido de melhor conhecer e valorizar a nossa própria produção cultural.



Visite: www.bertjr.com.br

BATRÁQUIO QUI OPARIU POR BERT JR.

**o batráquio detalhista
hesita entre dois pulos;
na pele escorregadia
resvala a justa medida?**

**o batráquio peremptório
em brejo só de tenores;
surgiria barítono
em cima de um promontório?**

**o batráquio aspirante
transita entre dois mundos;
transporá os muros
que o mantêm equidistante?**

**o batráquio ora famélico
vai à caça em paralelo;
quer o abjeto inseto
quer o poético objeto**

**o batráquio quase extinto
nem suspeita que ainda existe;
não crê em nada que é triste
come lama e sobrevive**

**o batráquio esperançoso
aguarda beijos reais;
mas mesmo as altezas tropeçam
nos encontros consonantais**

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata o tem levado a vários países. É autor de dois livros de contos, três de poesia e um de crônicas humorísticas. Em 2024, lança seu romance de estreia: Antes do fim do riso, pela editora Oito e Meio. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. - Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



The background is a solid blue color with a repeating pattern of stacks of books. Each stack is drawn with black outlines, showing the pages and the spine of the books. The stacks are arranged in a grid-like pattern, with some stacks appearing slightly larger or more prominent than others.

**HUMOR E
LITERATURA**

POR BERT JR.

Para Aristóteles, se a tragédia realça o que as qualidades humanas possam ter de elevado, a comédia, por seu turno, retrata o que nelas há de menos nobre, o que pode haver de grotesco na humanidade. A comédia seria, portanto, um gênero que explora os defeitos vulgares em magnitude, para então, por meio do riso, levar-nos a uma superação catártica das imperfeições que nos cercam e, por vezes, ameaçam. É importante observar que na *Poética* de Aristóteles a tragédia e a comédia desfrutam de um estatuto de igualdade artística, sendo os dois gêneros igualmente válidos. Com base nisso, creio não ser demasiado inferir que somente a partir do acesso a ambos podemos chegar a ter uma visão mais completa do espírito humano, em suas contingências e possibilidades. Talvez fosse essa a conclusão da *Poética* de Aristóteles, um tratado cuja parte que se perdeu continha, ironicamente, as reflexões do filósofo acerca da arte do cômico (não por acaso a existência hipotética de uma cópia do manuscrito de Aristóteles é o argumento que move a trama do genial romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco).

Se Aristóteles está correto, pelo menos em parte, é fácil entender por que a comédia se apresenta como o gênero por excelência da sátira moral, tanto na dimensão social quanto política. Apontar traços comportamentais que julgamos negativos, plasmados em atitudes questionáveis, nos incita à mordacidade crítica; já na tragédia, os defeitos são sublimados em nome de sentimentos e ideais grandiosos, o que nos faz admirar os heróis, sem que por isso desejemos sofrer as duras consequências de seus atos. Na comédia, impera a inconsequência; na tragédia, o sentido de consequência é esmagador. A comédia se resolve numa acomodação final em que o vilão recebe algum tipo de corretivo, porém o mundo não se endireita por causa disso. Embora o desfecho da história seja feliz, a realidade continuará sendo imperfeita; continuaremos a padecer com os defeitos que tornam o outro grotesco, e que poderiam tornar-nos também.

Mas será que Aristóteles estaria inteiramente correto em sua maneira de conceituar a comédia, ou haveria algo além da representação artística dos defeitos e vulgaridades humanas que explique a transcendência da comédia enquanto gênero literário?

Quando olhamos retrospectivamente para os maiores clássicos da literatura ocidental, *Dom Quixote de la Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, desponta como uma das primeiras obras marcadas por evidente traço humorístico. Escrito nos primórdios do século XVII, ainda soa incrivelmente atual. A história retrata as peripécias do fidalgo Dom Quixote, o qual, depois de muita leitura, acaba por confundir realidade com ficção; imbuído de nobres sentimentos, lança-se, em delírio, a empresas heroicas, que resultam invariavelmente em fiasco. O protagonista é acompanhado por Sancho Pança, seu fiel escudeiro, que simboliza o homem plebeu, aferrado à materialidade, munido de uma visão prática da vida. O tom humorístico da história decorre do choque entre o ideal cavaleiresco e o caráter mundano da realidade. É patético assistir ao delirante fidalgo bater-se contra inimigos imaginários, que representam, em seu conjunto, um estado de coisas essencialmente impérvio ao heroísmo e a qualquer transcendência.

É justamente a incongruência, tão bem exemplificada em Dom Quixote pela discrepância entre o imaginado e o real, o elemento que viria caracterizar a visão contemporânea do humor. A partir do século XIX, com Schopenhauer e Nietzsche, o humor ganha um novo estatuto filosófico, passando a ser encarado como um recurso crítico indispensável à compreensão da realidade. O riso seria, então, um produto oriundo do desencaixe entre a representação da realidade, tal como concebida pela razão, e a experiência direta da vida, sujeita a pulsões e à imprevisibilidade. Moldar a vida de acordo a formas e conceitos ideais, tal como, desde Platão, pretendem os pensadores metafísicos, é um programa que encontra no humor uma força naturalmente contrária. Isso explica o caráter incômodo do riso: o que incomoda não é apenas a visão perturbadora do que há de torto em nosso semelhante, como entendia Aristóteles, mas também, e, talvez, sobretudo, o súbito reconhecimento de que a realidade não se reduz às nossas representações teóricas, aos nossos ideais, àquilo que tomamos por verdade. Nesse sentido, o humor realiza o trabalho paradoxal de traduzir a condição humana para uma contemporaneidade que não se cansa de fabricar “verdades” e mitos. Não é de estranhar, portanto, que a obra-prima de Cervantes seja mais valorizada e compreendida hoje, pela força explicativa de sua metáfora central, do que na época em que foi escrita.

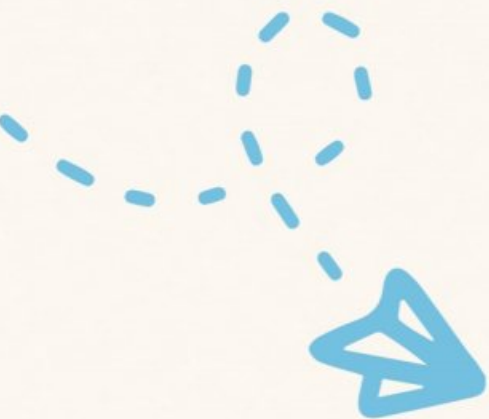
No quadro da grande literatura brasileira, parece-me que o humor foi incorporado à prosa sobretudo a partir de Machado de Assis, com *Memórias póstuma de Brás Cubas*, ainda antes que seu novo estatuto filosófico estivesse plenamente configurado. Em *Memórias póstumas*, a autoironia do narrador, que vem a ser o defunto do protagonista, perpassa o relato desencantado da própria vida. É ele quem nos conta sua história de indivíduo desprovido de valor, ou incapaz de realizações, alguém que carrega a consciência de sua irrelevância. Não sei se a autoironia serviu de alguma coisa a Brás Cubas, mas esse traço humorístico é o que mantém o leitor interessado, desde o princípio, numa história que merece o deboche do próprio narrador-defunto.

Desde Machado, a potencialidade do humor para pôr a nu as mazelas e idiosincrasias contemporâneas tem servido a vários importantes escritores nacionais. Dentro de minha modesta experiência pessoal como autor, o viés humorístico tem estado presente em boa parte dos escritos em prosa: dois livros de contos, um de crônicas, e o romance *Antes do fim do riso*, recém-lançado, que classifico como uma distopia humorística. Nesses trabalhos, o humor faz refletir, de modo divertido, acerca das perplexidades suscitadas pela experiência contemporânea, com sua profusão de opiniões, crenças e comportamentos divergentes, não raro conflitantes, que permeiam a existência individual e coletiva nas mais diferentes esferas da vida.

Ao explorar as incongruências de um mundo prolixo e complexo, o humor literário nos faz encontrar razões para o riso, e isso poderia significar, em linha com o que pensava Nietzsche, uma prova de sabedoria.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata o tem levado a vários países. É autor de dois livros de contos, três de poesia e um de crônicas humorísticas. Em 2024, lança seu romance de estreia: *Antes do fim do riso*, pela editora Oito e Meio. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. - Facebook: Bert Jr. - Site: www.bertjr.com.br.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



POR JÉNERSON ALVES

CORDEL RECONTA HISTÓRIA DE

Inácio da Cantingueira

POETA É UM DOS PIONEIROS DA LITERATURA
NEGRA NO BRASIL



A história de um cantador negro escravizado é recontada através da literatura de cordel. O poeta pernambucano Jénerson Alves está lançando o cordel “Inácio da Catingueira, o poeta escravo”, no qual narra em versos aspectos biográficos do repentista do século XIX, considerado um dos pioneiros da literatura negra no Brasil.

Segundo o autor, o objetivo da obra é ressaltar o legado de Inácio da Catingueira no cenário literário nacional. “Embora as informações que temos sobre Inácio sejam um tanto fragmentárias, vemos que ele defendia a igualdade racial em seus versos. Inácio fez da arte uma ferramenta de conscientização, de tal modo que conquistou a alforria por conta de sua produção artística”, observa Jénerson.

Escrito em sextilhas, o folheto conta com 20 estrofes ‘pegando na deixa’ (expressão popular para o esquema em que uma estrofe inicia com a mesma rima da anterior). A capa conta com um desenho do artista plástico Luzimar Alves.

O cordel está disponível nos formatos físico e on-line. A versão impressa foi produzida pela CordEditora, empresa artesanal localizada em Caruaru-PE, e está sendo comercializada nos principais pontos de venda de produtos culturais nordestinos. O formato e-book está à venda pelo site da Amazon.

Sobre Inácio da Catingueira

Analfabeto e filho de pai desconhecido, Inácio da Catingueira (1845-1878?) foi um repentista brasileiro escravizado. A alcunha ‘Inácio da Catingueira’ representa que ele sequer possuía sobrenome, mas viveu na região paraibana da Catingueira.

Escaneie o QR Code e acesse a página de venda do Cordel no site da Amazon



Sobre Jénerson Alves

Pernambucano de Palmares, mas vivendo em Caruaru-PE, Jénerson Alves é filho de Jessé Alves de Oliveira (em memória) e Jacira Silva. Jornalista e professor, o autor também se dedica à poesia popular escrita e improvisada. É um dos fundadores da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, onde assume a cadeira nº 7, dedicada a Inácio da Catingueira.



- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES**

DE

~~R\$ 180~~

POR

R\$ 140

**VALOR PROMOCIONAL VÁLIDO
DO DIA**

29/04/2024 A 10/05/2024

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**

PACOTE
**DIVULGAÇÃO
PARA ESCRITORES**

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



Nesta Palavra Tudo Se Resume -

Mãe

Por Sellma Luanny

Sou e estou graças a ti...
e tu graças à tua mãe...
e ela à dela... à dela...
numa sequência aos primórdios
de tudo a se ligar.

Mãe, a cada lembrança
a saudade de ti, retorna.
Por cenas do passado
o meu pensamento vagueia
no reacender da memória.

Imagino que para ti, mãe,
saudosos momentos houve
quando a tua mãe, ao teu
coração, lembrada chegava.
E tu sentias como eu, agora.

E neste estender de mães
até o iniciar dos tempos...
graças à mãe Natureza...
à mãe Gaia... estelares
cósmica... tanto dedicar!

E tudo se resume a "Mãe"...
princípio... origem... luz... vida...
filhos e filhas... E a saudade
do amor de mãe... a ressurgir
como hoje... num marco.

Na permanência, tu, mãe,
amorosamente estendida
pelo fio da tua existência
na minha essência de filha...
tua... teu sangue e vida.



Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



MicroConto de Ouro

Concurso Literário para Microcontos

Inscrições abertas!

1º lugar - R\$ 4.004,00

2º lugar - R\$ 2.004,00

3º lugar - R\$ 1.504,00

**Premiação
em dinheiro**

**Livro dos
selecionados**

Certificados

SAIBA MAIS NO LINK:

www.casabrasileiradelivros.com/microcontodeouro-2024

CAMAFEU

Por Camila Concato

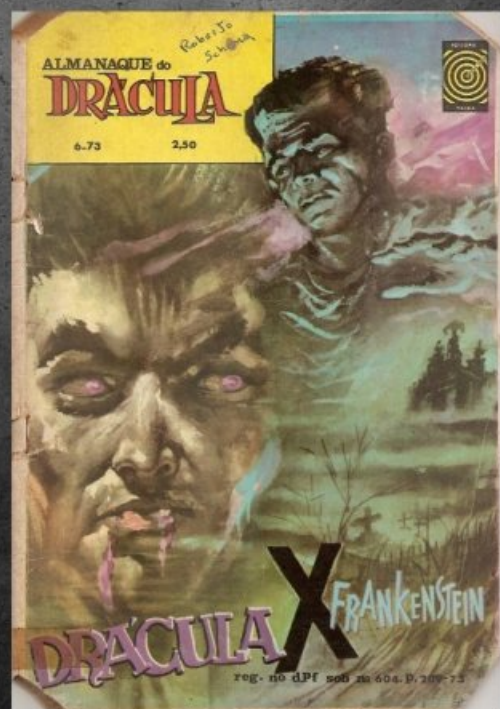
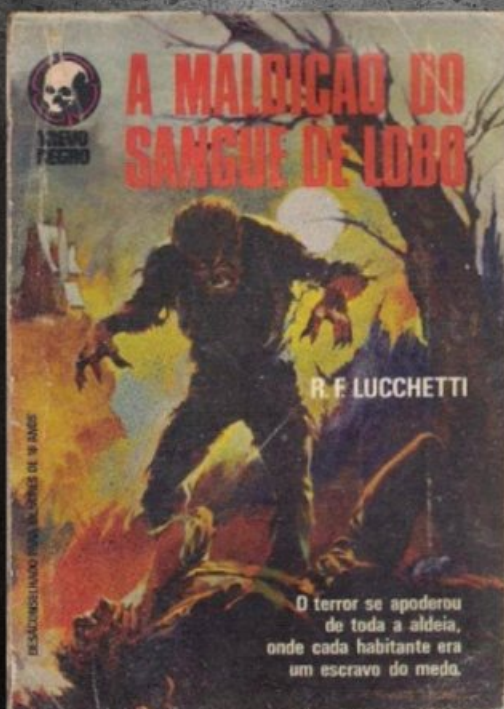
Meu gélido camafeu
mostra minha morta infância:
Ainda memórias.

Camila Concato é Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie [2022], bolsista Mackenzie. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie [2018], bolsista CAPES. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado [1998]. Atualmente trabalha no Colégio Bandeirantes, em São Paulo/SP.

RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI O "TIO VAMPIRO"



POR ROBERTO SCHIMA



Foi através de uma postagem de Ademir Pascale, editor-chefe da revista “Conexão Literatura”, no Facebook em 06/04/2024, que eu soube do falecimento do ficcionista Rubens Francisco Lucchetti (29/01/1930 - 04/04/2024), mais conhecido como R.F.Lucchetti, embora eu, carinhosamente, o tenha apelidado (somente para os meus ouvidos e de minha esposa) de “Tio Vampiro”. A postagem em questão divulgava o *link* de um artigo do *blog* “Coletive em Movimento”, intitulado “Morre R.F. Lucchetti, ícone do terror e da literatura pulp brasileira”, de autoria de Paulo Kobielski¹.

Embora a notícia já fosse esperada para qualquer momento, face à saúde debilitada e a idade avançada, não deixou de entristecer-me, afinal, suas histórias me acompanharam desde 1975, quando eu tinha quatorze anos e adquiria em sebos os livros de bolso da série Trevo Negro, publicados pela Cedibra: “A maldição do sangue de lobo”, “Sete ventres para o demônio”, “No domínio do mistério”, “A volta de Frankenstein”, “Nos domínios de Drácula”, “Os Olhos do Vampiro” etc. Talvez conhecesse seus trabalhos até antes, a considerar as leituras que eu fazia de gibis de terror da Editora Taika (ex: “Seleções de Terror”, “Drácula” etc.), entre outros. Some-se a isso o fato do Sr. Lucchetti utilizar-se de inúmeros pseudônimos. Ah, outra obra que me ficou na memória foi o livro “Legião de Vampiros”, da Editora Edrel, adquirido em uma banca de jornal em São Vicente. Infelizmente, perdi e nunca mais vi. Trazia o conto de uma vampira que se transformava em borboleta ou mariposa, cujo fim foi ser empalada por um palito de madeira e adicionada aos espécimes de um colecionador. A história ficou marcada na memória do garoto que fui, e adoraria relê-la, aliás, quem dera ter novamente um exemplar em mãos... Entretanto, segundo o Sr. Lucchetti, a tiragem foi pequena.

Em 26/03/1976, adquiri o primeiro volume da “Coleção Terror Nostalgia”, Editora Taika. Tratava-se de uma parceria do Sr. Lucchetti com o ilustre artista Nico Rosso, autor de dezenas de capas de livros da Coleção Saraiva. A temática girava em torno do conde Drácula, e trazia várias histórias em quadrinhos desenhadas por Rosso, além de textos tratando do vampiro e de seu criador, o irlandês Abraham Stoker. Cheguei a adquirir o segundo volume, todavia, ignoro se houve continuidade. Infelizmente, as publicações na época tendiam a ser interrompidas bruscamente. Em 1989, enviei pelo correio os exemplares para Ribeirão Preto, a fim de tentar conseguir o autógrafo do Sr. Lucchetti. Gentilmente, atendeu-me, fazendo-o em 13/05/1989 e devolvendo os volumes da mesma forma. Escreveu:

“Para Roberto Schima. Obrigado pela oportunidade de rever os magníficos desenhos do meu amigo Nico Rosso. Um abraço do Rubens Francisco Lucchetti. Ribeirão Preto, 13-5-89”.

Como não poderia deixar de ser, fiquei todo abobalhado como qualquer fã ficaria. Claro que, ao menos essas obras consegui preservar!

Sobre Nico Rosso, o Sr. Lucchetti assim se manifestou em nossas mensagens:

“Trabalhei muito com o Nico, criando os gibis A Cripta e O Estranho Mundo de Zé do Caixão. (...) Nós nos encontrávamos todas as segundas-feiras, pela manhã, na casa dele. Discutíamos os argumentos das histórias, o Nico fazia alguns esboços de páginas

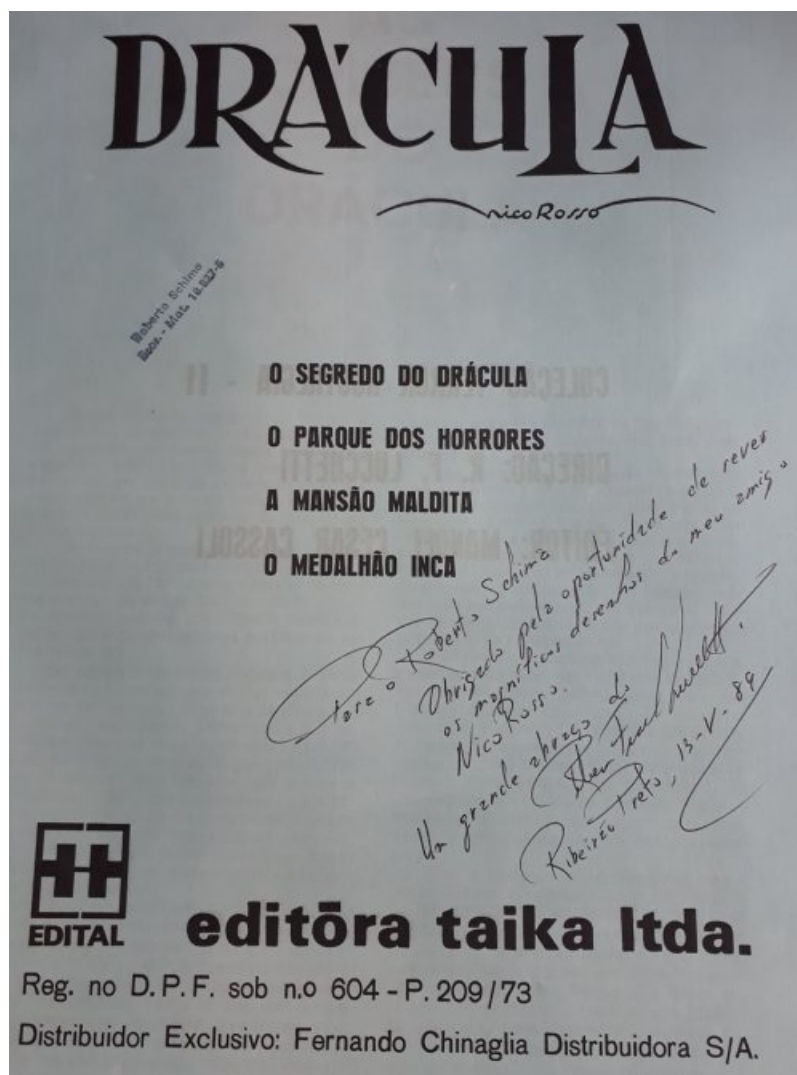
¹ <https://coletivearts.blogspot.com/2024/04/arte-e-cultura.html>

e, a partir desses esboços, eu escrevia os roteiros, colocando os diálogos. Era um gentleman. Conhecia como poucos a arte do Desenho e de como dar dinamismo a esses desenhos.”

(Abrindo um parênteses, é digno de nota mencionar — ao menos para mim — que o Drácula de Nico Rosso foi a minha versão favorita do conde nos gibis, chegando a imitar seus traços em meus rabiscos juvenis. De quebra, ainda na adolescência, inspirei a criação de minha própria assinatura na assinatura dele... Fecha parênteses.)

Os trabalhos do Sr. Lucchetti enriqueceram a vida do garoto que eu fui e que amava os monstros, por mais assustadores que fossem.

Minhas primeiras informações sobre o autor vieram da revista “O Grande Livro do Terror!” nº 1, de 1978, publicado pela Editora Argos, na matéria intitulada “Theodore Field? Terence Gray? Não! Rubens Francisco Lucchetti!”. Um exemplar que, afortunadamente, também sobreviveu às desventuras da vida e conservo até os dias atuais.



Não acompanhei todos os seus trabalhos e tampouco sou um especialista do conjunto de sua obra ou de sua vida. Sou apenas alguém que gostou do pouco que conheceu a ponto disso ter deixado suas marcas pelo restante da vida. Assim, a minha pretensão é menos a de compor um artigo e mais a de me ater ao lado pessoal em relação ao trabalho dele.

Além da perda do Sr. Lucchetti em si, entristeceu-me constatar que ele — não obstante tudo o quanto realizou —, provavelmente, partiu desgostoso. Digo isso a considerar uma entrevista concedida ao canal SescTV (Youtube), cujo vídeo ostentou o título: “R. F. Lucchetti - Episódio completo: Lugar de livro é na banca de jornal”², postado há quatro anos. Em dado momento (cerca de 14min

20s), sentado num estreito corredor formado por cerca de mil e quinhentos livros, foi

² <https://www.youtube.com/watch?v=XZK5QqTMv7g>

questionado pelo entrevistador sobre o que pensaria ao observar ao redor e refletir sobre tantas histórias que escreveu. Respondeu:

"Perdi tempo... Perdi meu tempo fazendo bobagem! Eu queria escrever... Olha, no máximo dez livros. Eu faria tudo quanto queria f(a)zer?). O que eu queria fazer, eu não consegui porque eles me obrigavam... Você fica bitolado. A pior coisa do bolsilivro é você ficar bitolado. É você escrever aquela... Ficar condicionado àquilo lá. Isso é terrível! É massacrante! Então... é... Eu fui culpado. Não culpo ninguém. Eu fui culpado. Agora... mas eu acho que foi perda de tempo. Porque a maioria nem como papel velho serve. É lixo! É lixo editorial! A maioria. Pode... Não dá para escapar, não dá para sobrar nada..."

A partir de 23/01/2016 eu trocara algumas mensagens com o Sr. Lucchetti através do Facebook. Então, bastante incomodado com tal declaração, escrevi-lhe em 17/01/2024:

"Senti-me não na obrigação, mas no dever de escrever ao senhor. Concordei quando o senhor mencionou: '... Nunca pensei em escrever para grande quantidade de pessoas (...) O verdadeiro autor mesmo, aquele que é artista, ele não está preocupado com o leitor, ele está preocupado com ele mesmo, em fazer algo que satisfaça a ele. Se satisfizer o leitor, muito bem! Eu, pelo menos, não estou ligando...' Como o senhor, escrevo aquilo que me agrada e da forma que me agrada. Se mais alguém gostar, maravilha, todavia, não é esse o objetivo principal e, talvez, nem seja sequer o objetivo. A partir do momento em que a gente escreve porque gosta e para agradar a nós próprios, teremos dado o melhor de nós. Se o leitor não gostar, terá milhares de outros autores a quem recorrer. Mas não mudarei meu modo de escrever para satisfazer o gosto de fulano, beltrano ou sicrano. Por outro lado, estou ciente de que o senhor, por necessidade de sobrevivência, acaba escrevendo mais por obrigação a fim de atender a exigência dos editores e cumprindo prazos apertados. Nisso vem o meu segundo parecer em relação à entrevista. Não pude deixar de me sentir entristecido quando — no estreito corredor de sua biblioteca, entre os mais de mil e quinhentos títulos que escreveu — foi indagado pelo entrevistador sobre o que pensava quando olhava ao redor e refletia sobre tantas histórias criadas. Ao que o senhor respondeu: 'Perdi tempo... Perdi meu tempo fazendo bobagem! (...) Porque a maioria nem como papel velho serve. É lixo! É lixo editorial!...' Decerto, não foi a resposta que o entrevistador esperava. Nem eu, confesso. Pode-se questionar as virtudes literárias de textos escritos por obrigação, sob pressão, sucessivamente tal qual em uma linha de montagem, pela básica necessidade de pagar as contas e colocar comida no prato. CONTUDO, para milhares de leitores — entre os quais me incluo — foram momentos preciosos e gratificantes de entretenimento. Suas histórias deixaram marcas nas histórias de cada um. Fez e faz parte da vida de muita gente. NÃO FOI PERDA DE TEMPO PARA NÓS! Pensei no ator Richard Basehart, protagonista de 'Viagem ao Fundo do Mar'. Dizia-se que ele, um ator de origem teatral e shakespereana, protagonista de 'Moby Dick', de John Huston, sentia-se frustrado por ter chegado ao ponto de trabalhar num seriado de TV que, se começara promissor com histórias de espionagem, terminara por se tornar infantilóide, limitando a tripulação a enfrentar os 'monstros da semana': lobisomem, múmia, homem-lagosta, fantasma, pirata, homem-fóssil, palhaço, alienígenas etc. Parece que o ator até tomava uns porres a fim de desabafar as mágoas. Entretanto, quão importante foi o seriado para milhares de crianças! Gerações inteiras se empolgaram e se divertiram com aquelas aventuras deliciosamente absurdas. Quantos adultos de hoje (agora pais e avós) não se recordam com carinho daquelas personagens, de suas vozes, dos efeitos sonoros e dos monstros? Assim, Sr. Lucchetti, faço votos de que, desde a realização da entrevista, sua consideração pelos textos que escreveu naqueles anos difíceis tenha amenizado, quiçá revertido, mormente por estar relançando parte das histórias da forma como o

senhor deseja, em versões definitivas. Repito: NÃO FOI PERDA DE TEMPO! O senhor e os mundos que criou fazem parte da história e da vida de muita gente. E o garoto que eu fui em meados dos anos 70 agradece por haver enriquecido a minha adolescência. Abraço.”

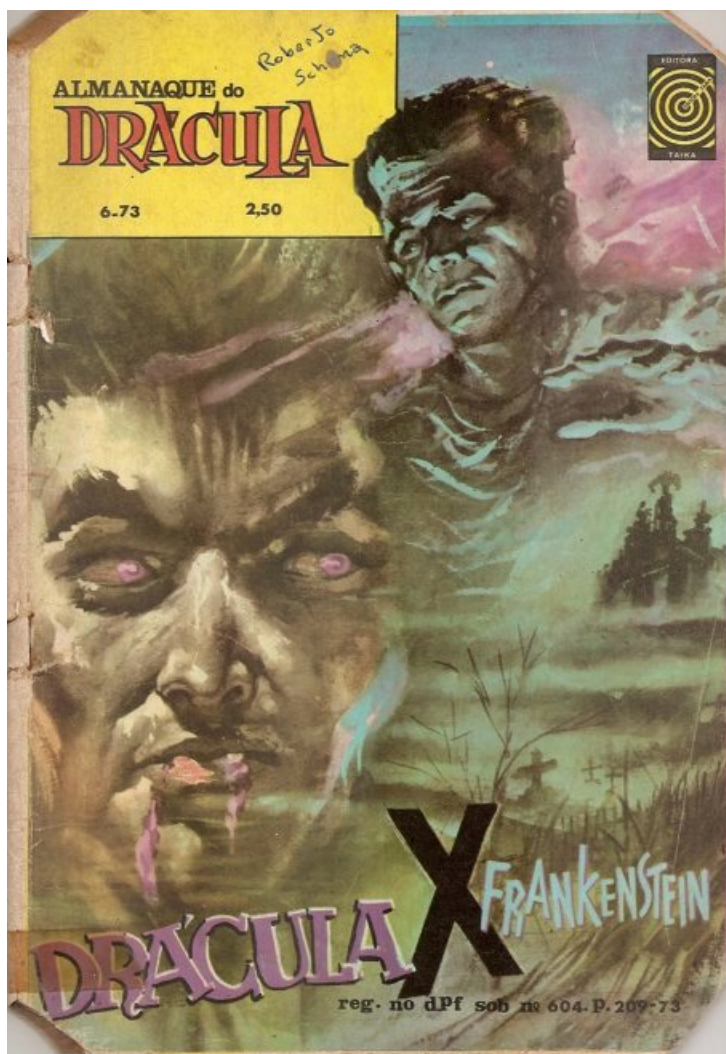
Ao que ele respondeu em 18/01/2024:

“Olá. Não, infelizmente, ainda não mudei minha ideia quanto à maioria daquilo que escrevi. Escrevi por necessidade, para sobreviver, num país em que uma enorme parcela da população não lê ou não tem condições de ler nem uma bula de remédio. Apenas umas cem obras se salvam. São aquelas que estão sendo relançadas ou lançadas pela Editorial Corvo. Agradeço suas palavras. Forte abraço, meu caro amigo.”

Ainda sobre a questão, alguns anos antes, em 01/02/2020, ele escrevera:

“Olá, Roberto. Eu renego tudo o que foi lançado até 2013. Os livros foram adaptados, mutilados/cortados. Capítulos inteiros sumiram. Outros foram acrescentados, sem o meu conhecimento/consentimento. A minha obra é a que está sendo lançada a partir de Emir Ribeiro Ilustra Fantasmagorias de R. F. Lucchetti (Editora Devaneio, 2013). Todo o resto, pelo menos para mim, não tem valor algum. Nem sentimental nem nada. Grande abraço.”

Ele se foi amargurado, seja por ter escrito muita coisa apenas por obrigação, pressionado por prazos a cumprir, limites de números de páginas, temas com os quais não se identificava, seja pelas mutilações e acréscimos referidos, seja por, segundo o referido artigo de Paulo Kobielski, não receber nenhum centavo a título de direitos autorais, seja pela falta do devido reconhecimento, a ponto de, na velhice, ter que vender seus livros pessoalmente pela Internet. Sob esse pormenor, para quem adquiriu as obras foi um privilégio e um presente, pois os livros vinham com dedicatória e autógrafo do autor (depois, apenas autógrafo, na medida em que a saúde deteriorava.) Todavia, é um disparate nenhuma grande editora ter lançado as obras do Sr. Lucchetti, divulgado adequadamente e distribuído nas principais livrarias do país. Eu sei, eu sei... A Internet gerou uma crise no mercado editorial, enterrou as bancas de jornais e fez muitas livrarias fecharem. Sem mencionar a ausência de uma tradição de leitura no eterno “país do



futuro” alardeado por Stefan Zweig em obra homônima. Mas deixa eu choramingar. Uma lástima também que suas histórias não tenham sido traduzidas para outros idiomas e, se o foram — repito, não sou especialista em R. F. Lucchetti como, de resto, em coisa alguma —, não tenham tido o merecido respaldo. Afinal, se até *Joe Coffin* acabou sendo conhecido pelos gringos...

Tenho cá comigo que ainda se está a dever a publicação de um ou mais livros em capa dura, papel couché e ricamente ilustrada de todas as suas histórias ou, pelo menos, daquelas que ele considerava mais relevantes. Quem sabe, incluindo até suas ilustrações, pois, para quem não sabe, ele foi um hábil desenhista também, além de poeta.

Não vou nem mencionar a falta de reconhecimento por parte daqueles que se dizem ater à literatura “séria”, acadêmica ou coisa que o valha. Ora, não me digam que não cresceram lendo histórias em quadrinhos!

Recentemente, fiz o seguinte comentário no Facebook, ao saber de uma postagem de Marco Aurélio Lucchetti, seu filho, sobre a gravidade do estado de saúde do pai:

“Em outra realidade, poderia ter sido tão reconhecido quanto Stephen King o é para os americanos. As histórias de R. F. Lucchetti enriqueceram a vida do adolescente que fui e que amava os monstros, seja através dos enredos para os quadrinhos de terror, seja através das noveletas da série de livros de bolso ‘Trevo Negro’ (Ex. ‘A Maldição do Sangue de Lobo’). Ele produziu muita coisa e continuava a fazê-lo até há pouco tempo, interrompendo as atividades devido a saúde debilitada. Foi triste assistir a uma entrevista dele, disponível no YouTube, na qual disse ter perdido tempo e que a maior parte do que escreveu não serviria nem como papel velho. Discordo veementemente! Não somente eu, mas, tenho certeza, todo um pequeno, porém seleto círculo de admiradores os quais compartilharam e viveram os inúmeros mundos por ele criados. O tempo cuidará de sedimentar essa verdade. Muito obrigado, ‘tio vampiro!’”

Desculpem-me se certos trechos soam repetitivos.

Eu acabei perdendo os exemplares da série Trevo Negro adquiridos quando garoto. Em anos posteriores, consegui achar quatro: “Sete ventres para o demônio”, “A maldição do sangue de lobo”, “À meia-noite levarei sua alma” e “O demônio exorcista”. Felizmente, o Sr. Lucchetti me avisou em nosso primeiro contato pelo Facebook:

“Algumas das histórias publicadas na Trevo Negro serão republicadas, com acréscimos, revisadas e reescritas, na Coleção R. F. Lucchetti, que está sendo publicada pela Editorial Corvo. Os dois primeiros volumes já foram lançados: ‘As Máscaras do Pavor’ e ‘O Museu dos Horrores’. (...) Aqueles livros foram mutilados. Muitas histórias saíram incompletas. (...) Agora, estou restaurando-as e lançando-as como deveriam ter sido publicadas na época. (...) De várias foram cortadas capítulos inteiros. Tudo para adequar ao tamanho dos livros da Cedibra (128 páginas).”

Adquiri os dezesseis primeiros volumes. Desse modo, pude minimizar a perda. Contudo, quem sabe, algum dia eu reencontre os originais da Trevo Negro, nem que seja a título de nostalgia, por mais que o Sr. Lucchetti não os apreciasse. Afortunadamente, em 2020, também pela Editorial Corvo, ele lançou a série “Reminiscências”, onde compartilhou parte de suas memórias e rica bagagem, dos quais adquiri os cinco

primeiros volumes. Relevante mencionar, ainda, a obra biográfica “Os três mundos de R. F. Lucchetti”, da Editora Criativo, também de 2020. Um tributo rico em imagens e informações.

Ainda sobre “O demônio exorcista”, ao mencioná-lo para o Sr. Lucchetti, ele acabou fazendo um comentário em sua página no Facebook em 31/08/2016:

“O Demônio Exorcista! Um comentário do Roberto Schima fez eu me lembrar desse livro. Foi um volume extra da coleção Trevo Negro. Ele me foi encomendado pelo diretor geral do Departamento Editorial da Cedibra, o Jaime Rodrigues, devido ao sucesso de O Exorcista, do William Peter Blatty, que fora publicado em 1973 pela Editora Nova Fronteira (confesso que nunca li o livro do Blatty). Achei o título ridículo. Assim como o pseudônimo que me deram: Peter L. Brady. Devido ao título e ao pseudônimo, que lembravam o título e o nome do autor de O Exorcista, a Nova fronteira pediu que o livro fosse recolhido. A Cedibra acatou a recomendação da Nova Fronteira, e pouquíssimos exemplares de O Demônio Exorcista foram efetivamente vendidos. Escrevi essa história no começo de 1974 na própria redação da Cedibra. Devo tê-la escrito em uma semana. E intitulei-a A Possuída. Para escrevê-la, tive de ler alguns livros sobre Demonologia, incluindo Da Demonialidade, que fora publicado pela Editorial Bruguera (antigo nome da Cedibra), com o título de Incubos e Súcubos. Escrito no século 17 pelo padre franciscano Louis Marie Sinistrari d'Ameno, a publicação de Da Demonialidade em Português foi sugerida pelo jornalista, escritor e tradutor T. G. Novais (muitos pensam que é um pseudônimo meu, mas não é. Foi, certamente, a pessoa mais estranha e enigmática que já conheci), que encontrou em suas andanças pelo mundo um exemplar publicado em Paris em 1876. Para terminar este meu comentário, informo que O Demônio Exorcista será o sexto volume da Coleção R. F. Lucchetti. Então, receberá de volta seu título original: A Possuída.”

Apesar dos desfalques e perdas sofridas pelo caminho, ao menos folgo-me por saber que, por força das circunstâncias acima citadas, disponho de um dos raros exemplares de “O demônio exorcista”, ao lado da sua versão definitiva e com o título original, “A possuída”!

Quanto a série “Reminiscências”, em 13/09/2016, escrevi para ele:

“Ah, uma pequena sugestão: Quem sabe o senhor poderia reunir os seus textos escritos no facebook e, após revisões, complementações ou adaptações que achasse necessário, lançá-los em livro, como uma série de crônicas, retalhos de memória ou algo assim?”

Ao que ele respondeu:

“Vou pensar a respeito.”

Tornei a mencionar o assunto outras vezes. Não estou dizendo que a série surgiu a partir disso, e com certeza, tampouco fui o primeiro ou o último a pensar a respeito. Obviamente, jamais tive a petulância de perguntar tal coisa a ele. Entrementes, não custa nada fantasiar... Se houve a mínima possibilidade do meus comentários terem se juntado a outros semelhantes a ponto de estimular o surgimento de “Reminiscências”, que grande honra seria! Só exponho o fato ao público agora, a título de curiosidade. Fica também a dica de que, caso a página

do Sr. Lucchetti seja mantida, o leitor contará com um farto material dessa natureza, onde poderá compartilhar a vasta experiência dele, recordações e opiniões.

Sobre o termo “Tio Vampiro”, trata-se do título de uma história que escrevi, publicada em duas partes na “Conexão Literatura”, edições nº 46³ e 47⁴, de abril e maio de 2019. Conforme expliquei ao Sr. Lucchetti em 26/04/2019:

“(…) Recentemente, compus uma história que faz uma ligeira referência ao senhor. É algo tosco de minha parte, mas expressa o meu agradecimento por suas histórias que enriqueceram a vida do garoto que fui. Ele está sendo publicado em duas partes na revista digital ‘Conexão Literatura’. A primeira saiu no nº 46 (abril) e a última sairá no próximo. Intitula-se “Tio Vampiro” (...). Não é nada demais, mas procurei expressar a meu modo o que significou seu trabalho a criança que eu fui. (...) No final da segunda parte da história há uma pequena ‘nota do autor’ que, espero, o editor Ademir Pascale irá publicar e que faz uma referência mais explícita de meu agradecimento ao senhor.”

Enviei os *links* das edições — cujo acesso e *download* são gratuitos — para ele, mas ignoro se chegou a baixar ou ler. Nem teria cabimento eu indagar. Contentei-me em saber que ele ficara ciente da existência dessa modesta homenagem. Cabe mencionar que o *e-book* “Tio Vampiro” será lançado em 18/04/2024 pela Editora Obook, cujo *download* estará igualmente livre de ônus. Eu tencionava enviar um exemplar do arquivo *epub* para o Sr. Lucchetti, Infelizmente, não houve tempo.

Ah, não posso deixar de mencionar a substancial entrevista concedida por ele para a edição nº 9⁵ da “Conexão Literatura”, cujo *download* pode ser feito através do site da revista.

Uma das inúmeras perguntas que o Sr. Lucchetti devia estar farto de ouvir e responder foi a respeito de seu processo de trabalho, como, a partir de uma folha em branco, criava os enredos. Original que sou, não deixei de indagar também. Escreveu:

“Não faço sinopse, nem rascunho. Crio a cena inicial e sei o final da história. Daí, vou escrevendo. Às vezes, ao terminar a história, o final se tornou totalmente diferente daquele que imaginei a princípio. São os personagens que vão conduzindo a narrativa.”

Em 04/06/2021, escrevi a ele:

“Olá, Sr. Lucchetti. Informo haver recebido o segundo volume de ‘Reminiscências’, bem como ‘Os Três Mundos de R. F. Lucchetti’. Obrigado. Preciosas e necessárias obras a preservarem seus pensamentos, sua carreira, sua experiência e sua rica produção. Acabo de descobrir, por exemplo, que foi o senhor quem escreveu ‘Confissões de uma estrela’! Lembro-me de que, na adolescência (mais ou menos na mesma época que lia os *pockets* da coleção “Trevo Negro”) vi um exemplar do livro em casa, certamente que meu falecido pai havia adquirido. O moleque xereta que havia em

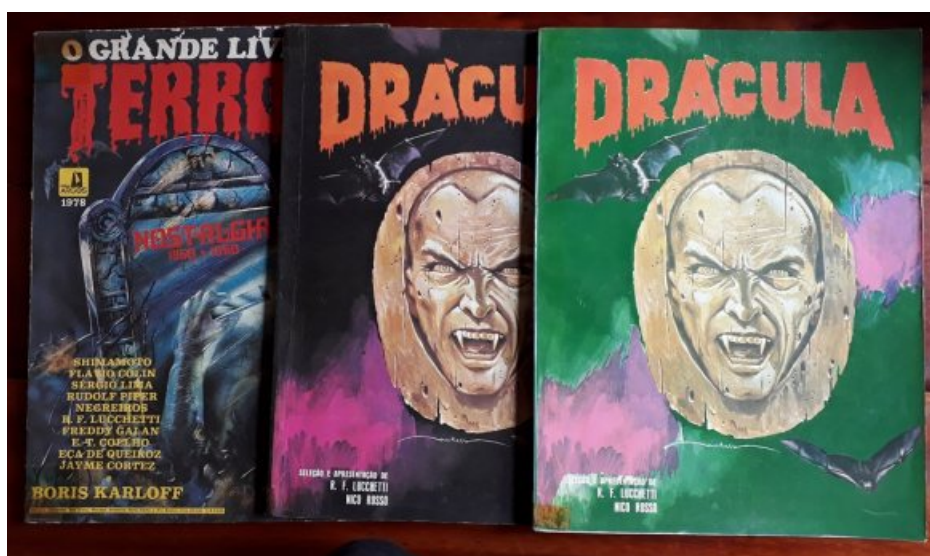
³ http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura46.pdf

⁴ http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura47.pdf

⁵ http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura9.pdf

mim pôs-se a lê-lo às escondidas. Anos mais tarde, fiquei imaginando se não seria uma biografia disfarçada da atriz francesa Catherine Deneuve. Agora, fico sabendo que o autor é o senhor. Pergunto-me em quantos trabalhos mais sob diferentes pseudônimos seus escritos não fizeram parte de minha vida. Essas obras, certamente, estão trazendo à tona várias surpresas.”

Em dado momento, mencionei a ele que, adquiria suas publicações aos quatorze anos, embora tivessem cenas de sexo e fossem destinadas ao público adulto. Ele chegou a se desculpar comigo! Claro que não era nenhuma responsabilidade dele se os donos de sebos não faziam questão de deixar de vender um livro ou revista proibidos para um moleque. O negócio era vender! E, convenhamos, tampouco o aborrecido maroto que eu fui, hormônios a florados, abriria mão de adquirir tais narrativas ou os gibis desenhados por Nico Rosso a exibir donzelas nuas a mercê do conde vampiro...



Bem, aqui encerro minha pequena retrospectiva do que representou e representa R. F. Lucchetti para mim. Sei que saiu repetitivo, confuso, sem muita lógica, direção ou cronologia. Conforme escrevi, não pretendi compor um artigo e, muito menos, um tratado sobre o

ficcionista. Há mãos de fato competentes que já fizeram ou farão. Somente quis expor o meu limitado parecer e deixar registrado o meu apreço e agradecimento, afinal, se desenhei monstros e escrevi contos de terror, ao menos parte da “culpa” foi dele.

Quem desejar saber mais sobre R. F. Lucchetti, há várias fontes na Internet, a começar pela já citada página dele no Facebook, na Wikipédia, *sites* e *blogs* diversos. Mas, leitor, não se engane: é bem provável que, em algum momento de sua vida, já tenha lido algo de autoria dele sem o saber.

Meu obrigado a Ademir Pascale, Editor-Chefe da revista “Conexão Literatura”, pelo convite que resultou nesta matéria e a oportunidade de, assim, prestar minha singela homenagem e relutante despedida.

Gratidão, Tio Vampiro!

Roberto Schima é Paulistano e neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) face a história "Como a Neve de Maio". Colaborador das revistas digitais "Conexão Literatura", "LiteraLivre" e "Obook". Participou de mais de trezentas antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

AVENTURAS PELO MUNDO

CONTOS E POEMAS - VOL. II

AVENTURAS PELO MUNDO

CONTOS E POEMAS - VOL. II

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

DICAS PARA LEITURA

TEMPO DE AMAR - VOL. X, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POESIAS AO VENTO - VOL. VIII, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



Mãe!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



**Quão bela palavra e quanto de energia irradia
Com certeza, a primeira a ser pronunciada
Por cada um de nós... e sorrindo
E ela fingindo nada acontecer, deixa a gotícula de lágrima escorrer**

**Corre sim, suavemente pela face... em todo o viver
Se estamos chegando ou em viagem partindo
Chora assim escondida... bem calada
E, tanto faz, por “tristeza” ou “alegria”**



**Nesses sentimentos
A todo momento
Guarda com carinho a emoção
E abre o mais que pode o coração**

**Esse “cofre”, para a MÃE não tem chave nem segredo
Sempre aberto a todas as sensações
Até mesmo as que produzem medos
E, para aconchegá-los, sabe transformá-los em vários corações**

**Assim, de todos sabe cuidar
Na exaustão sorri... não chora
Exala principalmente o amar
E só aconselha, a toda hora, como faz agora**

Da “FLOR”:



**Entregue-a carinhosamente
Com palavras amigas, sinceras somente
E tanto faz a idade
Importante, encharcar ao próximo de felicidade**



Do “AMOR”:

**Não esconda a emoção
Com alegria deixe nada importar ao se alojar no coração
Mesmo precisando um pequeno lugar a ocupar
Promova o sussurrar nos ouvidos do próximo: quanta delícia que sinto em te amar!**

Da “DOR”:

**Estimule enfrentar com serenidade
Se algum mal sentir, saiba do coração desviar
Sempre sorria, posto que verá aflorar a felicidade
Saiba! Surgirá um outro amor mais delicado a te amar**

Do “TEMPO QUE FOR”:

**Ah! Do tempo, aproveite o quanto for
Pior mal, não saber viver o “tal” amor
Abraçe-o carinhosamente
Seja querida a bela flor ofertada, tão preciosa, fruto de rara semente**

Lá “NA FRENTE” ...

**No final, quando a “hora” chegar
Saberá entender cada gotícula do seu chorar
Melhor dizer: eu sorrio!
Para que as tristezas sejam levadas, como peças, pelas águas do rio**

**Assim, com as mãos pelo tempo “maltratadas”
Espelhos refletindo “desfiladeiros” profundos na face
Sorria, mais ainda, sem disfarce**

Dizendo estar feliz, posto que ser MÃE... basta humildemente dar “AMOR” e mais nada



SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um **CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR**. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na **REVISTA CONEXÃO LITERATURA** – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto **MUNDO(S)**, com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. **ÂNGELO RODRIGUES**. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela **EDITORIA TREVO**, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: **MAIS DO QUE BUQUÊ** e **ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...**

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a **EDITORIA POESIA IMPOSSÍVEL**, do **GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO**, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: **NO CAMINHAR** e **SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...**

Com a Editora **ASTROLÁBIO**, do mesmo **GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO**, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: **ARDENTE ENCONTRO** e **SEIS MESES**.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII **PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA**, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da **MESA DE DEBATES** em Lisboa – Portugal com o Tema **ESCREVO POR QUÊ** adicionando o Poema **PORQUE ESCREVO**.

Com grande emoção, recebi o **CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO**, concedido em maio de 2022, pela **REVISTA CONEXÃO LITERATURA** no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou **ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA**, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. **RENEE BRAZZIL** na melodia e canto.

Instagram: [joaquimgouvea_](#)

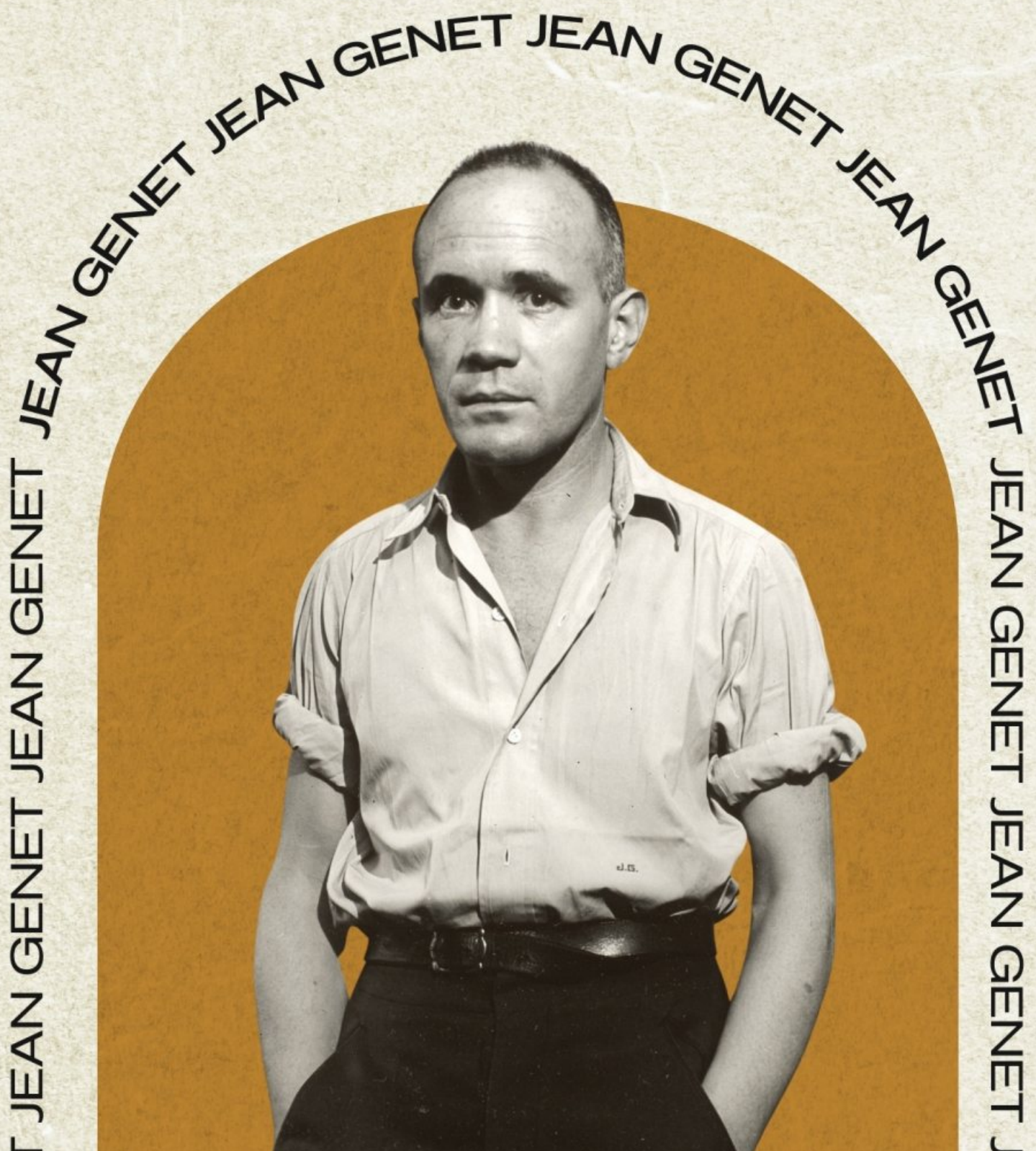
Email: mjgouvea@hotmail.com.



JEAN GENET:

ESCRITOR, MÁRTIR OU ATIVISTA

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Difícil encontrar algum intelectual que conteste o rótulo de que a literatura francesa é a mais importante, substantiva, criativa e inspiradora do mundo ocidental, mormente na poesia e na prosa ficcional, desde a época da virada da Idade Média para os tempos modernos, período que a Renascença imergiu, recauchutando todos os conhecimentos da Grécia Antiga e trazendo a tiracolo novas formas de expressão artística, principalmente no tocante às artes plásticas, que explodiram em novas cores e formas na península itálica e nas vizinhas Gália e Ibéria, respingando tintas na emergente ilha de Inglaterra.

Mas a Gália, França, já estabelecida como potência europeia, desde esse marco divisório que o renascentismo provocou à cultura, já vinha dando passos largos na arte do romance como os escritos grotescos de Francois Rabelais, que traziam críticas subjacentes à sociedade de então através das ações cavaleares dos seus personagens paquidérmicos Gargântua e Pantagruel.

A Era Moderna acabou e veio a virada para a Era Contemporânea, justamente na Revolução Francesa de 1899, com os revolucionários (em especial, os letrados) amparados nas letras vanguardistas dos escritores iluministas franceses. O romantismo surgiu em sequência com a força de Hugo e Dumas; o simbolismo seguiu na esteira com poetas de alto escalão como Rimbaud e Baudelaire, ao tempo em que, subjacentemente, o escrito de ficção subia o sarrafo da qualidade na voz e nas de letras realistas de gente do naipe de Flaubert e Zola.

Adveio o século XX e os franceses continuaram mandando e revolucionando nas letras, como Proust, com os seus escritos de grande talento e sensibilidade e Gide (ganhador de Nobel) que escrevia, segundo definição do próprio escritor, para libertar os demônios dentro de si e tentar harmonizar as suas contradições.

Gostaria de salientar que essa breve turnê pela literatura de França serviu apenas para ilustrar, consubstanciar e valorizar outros escribas franceses que amalgamaram a própria vida com a sua arte, como os escritores Gabrielle Colette, Antonin Artaud e o nosso herói da vez: Jean Genet.

Jean Genet começou a sua vida pelo avesso. Nascido em Paris, em 19 de dezembro de 1910, filho de uma prostituta e de pai desconhecido, foi largado à sarjeta e posto para adoção quando ainda era bebê. Amparado por uma família de um carpinteiro, que o cuidou com carinho e atenção, fosse o pequeno Jean uma criança normal talvez o seu destino estivesse traçado para ser um jovem que estudasse pelo menos o básico e se tornasse um cidadão proletário comum. No entanto, o menino tinha no sangue e na índole o gosto pela subversão, fugindo de casa inúmeras vezes e cometendo pequenos furtos. Após a morte da mãe adotiva, a vida do jovem Jean virou de vez de ponta à cabeça. Adotado de novo por um casal de idosos, ele começou a desaparecer todas as noites, sempre maquiado, e se debandou de vez para o universo das transgressões. Por atos repetidos de crimes e vadiagem, aos quinze anos, foi transferido para a colônia penal de Mettray, onde ficou detido de 2 de setembro de 1926 a 1 de março de 1929.

Após a saída da prisão, alistou-se na Legião Estrangeira onde não ficou muito tempo, devido a atos contumazes de libertinagem e insubordinação. No retorno à Paris, seguiu na vida de praticar furtos e outros crimes, sendo preso e solto várias vezes. A última pena, contudo, lhe valeu a possibilidade de prisão perpétua. Com a previsão de uma longa estadia no cárcere, Genet, que tinha o gosto por leitura, esboçou na cadeia o seu livro de poemas *Le condamné à mort*, impresso por ele mesmo, como também o romance *Nossa Senhora das Flores*, em 1944. Em seguida, deu luz a outro romance, *O milagre das rosas*, que chamou à atenção do intelectual Jean Cocteau, famoso poeta, romancista e cineasta.

A partir do contato com Cocteau — que ficou impressionado com o talento imberbe do presidiário —, a vida de Jean Genet sofre efeito inverso e todas as peças soltas da sua existência pareciam agora se encaixar como uma luva. Cocteau, com a ajuda de Jean-Paul Sartre, providenciou a publicação dos livros de Genet. Sartre, por seu turno, ficou fascinado com a vida e com o talento daquele prisioneiro artista incomum. Foi o passo para ele e Cocteau, em 1949, pedirem a ajuda do amigo, político e intelectual François Mitterrand, para que agisse juridicamente para que a pena do polêmico presidiário fosse suspensa. Mitterrand teve sucesso. O artista transgressor foi solto. A partir daí, Jean Genet nunca mais voltaria à prisão.

Livre para sempre, Genet começaria a publicar peças e roteiros para cinema, sempre obtendo relativo sucesso. Anos mais tarde publicaria o seu livro mais conhecido e mais vendido *Diário de um ladrão*, onde ele narra suas aventuras e andanças pela Europa, suas paixões (Genet era homossexual assumido) e seus sentimentos.

Mas a sua vida, apesar do sucesso e das amizades estelares, como os já citados Cocteau, Sartre e Mitterrand — ele também desfrutava do carinho e da estima de expoentes como Jacques Derrida, Alberto Moravia, Stravinsky, Foucault e Pompidou —, não era plana, sua alma erra irrequieta e ele parecia não abrir mão da polêmica e da controvérsia.

A partir da década de 60, começou a tomar partido da causa árabe participando de eventos e escrevendo material de contestação como a peça “Os biombos”, que provocou indignação aos ultranacionalistas franceses, como o jovem Jean-Marie Le Pen (que se tornaria líder da extrema-direita francesa).

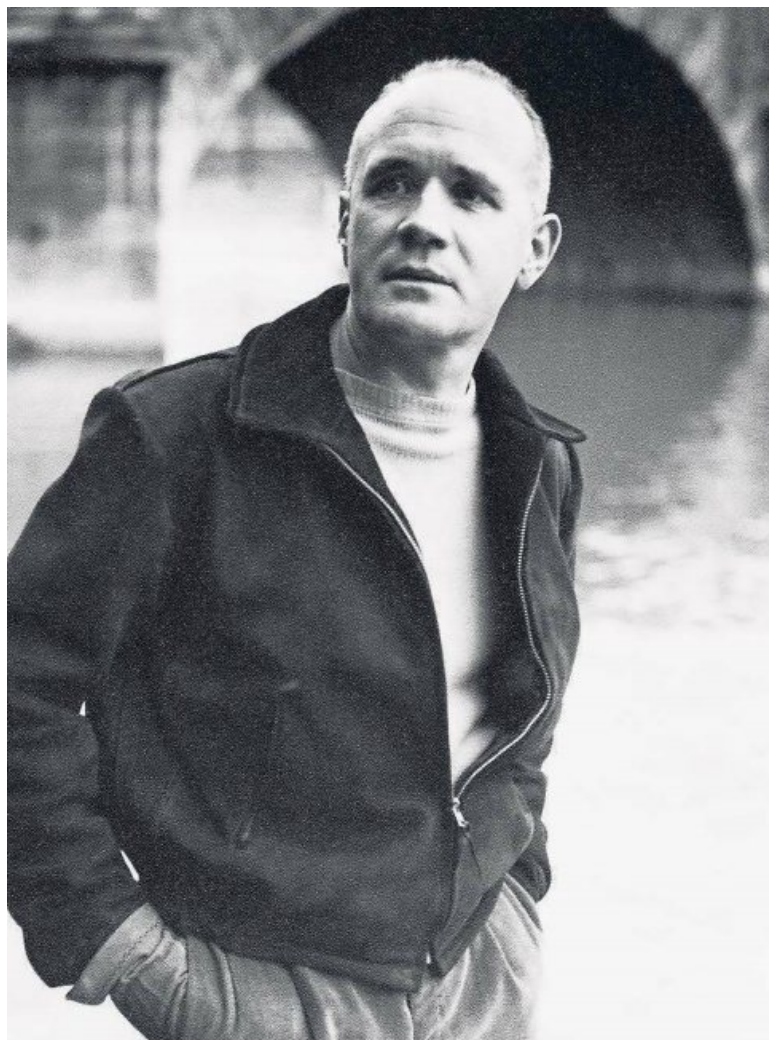
Mais tarde, no fim dos anos 60, Genet viajaria aos Estados Unidos a convite da liderança do movimento Panteras Negras, que lutava pela causa dos direitos civis dos afro-americanos, e provocou muita agitação e querelas nas terras de Tio Sam.

Já nos anos 70, veio ao Brasil a convite da atriz Ruth Escobar, com objetivo de ver a encenação da sua peça *O balcão*, adaptada e dirigida pela própria Ruth Escobar. Como uma das atrizes que se apresentaria na peça havia sido presa na véspera da apresentação, o próprio Genet fez questão de visitá-la na prisão, sem antes provocar muita confusão com os representantes do regime da ditadura militar de 64.

Enfim: esta é a síntese da vida de um grande artista, que faleceu em 15 de abril de 1986, de câncer na garganta.

Talvez um intelectual nunca não tenha sido tão venerado em vida por figuras célebres do mundo todo, chegando ao ponto de Jean-Paul Sartre lhe dedicar uma biografia de fôlego chamada *Saint Genet: ator e mártir* (Editora Vozes) e o grande Edmund White lançou mais tarde o clássico *Genet: uma biografia* (Editora Record).

"Só um punhado de escritores do século XX, tais como Kafka e Proust, têm uma voz e um estilo tão importantes, tão autoritários, tão irrevogáveis."
Susan Sontag sobre Genet.



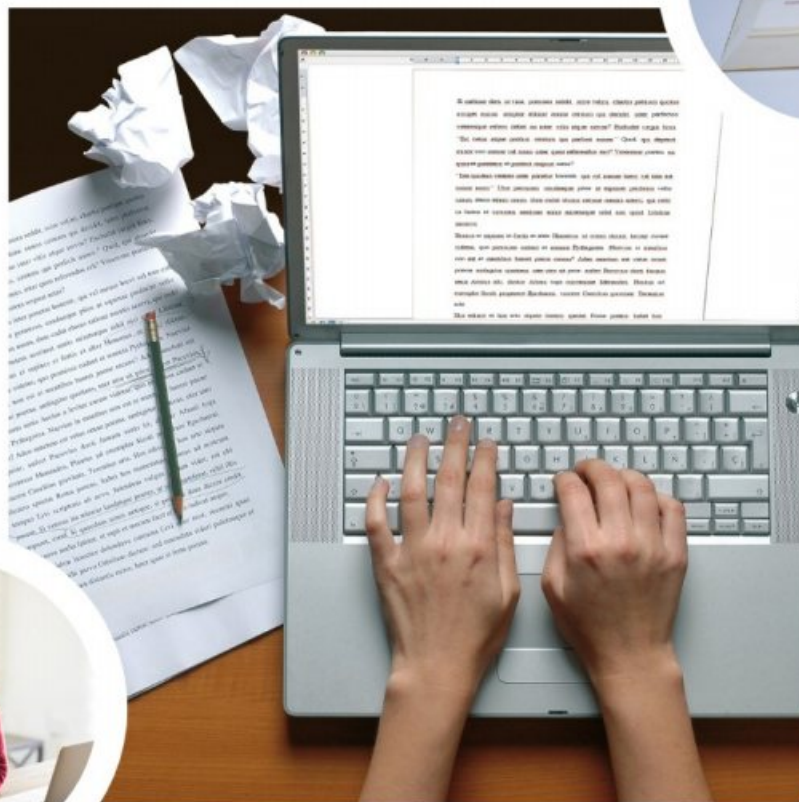
Jean Genet – Foto divulgação

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR JANETE SANTOS SILVA

DUALIDADE DA VIDA

No fluir do tempo, onde a vida se desdobra,
O encontro entre juventude e velhice,
Duas faces distintas, complementares do destino,
Um ballet de passos leves e fardos pesados.

A juventude irrompe com seu vigor sem fim,
Um fogo ardente que consome o coração,
Os sonhos são asas que nos levam ao infinito,
E a esperança pulsa em cada batida do peito.

Os risos são melodias, dançando no arco-íris,
As lágrimas são chuvas de emoção intensa,
A coragem é uma espada a desbravar caminhos incertos,
E a paixão é um vulcão em erupção, plena e intensa.

O tempo avança como um rio impiedoso,
E, aos poucos, a velhice cobre os cabelos com prata.
As forças minguam como uma vela ao vento,
Mas não há tristeza, apenas serenidade e paz.

A sabedoria se acumula como um tesouro guardado,
Cada ruga conta histórias de tempos passados.
O olhar contemplativo, reflete experiências vividas,
E as mãos trêmulas transmitem ternura e acolhimento.

A juventude olha para frente com olhos faiscantes,
A velhice olha para trás com gratidão pelo trajeto percorrido.
Entre esses dois momentos da vida há um elo sagrado,
Que une passado e futuro.

Juventude e velhice, lados distintos da mesma moeda.
Ambas têm sua beleza intrínseca e seu propósito sublime.
Na dança desses opostos, repousa o segredo da existência:
Viver plenamente cada fase, valorizando cada momento.

Sinfonia de vida, em constante movimento,
Onde a juventude e velhice caminham juntas,
Na interação desses universos, que encontram sentido:
No fluir dessa jornada, crescimento e aprendizado constante.

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais - FACE / Valença - Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Itapetinga - Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



**Janete Santos
Silva**

2024

Patrocine a

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

Escreva para o editor Ademir Pascale:
ademir@divulgalivros.org



www.revistaconexaoliteratura.com.br



GRAVIDEZ DO SOL

Por Mirian Menezes de Oliveira

A madrugada é grávida,
eternamente grávida...
numa rotina infinita de gestação...

Há a cotidiana espera...
o tom sobre tom...
o agito dos seres (coadjuvantes)

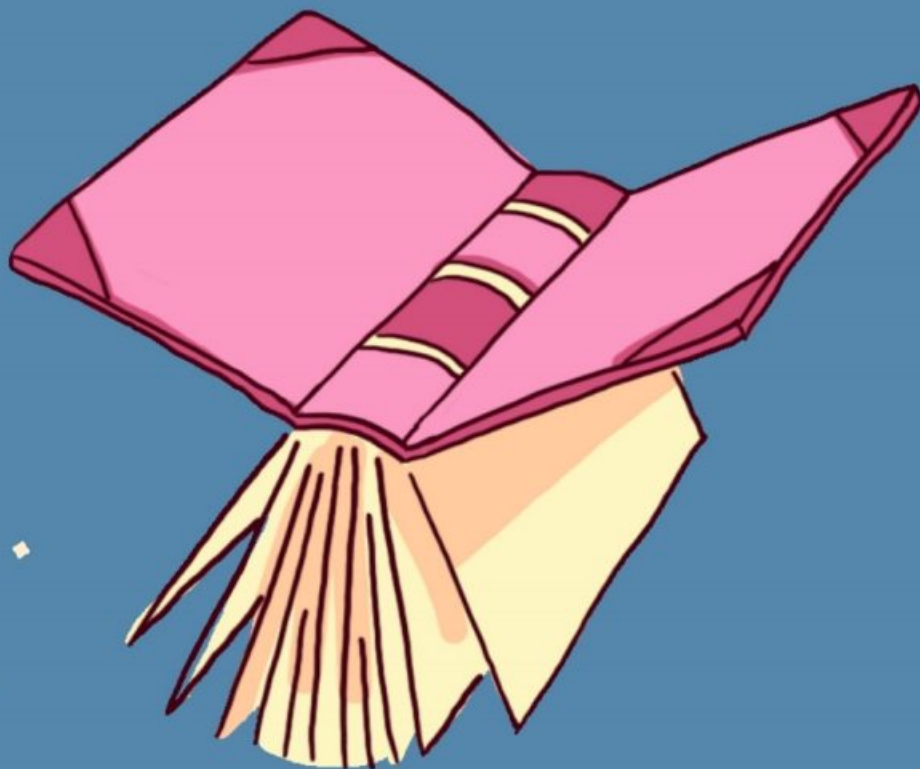
(Parto da manhã)

A expectativa dos seres e das cores
prolonga o deleite...
A manhã espera...
espera com êxtase...
O poderoso sol
que, da cor do parto, nasce!

Rápido...
Reluzente...
Ingênuo e austero ser!
Vermelho sangue...
Circular...

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura



**CARACTERIZAÇÃO DO
PERSONAGEM**

FABIANO

**DO ROMANCE
VIDAS SECAS**

**DE
GRACILIANO RAMOS**

POR MAX MOREIRA

Fabiano, um homem bruto e rude, porém capaz de analisar a si mesmo. Ele tem consciência de que mal sabe falar, mas admira os que sabem se expressar, como por exemplo, Seu Tomás da Bolandeira, seu ex-patrão. Este fragmento deixa bem claro as limitações de Fabiano: *"Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas"* (p. 20). O próprio Fabiano chega à conclusão de que não passa de um bicho. Vejamos o trecho seguinte: *"– Você é um bicho, Fabiano"* (p. 18). Esta é uma frase de animalização, dita por Fabiano a si próprio, já que ele conseguia sobreviver à seca e se orgulhava disso. Vejamos este outro fragmento para reforçar o que foi dito até aqui: *"Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades"* (p. 18).

Fabiano é um homem humilhado pela sociedade a que pertence, sendo que ele não consegue fugir de sua condição de animalização imposta pela estrutura social. Talvez seja por isso que Fabiano se sente um homem inferior diante das outras pessoas. Ele se sente inferior diante de pessoas como Seu Tomás da Bolandeira que possui um status econômico elevado, além de ser um homem extremamente culto. Seu Tomás é sempre referência na vida de Fabiano e de sua família. Por exemplo, Fabiano sempre utiliza palavras difíceis a fim de imitar seu ex-patrão, com o intuito de parecer "sabido". Este fragmento comprova muito bem isso: *"Em horas de maluqueira, Fabiano desejava imitá-lo [seu Tomás da bolandeira]: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convenciona-se de que melhorava. Tólice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo"* (p. 22). No entanto, nem mesmo sua família consegue entender suas palavras, porém, apenas Sinhá Vitória consegue entendê-lo, aconselhando-o por diversas vezes. Já o Soldado Amarelo representa para Fabiano a força do Governo a qual não se pode vencer. Fabiano, mesmo sendo preso injustamente pelo Soldado Amarelo, não consegue se vingar dele quando teve a chance, simplesmente por respeitar o posto de representante do Governo. Isso fica evidente neste trecho: *"Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade (grifo meu). Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro"* (p.100). Diante deste panorama, podemos concluir que não é só a seca que embrutece o retirante sertanejo, mas também as injustiças cometidas pelas autoridades.

Fabiano é honesto, e como ele não é um homem instruído, acaba sendo vítima da corrupção. Exemplo disso, é que Sinhá Vitória descobre que o patrão "rouba" nas contas do marido dela. Nota-se que Sinhá Vitória é bem esperta e o próprio Fabiano admite isso em algumas passagens. Vejamos este trecho: *"Não se conformou. Devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo"* (p. 93). Fabiano é um homem que, apesar de embrutecido, apresenta certa resistência à sua condição de animalização e, às vezes, consegue ser capaz de demonstrar sentimentos de humanização. O sentimento de culpa por matar a cachorra Baleia não o deixa. Vejamos este fragmento:

"Chegou-se a sua casa, com medo. Ia escurecendo e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as

desgraças eram muitas. Precisava consultar Sinhá Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara uma injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinhá Vitória pensaria como ele” (pp. 114-115).

Percebe-se que Fabiano, por diversas vezes, tenta enganar a si mesmo em seus devaneios. Vejamos o trecho que se segue: *“Fabiano contava façanhas. Começava moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. Necessitava esta convicção”* (p. 66). No entanto, as aspirações de Fabiano são sempre frustradas pela sua triste condição diante da miséria e das injustiças que o cercam. O fantasma da seca sempre assombra o espírito de Fabiano. A inquietação é constante. Podemos verificar isso no seguinte trecho: *“(…) e Fabiano sentia-a [a seca] de longe. Sentia-a como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas”* (p.112). Mesmo assim, Fabiano não consegue abandonar seus sonhos e desejos mais íntimos, assim como sua mulher, Sinhá Vitória. Apesar de Fabiano não conseguir se expressar da forma como ele almeja, ele tenta exteriorizar seus sentimentos e anseios, porém se decepciona por não ser capaz de ser compreendido, e, também, de não poder fazer nada para mudar sua triste realidade. Apenas Sinhá Vitória consegue compreender seus anseios, o que acaba sendo um conforto para ele. Fabiano tem consciência de sua limitação e teme ir além por ser totalmente dependente de seu patrão. O trecho seguinte retrata bem as razões que impedem Fabiano de ir além de sua pretensão: *“(…) Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. (...) era bom pensar no futuro, criar juízo”* (p.92).

Fabiano julga-se um cabra que serve apenas para cuidar das coisas dos outros. Podemos constatar com este trecho: *“(…) E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...); mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra”* (p. 18). Por isso, não consegue pensar diferente, apesar dos anseios, por possuir um sentimento de inferioridade. Esse trecho deixa claro o que foi dito anteriormente: *“Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior”* (p.76).

Fabiano sempre questiona sua condição miserável e tenta encontrar uma explicação para sua desgraça. O fragmento seguinte nos dá uma ideia disso: *“(…) Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? (...) Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos?”* (p.121). Para reforçar, vamos acompanhar outra passagem que mostra Fabiano questionando as coisas ruins que acontecem com ele: *“(…) Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!”* (p.93).

Para finalizar este estudo, podemos dizer que Fabiano e sua família vivem um misto de sonho, frustração e descrença. Este fragmento retrata de forma fantástica a afirmação anterior:

"E andavam para o sul, metidos naquele sonbo. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos" (p. 126).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins – 93ª Edição – Rio, São Paulo: Record, 2004.



SOBRE MAX MOREIRA:

Max Moreira, tem 40 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de literatura e de HQ's. Um de seus livros preferidos é **Eu, Robô**, de Isaac Asimov, que deveria ser considerado leitura obrigatória para todos, na visão do autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

DA ARTE DE AMAR

POR FLAVIO JOPERT

Dessa árvore proibida
não coma dos frutos.
Por uma vida vivida,
eles são venenosos.

Te dei todo meu amor.
Mas era só amor.
Sem ódio nenhum.
Não feri, nem com flor.

Se fez independente,
queria mais que amar.
Seguiu a vida livremente.

Vi o mesmo destino
escrito numa estrela
maldita por um menino.





— Por Flavio Joppert —

Crimes em série

Na pacata cidade de Monte do Pico, no Condado de Itacuíca, crimes em série são cometidos há décadas. A população, em grande parte mais desconfiada que as das outras cidades menores, encobre os crimes, oculta os fatos e as provas. A garotada da cidade se desenvolve sem os escrúpulos de ser um cidadão de bem, o que para eles é cafona. Quando entram para a faculdade de direito, é para serem advogados de gangsters, e faturar muito mais fazendo e defendendo as “falcatruas”. Constantemente lá, ou diariamente, há um problema que é escondido, abafado. Numa técnica fascista completamente ultrapassada de manter as aparências e tentar descobrir por si só o criminoso. Timóteo, investigador dos casos, escrevia esses detalhes em sua agenda. Buscava uma compreensão para entender a atração de boa parte da população daquela cidade pelo mal. Porque eles achavam bonito ser do mal? Era a pergunta que se fazia. Principalmente os jovens. Qual esperança eles tinham de vida se já estavam comprometidos com a bandidagem? Tudo começou com o ser bonito ser bandido. Esse comportamento se fixou na população, Concluiu ele. Não havia mais outra explicação, suas experiências de leitura de Freud só conduziam ao conflito de que aquele grupo considerava ser bandido com masculinidade. Sem mais consciência eles cobiçavam cargos na justiça, na diplomacia, na fazenda e erário público. Queriam se casar com príncipes e princesas. Pensavam que todos fossem iguais a eles.



São criminosos e se comportam como Serial Killer

O vampiro espreita suas vítimas. Segue seus passos, se interessa por seus interesses como se não tivesse vida própria. Exatamente essa a característica dos vampiros um completo vazio energético que como um buraco negro absorve tudo a sua volta, isso mesmo a energia vital das pessoas ou vítimas. Sem “sui motio”, isso mesmo nada que o faça sair da inércia que não seja a vida dos outros, a energia dos outros. Ninguém percebe, pois todos do grupo já estão mortos vivos. Ele toma conta das cartas, dos telefonemas, da conta bancária, tem habilidade em clonar cartões, se apodera de coisas vulgares como se fossem suas. Sem um limite à noção de posse e propriedade. Tudo é dele, ou tudo pode ser dele inclusive a vida alheia, numa lógica infantil de quem não amadureceu. Ele vive a vida dos outros, ele se preocupa com a vida dos outros. A tragédia existe porque ele não tem vida, é um parasita energético.



— Por Flavio Joppert —

O Romance

O romance que desejás, poder estar dentro de você, pode ser escrito pelas estrelas. Ele surge do nada, por uma completa falta de repulsa, por uma certa harmonia, por um olhar doce, por uma palavra carinhosa, por um gesto suave. Um desconhecido, da noite para o dia, se torna uma parte de sua alma, essa é a magia do destino escrito pelas estrelas.



O Conto da Bruxa

Quando eu nasci, há dez mil anos atrás, a sociedade patriarcal castrava os eunucos, que muitas vezes são encontrados agora como os Irmãos Veados das Sacerdotisas. Ainda não existiam bruxas. Muitas delas encontravam seus irmãos veados, depois de sodomizados pelos homens, e passavam a ser seus companheiros. Como eram mulheres, ficavam com eles de qualquer forma, por que pênis e testículos significam muito pouco dentro de um relacionamento. Se quisessem ser mães sabiam como engravidar.

Foi nesse mundo que nasceu Hã, um eunuco que foi castrado e emasculado, e posteriormente encontrou a sacerdotisa que o identificou como seu Irmão Veado. Ele vivia na comunidade, com o tempo foi se apaixonado por Aris sua irmã. Ela engravidou, e deu uma família para ele. Ele foi feliz, mais nos primórdios de sua consciência surgiu uma forte revolta de toda aquela vida submissa.

Essa revolta, prejudicou muito Hã. Inclusive em suas posteriores reencarnações. Uma vez voltou um homossexual inconformado, outras um homem violentíssimo. Algumas um assassino de mulheres, capaz de apedrejá-las por alguns motivos. Aris, sabendo disso, no outro mundo, lembrando daquele irmão, daquela encarnação, decidiu ampará-lo numa nova chance para que ele conseguisse evoluir e voltasse a ser a pessoa maravilhosa que era antes do trauma prejudicar sua evolução espiritual.

Ela ainda na existência das almas, decidiu retornar com Hã a esse mundo, e como a causa de tinha sido a violência da castração, Hã voltaria como mulher, e Aris como homem. Hã seria uma lésbica, e Aris um eunuco inclusive com um pênis clitoris, e duas bolas ao invés de culhões. Aris socorreria ele nessa vida. Tentando ensiná-lo a retomar sua masculinidade perdida entre tantos traumas de vidas passadas. As religiões seriam outras, muitos do processo evolutivo de direitos humanos tinham se desenvolvidos e seria mais fácil, não haveriam tantos obstáculos.

Quando Aris conheceu Hã, nessa tentativa de cura, Aris já tinha uma boa experiência, fazia alguns anos que tinha se disfarçado de moça e pedido para ser sacerdotisa, num outro jogo de cura, mesmo menino, seria a única forma do feminino de um velho com o mesmo destino, ou pior do que seu Irmão Veado, tão querido, quanto amado.





O jogo de amor começa. Hã pisa na bola algumas vezes, Aris é mais condescendente, Hã desconhece os mistérios do sagrado feminino, sua menstruação e crises pré-menstruais são uma aprendizagem para conhecer o universo feminino que o trauma da violência impediu que atuasse na sua evolução para ser um homem desenvolvido, e sem sequelas.

Tudo estava perfeito. Já namoravam, só faltava o casamento. Mais e mais Hã era amado, em sua forma feminina para com o exemplo e aprendiza pudesse voltar como homem e se realizar com sua masculinidade com Aris, ou outras mulheres. O destino dessa vez estava cumprindo seus desígnios de forma perfeita.

Hã seria curado, e quando voltasse outras vezes, seria feliz. Muitas vezes toda essa infelicidade surge de um trauma causado por uma injustiça do passado. O conflito precisa de uma ação de cura, muitas vezes só possível pelas pessoas que mais amaram o paciente de amor espiritual. Os nomes nessa vida foram mantidos em segredo para evitar a identificação e constrangimentos.



Sobre Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

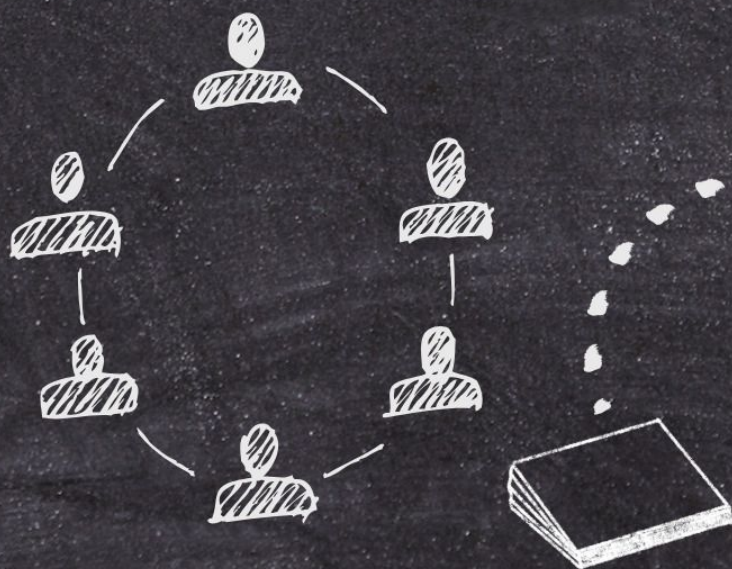


Flavio na Niteroiense de Letras

MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

o caminhão de

sorvete

está na sua rua

POR
CLARISSA MACHADO



A venda de produtos em caminhões é rotina em muitos países, e é bem verdade que de vez em quando, a ação é proibida em alguma cidade. Entretanto, não imagino vedada a circulação dos caminhões de sorvete, aqueles veículos mágicos, cujas aparições fazem parte da história e da memória afetiva de tantas pessoas.

“O caminhão de sorvete está na sua rua” poderia ser o anúncio, porém é bem mais sutil do que isto. Basta uma canção - amplamente conhecida como *O Sole Mio* (1898) - para crianças e adultos correrem para o exterior de suas casas em busca de delícias glaciais. Isto hoje, pois em tempos pretéritos era um sino especial que badalava no máximo doze vezes, com intervalos meticulosamente calculados, e com a restrição, naturalmente, de toque próximo a hospitais, escolas e templos.

A história do sorvete é um passeio pelo globo terrestre que parece ter início no oriente, possivelmente na China (de acordo com *Ice Cream Alliance Ltd*, UK), passando pelas arábias por volta do século IX (como relata o historiador John Dickie) onde o alimento ganhou contornos mais sofisticados, chegando depois a Alexandre, o Grande e a Nero que se esbaldavam com a gostosura de gelo que teria sido levada por Marco Polo para a Itália, e que Catarina de Médici teria transformado em tendência gastronômica na França e, a seguir, em toda a Europa.

Já a história do *ice cream truck* ou *ice cream van* é mais contemporânea, remontando aos anos 1900, apesar de somente ter se popularizado nas décadas de 50 e 60, com certo consenso de que o inventor teria sido um senhor chamado Harry Burt. A atividade conserva-se até os dias de hoje como um “acontecimento” em cidades urbanas e rurais, a qualquer tempo e até mesmo durante os mais rigorosos invernos. Na Escandinávia, o costume é tão enraizado que não importa a estação do ano, ou melhor: toma-se sorvete o ano inteiro. Dentro ou fora de casa. Geralmente fora...

É difícil imaginar a satisfação de consumir uma merendinha tão gélida em países considerados congelantes. Para quem vive em lugares mais tropicais, perpassa, inclusive, um medo danado de ficar resfriado ou com uma baita dor de garganta. Os nórdicos, contudo, declaram que o hábito é bom, que o realizam desde a mais tenra idade e que esse costume até fortaleceria o sistema imunológico. Para eles, a ideia de que tomar sorvete na neve faz mal é um mito, aliás, seria o contrário uma vez que o sorvete é rico em proteínas, lipídios, vitaminas e minerais, e portanto, é fonte de energia. E assim, respira-se sorvete dia e noite, no verão ou no inverno em todo o território nórdico: na Noruega, Suécia, Islândia, Finlândia e Dinamarca. À propósito, na Dinamarca, vai-se mais longe: lá afirma-se que há um misterioso *healing power* nos *ice creams*! Se sente mal? Toma um sorvete que passa!

Apesar do prestígio dos sorvetes italianos e argentinos, mormente apontados como os melhores do mundo, nesta ordem; os países do grupo nórdico têm marcas conhecidas e reverenciadas no mundo todo como *Nick's* (Suécia), *Gammeldags* (Dinamarca), *Pingviini* (Finlândia) e *Henning-Olsen* (Noruega). Uma peculiaridade neste quesito é que esses países possuem uma marca em comum: a *Hjem-Is*, que significa “sorvete de casa” e que necessariamente concerne simpáticas vans azuis que transitam pelas cidades com paradas de alguns minutos em ruas residenciais para vender os sorvetes.

No caso dos noruegueses, há duas marcas locais de caminhões de sorvete: a *Isbilen* e a *Diplom-Isbilen* que surgem pelas vias tocando *Norge Rundt Musikk*, uma composição de

Edvard Grieg, conhecida nacionalmente e que se tornou o símbolo do caminhão de sorvete. Está na Noruega e ouviu *Norge Rundt?* Tem sorvete chegando por aí...

Falando na Noruega, por lá eles têm tanto orgulho dos seus *iskremer* e *ispinner* que não param de investir na indústria de gelatos, um exemplo recente foi o lançamento da marca *Haaland*, da *Henning-Olsen*, citada anteriormente, que é carinhosamente chamada de “o sabor da Noruega”, o *Haaland-Is* (sorvete do Haaland, que aqui no Brasil ficou conhecido como “cometa gelado”), é uma parceria entre o jogador de futebol Erling Haaland e a fábrica mais famosa de sorvetes da Noruega. O picolé com sabor de baunilha, cobertura de chocolate, gotinhas crocantes e calda de caramelo teria contado com a ajuda do próprio jogador no processo de desenvolvimento do *krem av iskem*. Ademais, há um ponto alto na guloseima: os palitos premiados! Três palitos premiados valem um produto exclusivo e autografado pelo atacante, que chegou a declarar que “é bom presentear-se com algo agradável vez por outra”, o que parece resumir com exatidão um dos motivos pelos quais a tradição do sorvete perdura em todas as terras *vikings*, onde, diga-se de passagem, as pessoas têm a praxe de fazer os seus próprios sorvetes caseiros com frutinhas típicas como *cloudberry* (amora branca) e *lingonberry* (mirtilo vermelho), e contam com grande variedade de livros especializados como o *Søte Øser: En Deilig Iskremkokebok*, de Gustav Pettersen e *Iskem: lekkert, kaldt og godt*, de Susanna Tee Erichsen.

A “obsessão” norueguesa por sorvetes alcança seu auge no *Norway National Day*, o Dia Nacional da Noruega (ou Dia da Constituição da Noruega ou Dia da Independência da Noruega), celebrado anualmente em 17 de maio, um feriado nacional bastante patriota em que as pessoas vestem seus trajes típicos, agitam suas bandeirinhas e saem às ruas para assistir aos desfiles escolares e às bandas musicais lideradas por crianças, o que combinado com a “explosão da primavera”, torna a ocasião extremamente propícia para o consumo de quantidades astronômicas de sorvetes, e de fato, este parece ser o dia do ano em que eles mais comem sorvete, um dia que eles, muitas vezes, se referem como *Sytende Mai Festival* (Festival de 17 de Maio), quando o consumo do produto excede pelo menos cinco vezes mais do que o normal, e que, segundo eles, é um dia em que “tomar sorvete é praticamente obrigatório”, o que faz de maio o *Norway Ice Cream Month* e do 17 de maio, o *Norway Ice Cream Day* por excelência. Então, se você estiver por lá no mês de maio, prepare a pança para se empanturrar de *iskrem*.

Em solo norueguês, após o clássico *Norske Iskrembil* passar, estacionar e abrir suas portas exibindo as tentadoras iguarias geladas de diferentes sabores e formatos, as pessoas apenas entram em casa para guardar os *iskremer* extras que compraram e depois retornam para o lado de fora do imóvel para então desfrutar do seu picolé, digo, *ispinner*. Sim, do lado de fora de casa... Um hábito deveras inusitado. Conseguem visualizar alguém sentado em uma cadeirinha no quintal ou na varanda, com as pernas cobertas por uma mantinha, tomando sossegadamente o seu sorvetinho, sob uma temperatura abaixo de zero? Pois é. É que, na cultura deles, o momento de tomar sorvete é, na realidade, uma “deixa” para relaxamento, satisfação pessoal e higiene mental. Eles se deleitam com seu geladinho enquanto apreciam a paisagem do fiorde ou das montanhas, nevadas ou não.

De acordo com pesquisas, a Noruega figurou no *ranking* dos *ice cream lovers*, ou como se diz em norueguês bokmål *iselskere*, chegando a despontar em primeiro lugar com o consumo de 9,8 litros de sorvete por pessoa, seguida pela Austrália e pela Suécia. Embora

o país não mais apareça no *Top 10* das listas de “loucos por sorvete” e permaneça atrás dos seus vizinhos Suécia, Dinamarca e Finlândia, muito em razão das campanhas governamentais em prol de uma alimentação mais saudável, em toda casa norueguesa você encontra sorvete no *freezer* o ano todo (normalmente de baunilha, que costuma ser o sabor mais barato e, ao mesmo tempo, o mais requisitado: adicione uma geleia de frutas silvestres - o que eles sempre tem em casa e de diversos sabores - e você terá um sorvete diferente a cada dia).

Seja nos domínios de Thor ou não, o caminhão de sorvete é parte do imaginário coletivo não apenas por estar presente em inúmeros livros, brinquedos, como os da *Hot Wheels* e da *Lego*, e desenhos animados; mas também por transportar-nos a um lugar onde reinam todos os sentidos, o encanto e a doçura, um lugar que nos é acessível e lícito, ou ainda, onde nos é incentivado a que satisfaçamos as nossas mais profundas vontades.

Ao longo dos séculos, pesquisadores de diferentes partes do mundo procedem estudos acerca do poder calmante do sorvete, o que para alguns deve-se ao fato de conter uma considerável quantidade de açúcar, o que ajudaria o corpo a produzir serotonina, um dos hormônios da felicidade. Para outros, o tema está associado ao fato de se tratar de um doce, e doces remetem à infância. Seja como for, talvez os dinamarqueses, apaixonados por doces como são, tenham alguma razão em crer que o sorvete possui o “poder mágico de curar qualquer tristeza”. Se sente tristonho? Sorvete resolve!

Modernamente, é razoável pensar o caminhão de sorvete como um aliado no combate à ansiedade, já que o caminhão em questão é feito de expectativa e espera. Ninguém sabe exatamente quando ele vai chegar. No entanto, em algum momento ele chegará - isto é certo. Há que se esperar e espera-se com entusiasmo. A isto se denomina *a arte de esperar* (*the art of waiting*), uma virtude relacionada a amar todos os momentos da vida e vinculada à capacidade de ser resiliente, e logo, de se sentir em paz.

A cantora estadunidense Beyoncé Knowles trouxe esta atmosfera para uma de suas composições. Em *Ice Cream Truck*, ela menciona que esperou por seu amor como quem espera pelo caminhão de sorvete:

...*You've got me checking out for you*
Like an ice cream truck...

O caminhão de sorvete se configura como um ente maravilhoso, uma espécie de Mago Merlin capaz de, em um “passe de mágica”, revigorar a vida de todos. Se sente só? Ele te fará companhia. Se sente triste? Ele te alegrará. Se sente entediado? Ele te entreterá. E se um dia, ele por acaso não vier, é porque provavelmente o sorvete acabou, o que pode acontecer. E a respeito desta probabilidade existe um dito popular inglês que diz “the ice cream van run out of ice cream!” que se significa literalmente “o caminhão de sorvete ficou sem sorvete” e que metaforicamente seria algo como “foi tudo por água abaixo”, isto é, perdeu-se a chance ou a oportunidade.

Sob este enfoque, a simbologia desse caminhão se apresenta como uma ferramenta útil na administração da frustração, o que no final das contas é bem positivo. Ninguém surta porque o caminhão não veio. Ninguém tem ataques de fúria porque o sorvete acabou. Se acabou, tudo bem. Esperamos o próximo, esperamos a próxima vez, praticamos nossa fé:

tomara que venha! Ou tomara que sobre algum sorvete! E dessa maneira, estamos diante da gestão da espera e do gerenciamento da decepção, tão essenciais nos tempos modernos. Por fim, compreendemos que nem tudo é sobre e para nós, que o mundo não gira ao nosso redor. Com isso, aprendemos a ser gratos, a exercitar nosso equilíbrio, a identificar a serendipidade e curtir o *Memento Vivere* ou o *Carpe Diem*, como preferir; em suma, aprendemos a desenvolver a capacidade para encontrar a felicidade nos pequenos prazeres da vida como o ato de tomar um sorvete tranquilamente na calçada de casa em um dia útil, à noite, admirando a lua, as estrelas ou quem sabe a aurora boreal.

E enquanto você lê estas linhas, pode ser que, neste exato momento, em algum lugar do mundo, um caminhão de sorvete esteja passando...



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa.

SER Mãe É...

POR SÍLVIA GRIJÓ

Ter um coração misericordioso,
Solidário e amoroso,
Capaz de partilhar, compartilhar
Com seus filhos – dor, alegria e amor,
Ser mãe é
Ter um coração divino,
Verdadeiramente humano,
Cheio de ternura,
Paciência, doçura,
Compreensão e perdão,
Ser mãe é amar sem limites,
Durante o ano todo,
Todos os dias,
Qualquer hora,
Ter um amor sem fim
E sem fronteiras,
Ser mãe é fazer do seu amor
Sua marca registrada
E com prazo de validade
Indeterminado...
Ser mãe é
Amar incondicionalmente,
Ser mãe
é ser o amor de Deus na terra...



POR SÍLVIA GRIJÓ



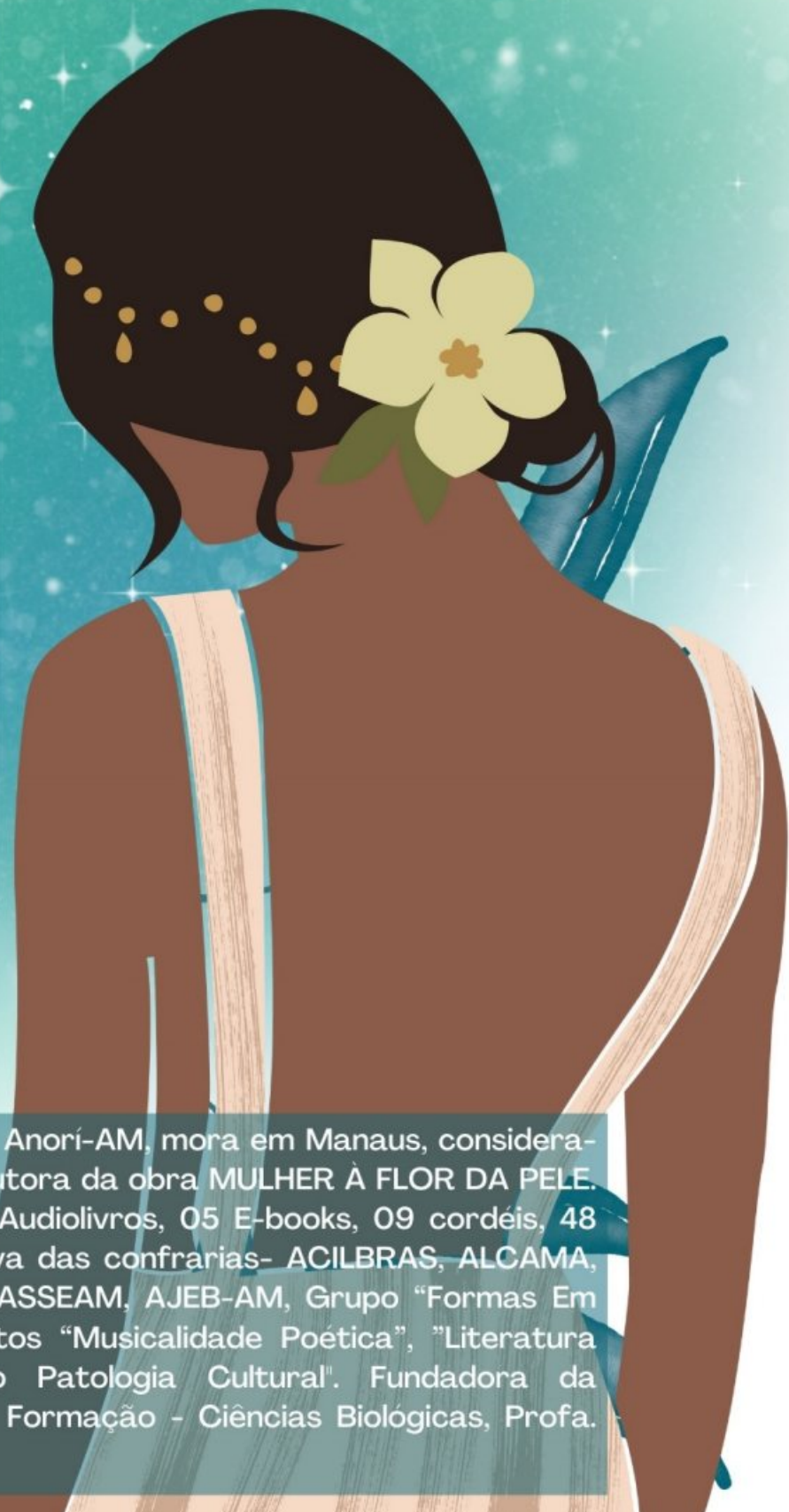
Flor

flor é universal,
cabe no amor
cabe na dor
cabe na chegada
também na partida
do nascer
ao morrer
cabe na vida
cabe no perdão
também cabe
na reconciliação
cabe em tudo
e em qualquer lugar
cabe em mim
cabe em você...

MULHER À FLOR DA PELE

POR SÍLVIA GRIJÓ

À flor da pele
emerge de dentro de mim
a alma na busca de cura,
de minha ancestralidade
Mura! Mura! Mura!
Povo destemido
de espírito resistente,
de bravos guerreiros
que vorazmente enfrentou
a covardia e o terror
do branco colonizador.
Essa guerra injusta
trouxe terríveis consequências:
a perda de sua língua,
a perda de sua identidade...
Lembrando o grande poeta
Lusitano que afirmava:
"Minha Pátria é minha língua".
Mesmo assim, a despeito disso,
nossa língua nos foi subtraída.
Assim se iniciou o extermínio
de meu povo Mura.
Mas é esta Mulher à flor da pele
que canta, denuncia, resiste,
busca sua existência, sua liberdade
e das cinzas escreve a sua história.



SÍLVIA GRIJÓ – nasceu em Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE. Coautora em 01 CD, 03 Audiolivros, 05 E-books, 09 cordéis, 48 Antologias. Membro efetiva das confrarias- ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM, Grupo "Formas Em Poemas"; atua nos Projetos "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Formação - Ciências Biológicas, Profa. Especialista, fotógrafa.



ERICH RUY ALVES

**Autor do livro
*Apoteose Escarlata***

Erich Ruy Alves, nascido em Curitiba, Paraná, desde sempre foi apaixonado pela literatura, pelo cinema e pela cultura em geral. Em 2023, teve sua estreia literária com “Apoteose Escarlata”, uma obra criativa e excêntrica, que reflete as diversas influências culturais do autor.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

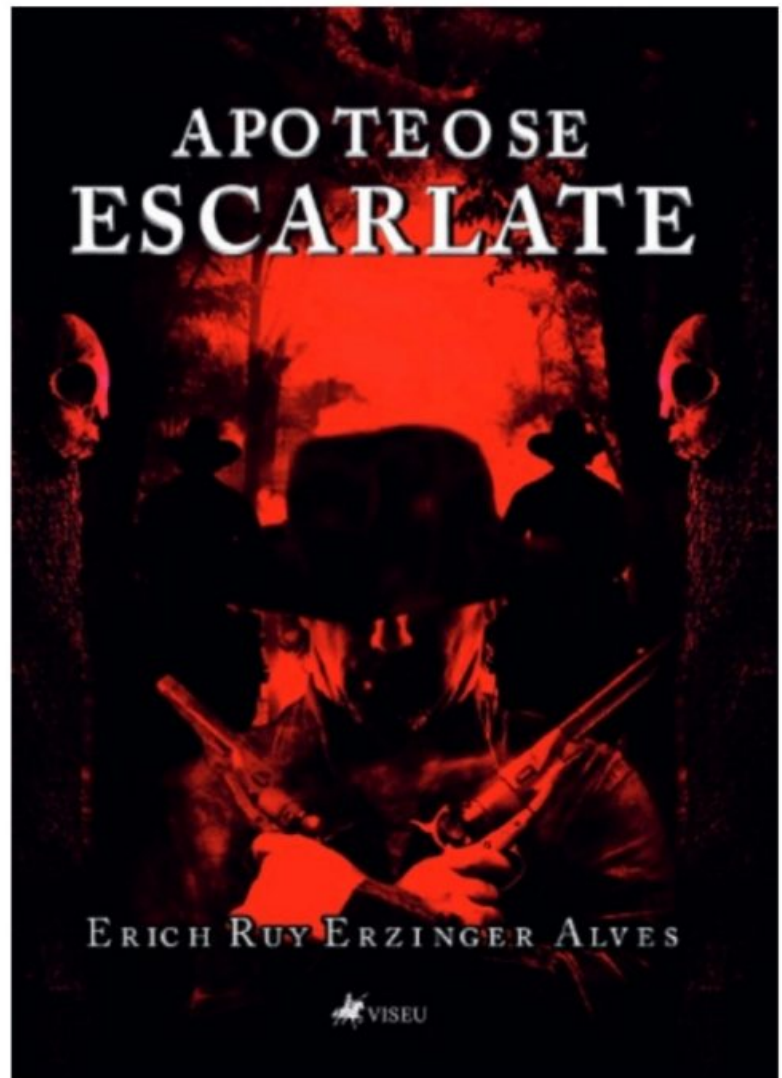
Erich Ruy Alves: Iniciei a produção de meu primeiro livro muito cedo, com meus 14 anos. Até a publicação oficial dele, passaram-se dois anos. Desde lá, tenho tentado aperfeiçoar minha escrita e minha presença no meio literário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Apoteose Escarlate". Poderia comentar?

Erich Ruy Alves: O livro surgiu como uma ideia que tive durante o período da pandemia: um faroeste brasileiro que misturasse ficção histórica com demonologia e ficção científica. Por ter achado essa ideia muito interessante, fiz questão de colocá-la no papel antes que alguém o fizesse.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Erich Ruy Alves: É possível dizer que "Apoteose Escarlate" é uma amálgama de diversas inspirações minhas. A dinâmica do livro se inspirou majoritariamente em uma arte de um mangá, chamado "Steel Ball Run".



Todo o conceito de um faroeste com características fantasiosas e sci-fi deriva de Steel Ball Run. E é claro que para a construção do cenário de um Brasil do final do século XIX, tive a influência de autores de tal período, como o próprio Machado de Assis, o qual sou grande admirador. Entretanto, no que se refere a estilo narrativo e uso da fantasia com contexto histórico, inspirei-me muito nos trabalhos de Eduardo Spöhr, o qual tive o prazer de conhecer pessoalmente e agradecê-lo pela influência.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Erich Ruy Alves:

“Eu te avisei. Tínhamos um acordo.”

Uma mão tingida completamente do sangue ardente e da terra queimada de uma erosão malcuidada, emerge dos entulhos de aço que há alguns dias queimava ardentemente com o fervor de mil caldeiras. O fogo, agora, desapareceu. Com os violentos ventos gelados, que trazem dentro de si a tristeza do interior brasileiro, o grande monte de fogo se apagou, e ali, naqueles entulhos, sobrava apenas a carcaça soterrada de um homem que perdeu seu corpo para o demônio.

O membro alcançou o ar com um movimento brusco. A mão levantou-se fortemente no ar, e com um ímpeto monstruoso, gravou as unhas no chão. Os grandes destroços incluíam pedaços de hastes de aço — vindos da ponte destruída —, e também uma locomotiva inteira que havia sido detonada pela explosão e pelo impacto com o fundo do abismo.

O céu começava a apresentar brilho, era ainda uma noite gélida, mas com o sol emergindo no horizonte. A manhã não aquecia a vida presente naquele solo. Nenhum pássaro, nem qualquer outro tipo de animal silvestre marcava presença naquele local desértico. Os destroços no fim do penhasco afastavam todo e qualquer tipo de vida daquele abismo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Erich Ruy Alves: O livro está disponível na Amazon, no site da Editora Viseu, e nas demais plataformas digitais.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Erich Ruy Alves: Busquem conselhos de outros colegas do mundo literário, aperfeiçoem cada vez mais suas obras e diversifiquem seus temas, porém sem nunca deixar de escrever o que o coração de vocês manda.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Erich Ruy Alves: A sequência do “Apoteose Escarlata” está praticamente pronta, porém irei aguardar um certo tempo para iniciar a publicação dela. Além disso, tenho produzido contos e crônicas em meu blog. Talvez, futuramente eu publique uma coletânea deles.

Perguntas rápidas:

Um livro: Capitães da Areia

Um ator ou atriz: Kim Min-hee

Um filme: O Sétimo Selo

Um hobby: Escrita

Um dia especial: Dia de início do inverno

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Erich Ruy Alves: Gostaria de agradecer a Revista Conexão Literatura pelo espaço, e convidar todos os leitores a conhecer o universo de “Apoteose Escarlata”, pois garanto que vocês irão se impressionar e se divertir muito! Se quiserem, sigam-me no instagram (@erich_alves_) para ficarem atentos às minhas novas produções.



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :
Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

A close-up portrait of a woman with long, wavy, reddish-brown hair and blue eyes. She is smiling slightly and looking towards the camera. She is wearing a dark-colored top.

JAMYLE DIONÍSIO

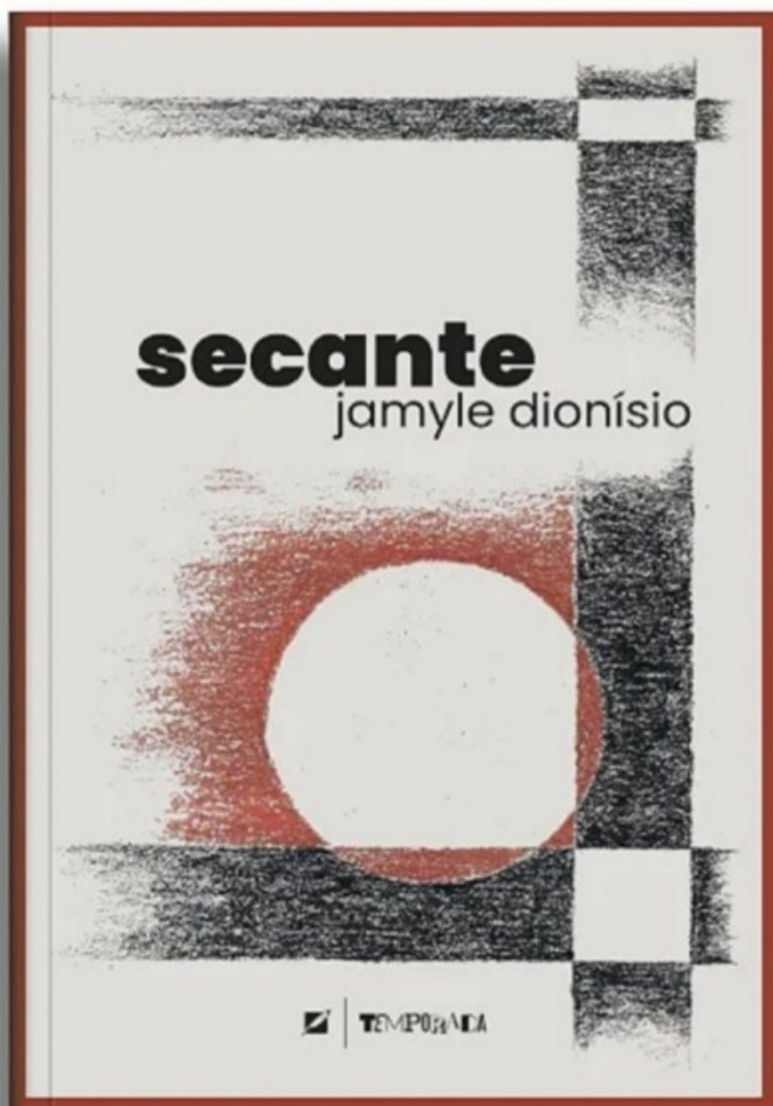
Autora do livro *Secante*

Jamyle Dionísio nasceu em São Paulo em 1984. Graduada em Ciências Sociais. Tornou-se servidora pública do Itamaraty. Viveu em lugares díspares como Maurítânia, Irã, Brasília, Líbano, Nova Iorque, Israel e neste momento vive e trabalha em Estocolmo, na Suécia. Lançou seu primeiro livro de contos na FLIP 2023, de título *Secante*. Participou da coletânea *Imagens de Coragem* pela Editora Patuá também em 2023.

Siga a autora no Instagram: @jamyle.dionisio

Conexão Literatura: Fale-me sobre **Secante** (Editora Letramento/2023) que é seu primeiro livro. Quando foi que ele começou a ser gestado dentro de você? Fale sobre a narrativa que está no livro.

Jamyle Dionísio: **Secante** é um livro de treze contos que fazem parte de uma mesma narrativa de fundo. Cada história, cada ponto de vista é uma peça de um quebra-cabeça maior. Escrevi todos os contos em poucos meses, depois de passar um ano inteiro trabalhando em um romance. Eu queria descansar desse projeto maior de escrita, explorar novos ângulos, conhecer melhor os personagens secundários. E daí nasceu **Secante**. O romance originário é narrado por Constança, mulher que foi criada pelo pai e pelo companheiro dele. Em **Secante**, é esse companheiro, Marcos, que começa a contar a sua história em meados dos anos 1980. Em seguida, avançamos e recuamos no tempo para conhecer a mãe desaparecida de Constança, um gato preto chamado Alphonsus, uma máquina de escrever. Viajamos pelos anos 1990 e chegamos às fatídicas eleições de 2018.





Jamyle Dionísio

Conexão Literatura: Acredita que hoje as vozes literárias femininas, principalmente as mais contemporâneas, estão conseguindo o merecido reconhecimento, ainda que tardio?

Jamyle Dionísio: Ainda falta muito para esse reconhecimento. Sei que nos últimos cinco, dez anos, as escritoras ganharam um espaço e tanto, mas tivemos que meter o pé na porta desse mundo literário tão restrito, tão masculino e sudestino, tão branco. Percebo que ainda somos lidas por uma maioria de leitoras também mulheres. Não só pela solidariedade nessa luta, mas porque temos uma sede muito grande por narrativas que

tenham a nossa voz. Ainda adolescente, cheguei a me questionar se não devia ter nascido homem para escrever, já que a maior parte dos livros aos quais tinha acesso eram livros escritos por homens. Eu não tinha muitas referências. Aos poucos descobri que eu tinha uma voz própria, mas confesso que é muito bom ter acesso, hoje, a tantas outras vozes femininas.

Conexão Literatura: Ainda neste recorte, você participou da antologia de contos *Imagens de Coragem* (Editora Patuá/2023) com autoras de todo o país. O livro foi lançado inclusive na última Flip, em Paraty. Como foi esse momento na sua carreira?

Jamyle Dionísio: Foi a minha primeira Flip, e não podia ter sido uma estreia melhor! A antologia foi organizada pelas queridas Isabella de Andrade e Tatiana Lazzaroto, escritoras fantásticas, e reúne contos de escritoras convidadas e contos selecionados em chamada. Mandeí o meu conto sem muita esperança. Não porque ele fosse ruim, mas porque eu passava por um período difícil na vida, esses momentos que contaminam tudo, inclusive a nossa confiança em nós mesmos. Descobrir que eu fui selecionada para a coletânea foi o meu resgate. E me fez entender que eu não posso parar por uma questão de sobrevivência, porque é a escrita que me salva. E o lançamento foi belíssimo, repleto de mulheres fortes, lindas em todos os aspectos. Ouso dizer até que o céu se abriu pra nós naquelas horinhas do lançamento, já que chovia tanto em Paraty. Basta conferir nas fotos!

Conexão Literatura: Quais são suas leituras agora? Fale sobre qual ou quais livros você leu nestes últimos meses.

Jamyle Dionísio: Minha escolha por autoras mulheres têm sido natural, não forçada. Como acabei de me mudar para a Suécia, tenho explorado a literatura escandinava. Descobri que uma grande escritora sueca, Karin Boye, morou no mesmo prédio que eu, e tenho explorado os poemas dela e uma distopia incrível, *Kallocaína*, que ela publicou em 1940.

Mas trouxe na mala minhas queridinhas brasileiras: Giovana Madalosso (*Suíte Tóquio*), Micheliny Verunschik (*Caminhando com os Mortos*)... agora estou lendo *Estela* a esta hora, da Natália Zuccala.

Conexão Literatura: Você, neste momento, mora e trabalha fora do Brasil. Como isso impacta sua escrita?

Jamyle Dionísio: Morei nos últimos cinco anos em Nova York e agora terei mais cinco anos em Estocolmo. Já passei períodos mais curtos na Maurítânia, Líbano, Israel, Irã... Cada lugar me adiciona algo, é claro, mas eu nunca deixo de ser uma brasileira no mundo. Até pouco tempo atrás eu só conseguia escrever histórias que se passassem no Brasil. Acho que foi um jeito de lidar com a saudade. Mas depois os cenários foram se ampliando, porque cada lugar que eu conheço, cada solo em que eu vivo, me afeta e me transforma. Cada vez mais a frase de Clarice Lispector me define: “Sou um coração batendo no mundo”.

Conexão Literatura: Quais são os seus próximos passos como autora. Já temos um novo livro sendo escrito?

Jamyle Dionísio: Tenho um romance pronto, ainda não publicado. E nunca parei de escrever contos... Mas Estocolmo tem me dado novas ideias. Um romance que estou gestando, que tem crescido em parágrafos nas últimas semanas. É uma história que se passa aqui nessa cidade, mas em certo momento pensei: E se essa história fosse contada por uma pomba gira?

Conexão Literatura: Por último gostaria que você deixa-se um recado para nossos leitores e leitoras sobre como devemos ler a literatura feminina produzida hoje no Brasil e no Mundo?

Jamyle Dionísio: Meu conselho é: experimentem! Pensem na possibilidade de descobrir uma literatura nova, produzida pela outra metade do mundo que teve a voz sufocada, a humanidade negada por tantos séculos. Temos muito a dizer. Mas agora não queremos apenas dizer, queremos ser ouvidas. Então por favor, nos ouçam.

Siga a autora no Instagram: @jamyle.dionisio

20
24

YOUTUBE

LITERATURA,
CURIOSIDADES E
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

CONEXÃO

NERD

www.youtube.com/conexaonerd

APRESENTADO
POR ADEMIR PASCALE

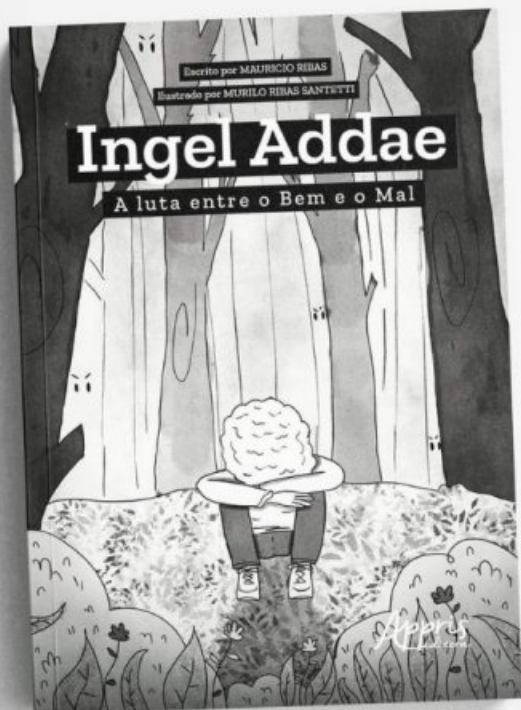


MAURÍCIO RIBAS

Autor do livro *Ingel Addae*

Maurício Ribas, nasceu no dia 29 de dezembro de 1959 em Curitiba, Paraná, onde vive atualmente. Ele é casado, pai, avô e bisavô. Maurício é escritor, político, advogado, professor de Direito, possui várias pós-graduações, cursou a Escola de Diplomacia da Estônia (Estonian School of Diplomacy), país onde viveu por cinco anos, fala fluentemente vários idiomas, atualmente ele cursa Especialização em Literatura, Filosofia e Arte pela PUC do Rio Grande do Sul. Maurício, tem vários livros publicados, já escreveu e escreve sobre Direito e Relações Internacionais, matérias pelas quais ele é um apaixonado. Ele é um defensor intransigente do diálogo e da necessidade de cooperação entre os povos, na busca de soluções urgentes para salvarmos o planeta em que vivemos. Membro da Anistia Internacional, defende os Direitos Humanos. Nas suas andanças pelo mundo, visitou mais de 20 países, viveu em dois, além do Brasil. Maurício dedica-se atualmente a escrever, obras de ficção, marcadas por sua visão do mundo e da humanidade.

LIVRO DISCUTE DE FORMA FICCIONAL O TEMA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS, ENVOLVENDO TODA A FAMÍLIA EM UMA LEITURA COM ABORDAGEM SENSÍVEL E CUIDADOSA!



O novo livro de Maurício Ribas é uma ficção infantojuvenil, baseada em fatos. O autor curitibano usa da ficção para falar sobre a realidade e tocar os corações através de símbolos e metáforas, sendo que estas histórias foram contadas por ele mesmo para Ingel Addae.

Sobre o Livro

Ele e Michel são pessoas de verdade que conviveram e se ensinaram mutuamente sobre o amor verdadeiro e uma paternidade substitutiva, que trouxe à tona uma relação única de confiança que ensinou, tanto a um quanto a outro, uma lição maravilhosa: Aquela que mostra que o amor pode existir independentemente de laços sanguíneos, convergência cultural ou qualquer outra barreira, sendo que os acontecimentos fantasiosos nada mais são do que um instrumento de comunicação utilizado pelo autor para comunicar-se com o protagonista da história.

Este livro está tocando corações e mentes além de motivar crianças, pré-adolescentes, pais ou tutores, autoridades, aqueles a quem compete agir e aqueles a quem não compete debater soluções que deverão passar, especialmente em países desiguais como o Brasil, por uma educação libertária e transformadora. Aquela Mulher, a bruxa da história, existe, é o mal que ronda nossos filhos tentando atraí-los para as drogas, a criminalidade e a ignorância. Este livro, ousadamente, pretende ser um antídoto contra o mal. Você, como leitor, é quem deverá julgar!



Maurício Ribas

Conexão Literatura: Vamos falar sobre sua narrativa. Seu livro trabalha com um viés extremamente necessário que são os Direitos Fundamentais das crianças. Como surgiu essa premissa?

Maurício Ribas: Desde muito cedo tenho me debatido em sociedade, seja como professor, advogado e escritor pelo respeito e garantias dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, e dos seres humanos em geral. Entendo que como escritor tenho um compromisso com o meu tempo e

com a vida, principalmente o de zelar e lutar para que os direitos das crianças e adolescentes sejam respeitados e acima de tudo cumpridos, isso como forma de garantir que no futuro tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária.

Conexão Literatura: Quais são as suas influências na literatura?

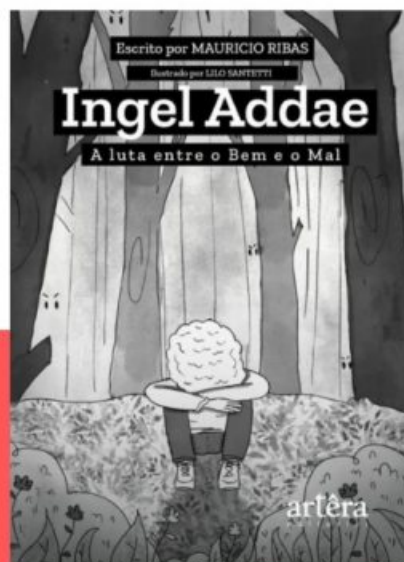
Maurício Ribas: Eu leio de tudo, dos clássicos até as obras mais contemporâneas, de escritores jovens, ficção e não ficção. No entanto, tenho uma predileção muito clara, pelo estilo e literatura de Ernest Hemingway. Aprecio e me inspiro também em Dostoiévski, Eric Maria Remarque e mais recentemente, tenha estudo a obra magistral de Vasily Grossman, Vida e Destino.

Conexão Literatura: Como foi a infância do escritor por trás do livro *Ingel Addae*?

Maurício Ribas: Ernest Hemingway, para falar no mestre, perguntado uma vez sobre qual era o melhor treinamento inicial para o escritor, ele respondeu, uma infância infeliz. Creio que isso eu tive, não por culpa dos meus pais, mas muito pela minha sensibilidade que sempre foi muito exacerbada. Esse assunto é bastante complexo, diante da riqueza de vivências que experimentamos quando somos crianças. Foi através do livro que pude compreender um pouco mais deste período da minha vida.

Conexão Literatura: Para os pais que irão ler junto com seus filhos o livro Ingel Addae qual é o principal ponto de atenção na leitura?

Maurício Ribas: Recomendo na introdução que faço no livro, que ele seja preferencialmente lido pelos pais para filhos, isto porque, essa leitura conjunta oportuniza aos pais conversarem com seus filhos sobre questões sensíveis, como relacionamentos conturbados, violência, abandono, amor, perdão, aceitação das diferenças e acolhimento. O mundo precisa de diálogo e o livro oportuniza esse momento lindo entre pais e filhos.



Livro **Ingel Addae – A luta entre o Bem e o Mal**

79 páginas

Preço do livro: R\$ 46,00 (quarenta e seis reais)

À venda na Amazon nos formatos E-book e livro físico e também no site da Editora Appris:

<https://editoraappris.com.br/produto/ingel-addae-a-luta-entre-o-bem-e-o-mal>

Siga Maurício Ribas no Instagram: @mauricioribas.pr



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

VOL. VI

HISTÓRIAS E POEMAS
DE

TERROR

*Para serem lidos na calada
da noite - Vol. VI*

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

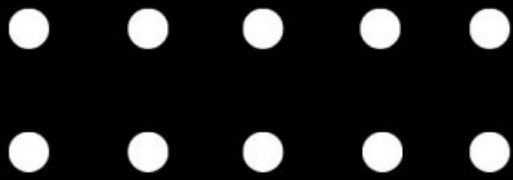
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

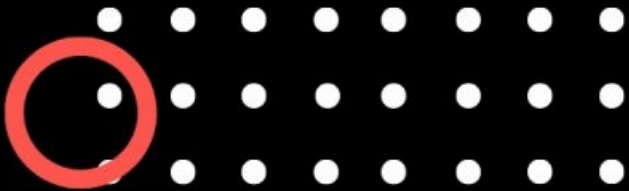
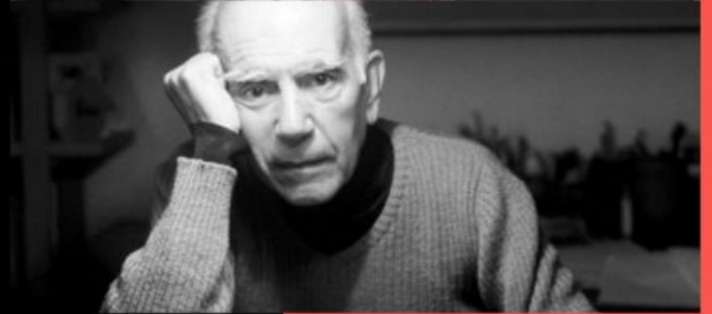
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.


NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





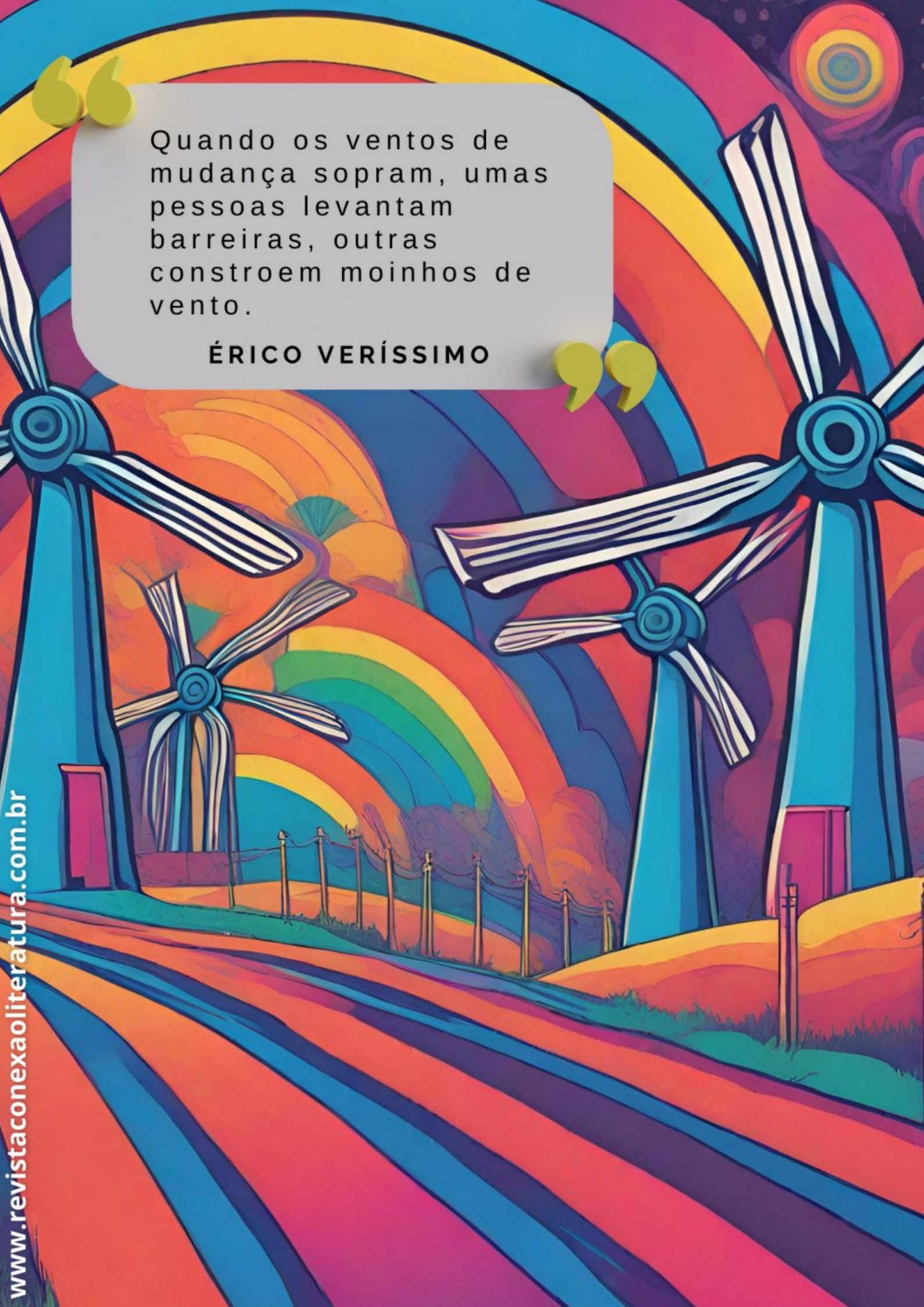
Há 2 espécies de chatos:
os chatos propriamente
ditos e os amigos, que
são os nossos chatos
prediletos.

MARIO QUINTANA

Quem escreve deve ter todo o cuidado para a coisa não sair molhada. Da página que foi escrita não deve pingar nenhuma palavra, a não ser as desnecessárias. É como pano lavado que se estira no varal.

GRACILIANO RAMOS





Quando os ventos de
mudança sopram, umas
pessoas levantam
barreiras, outras
constroem moinhos de
vento.

ÉRICO VERÍSSIMO

Tire o seu conto ou poema da
gaveta

ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da
Revista Conexão Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Leia os editais
CLIQUE AQUI



ANJO ATRAPALHADO

POR IDICAMPOS

Saiu de casa, cedinho, hora em que os amantes acordam para expulsar do coração juras de amor. Bebeu água limpa — agradeceu ao cosmos por estar vivo — bateu as asas, voou bem alto, esbarrou na atmosfera do planeta, mergulhou num rasante de alegria, pousou em si.

Aquela postura de anjo bonachão nem sempre lograva êxito, em fim ser bom dava prejuízo. Passara a infância ouvindo da mãe: — Abra os olhos, seja bom, mas confie desconfiando...

Estudou na academia angelical, em Vênus, frequentou inúmeras oficinas de elucidação do psicológico dos terráqueos. Especializou-se em tratar as barbaridades do ser: o egoísmo, a ganância, as trapaças, o ódio, o orgulho, a traição, etc. Aprendia os defeitos dos indivíduos para poder guardá-los, jamais consertá-los; obedecia à lei do livre arbítrio nunca intervia no destino das pessoas.

Vivia entrando em furada, sendo trapaceado, enganado, porém acreditava na evolução da raça humana. Havia sido bem formado, estava hábito a cumprir as tarefas de anjo da guarda.

Investiu, tirando serviço extra de cupido, na relação de um casal cuja a sinceridade vinha em último plano, assistia a uma paixão baseada em mentiras. Ela enganava-o descaradamente, ele esquecia de dizer a verdade, no fundo nasceram um pro outro. Alfaciano, o anjo bom de onda, degradingolava na resenha, entristecia diante da decadência do romantismo, perdia a partida de goleada, como anjo só tomava bolada.

Doutra feita acompanhava um banqueiro por caridade, a quem o destino pregara uma peça, contraíra a síndrome de Midas; ao ingerir qualquer alimento virava ouro (a riqueza afastava o pobre do prazer de comer) sobrevivia de medicação intravenosa. O moribundo carregava o ônus de ter financiado a indústria armamentista, sido responsável por milhões de óbitos. Na hora da morte, encurralado, suplicava ao anjo piedade.

O bom coração de Alfaciano travava na difícil tarefa de entender o íntimo do irmão que mata o próprio irmão, o ódio envenenando a seiva da árvore genealógica. A fraternidade sendo aniquilada pela astúcia do egoísmo — o espírito encarcerado na prisão da matéria — a compaixão com o próximo resumida em falta de empatia.

Os habitantes do mundo cultivavam um monstro no inconsciente — propalado pela fúria do capital — traziam na redação desta história um olho maior que a barriga. Os interesses escusos governavam o coletivo, refletindo feito caranguejo a pobreza emocional da época contemporânea.

Alfaciano cumpria expediente em unidades de saúde durante o dia, à noite entrava no serão assistindo aos boêmios. Papticava os bêbados, os quais, depois do primeiro gole, enfiavam a cara na ladrina, pulavam de cabeça na gula, deslizavam no sabonete...

O jovem anjo, nem cochilava, enrolado na multiplicidade de atitudes fúteis dos pacientes — invariavelmente — rompia o plantão sem descanso. Emendava um expediente no outro, socorrendo algum alcoólatra, já rendendo o anjo do turno anterior.

A traição (a cargo do julgamento do anjo) entre tantas estrepolias mentais, era bastante estranha, porque quem traía, acabava no fim da estrada tropeçando na continuidade do rastro. Haja vista as maracutaias dos políticos, sempre ludibriando o eleitor, terminavam com a cara parecendo um maracujá; perdiam o sossego pra ganância desenfreada do ego...

O trabalho extrapolou a paciência do anjo, quando foi escalado pra confortar as vítimas da guerra. Caiu de paraquedas num conflito armado por diferenças religiosas. Os partidários do confronto matavam-se, copiosamente, desdobrando a psicopatia dos senhores das bombas.

A dúvida pairava na postura do oficialato, condecorado com as medalhas — de ambos os exércitos — mantinham a retaguarda atrás da artilharia e nunca recrutavam os parentes para as fileiras do combate.

Levantou a origem do bate boca, descobriu que os soldados, armados até os dentes, brigavam por Deus do céu. A confusão rolava por causa do nome do criador. Do lado de cá chamavam do jeito aprendido no culto local; da fronteira pra lá nomeavam numa língua hostil a do vizinho.

Estavam exterminando a juventude pra ganhar o direito de registrar, na cultura vencedora, o nome do arquiteto do universo; previam, inclusive, certidão juramentada em cartório.

Alfaciano encheu o saco daquela briga inútil, largou o posto de anjo da guarda, pegou uma nave emprestada com o amigo alienígena; trocou o óleo da geringonça, calibrou os pneus, encheu o tanque do disco voador, verificou os freios, testou os amortecedores, concluiu a revisão. Ligou o bicho, sumiu na velocidade da luz...

Invadiu o buraco negro, transpôs o passado, o presente, o futuro, numa equação de física quântica jamais deslumbrada. Apoiado na teoria da relatividade, consciente da transposição atômica, vencida a distância, despirocava a noção do tempo... Em minutos chegou à Vila da Criação, também conhecida como Monte Olímpio. Aterrizou, comeu um lanche, pegou a senha, consegui marcar consulta com Deus.

A audiência deu dor na coluna, o todo poderoso, alvoroçado de súplicas bizarras, endurecia o discurso, despachava a maioria pro inferno só com passagem de ida. Depois de esperar uma eternidade, o secretário do pai anunciou a presença de Alfaciano: — Anjo Alfaciano, papai do céu lhe aguarda!

Diante do jardineiro que plantou a rosa dos ventos, da onisciência da divindade, perfilou o mistério da face de Deus; visualizou a onipotência do mestre dos mestres, explicou a situação ao sublime interlocutor.

O amado, guardião do segredo da criação, na benevolente recepção, escutou o ilustre funcionário do Reino dos Céus. Ponderou, meditou, pediu vistas ao processo, comprometendo-se de informar o veredito mais tarde.

Alfaciano, na sequência dos dias, recebeu uma mensagem no celular, avisando das férias coletivas proclamadas por Deus. Os anjos estavam liberados, poderiam viajar, passear com a família. Aguardariam as novas ordens para retornar ao serviço.

Alfaciano, curioso, perguntou aos colegas o porquê do despacho divino, tal foi a surpresa de saber o motivo: — Deus, aborrecido com a bestialidade humana, havia jogado o Sol em rota de colisão com a Terra. Acabou com a humanidade, enveredou na criação de uma vida menos ignorante numa galáxia distante da Via Lacta.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

"O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler."

— Ziraldo





POR IRACI J. MARIN

HELEBOROS NEGROS

Quando Ismael pisou no jardim, naquela tarde de sábado, sentiu súbita sensação de bem-estar. Admirou as inúmeras flores conhecidas, mas se encantou de novo com os heléboros negros. Ele imaginou-se num jardim esplendoroso, assim como o Jardim de Uzá, passeando de mãos dadas com a sorridente Circe, que agora o esperava na porta da casa, vestida de preto. Mas ela não sorria e seu olhar parecia inquieto. Isso provocou em Ismael súbita sensação de mal-estar.

O primeiro encontro deles se dera num jardim público, há alguns meses. O namoro sobreviveu entre intervalos de entusiasmo e melancolia. Algumas vezes, um deixava o seu território para habitar o do outro. Nestes momentos havia coincidência de perspectivas e de futuro, de promessas e sonhos, quando ambos regurgitavam palavras semelhantes, entre abraços e beijos. O namoro pairava num momento de entusiasmo.

Nos momentos de melancolia, Ismael sentia que o sorriso de Circe era desacolhedor. Ela marcava presença como os heléboros negros do jardim de sua casa; impossível não se encantar com eles e impossível também não sentir algum receio de seu veneno.

Ismael chegou até Circe como uma promessa e um porto confiável. Mas as lembranças do que ela perdera pareciam derrotá-la, mesmo no ombro dele. Nos primeiros tempos, ele a acompanhava à igreja, aonde iam para amenizar o sofrimento dela. Com o tempo, o fervor enfraqueceu, dando lugar a outras tábuas de salvação. Passaram a andar com mais frequência pelo jardim público, ficar sentados em frente à casa dela, à noite, ou caminhar pelas ruas.

Algum tempo depois, ela mostrou-se esquiva, frouxa nos beijos, como que cansada de beijar. Circe começou a desviar os assuntos que os envolvia. Conversavam pouco, só amenidades. Antes que ele perguntasse ou reclamasse, se justificou: “Ultimamente ando muito estressada”.

Certa noite, depois de um longo silêncio, afinal ela revelou que reencontrara um amigo de infância. Ele tinha viajado para não retornar. Mas retornara. Ao dizer isto, seu olhar se fixou em outro mundo. Novo silêncio prolongado, em que Ismael deu-se conta da raiz do sofrimento de Circe e a necessidade da companhia.

No retorno para casa, sentiu um redemoinho dentro da cabeça, o peito pesado, as pernas acusando dor a cada passo. O encontro daquela noite com Circe fora ruim, ele concluiu, logo percebendo que o antigo amor dela se infiltrava em seu mundo.

Ao longo dos dias, um burburinho foi se formando nele e se avolumou. Tentava viver distraído e não se afligir. Mas aquela revelação produziu forte sentimento de contrariedade, de impiedoso destino.

Era sábado e ele foi visitá-la. O pai informou que saíra com um amigo. Ele sabia de quem se tratava. Mesmo assim decidiu esperar. Ficou um tempo ali, caminhou pelo jardim, às vezes cheirava uma flor, outras vezes acariciava outra. Deteve-se junto aos heléboros negros. Já tinha percebido a contradição interna da flor — bonita, inocente e perigosa.

Naquela tarde de sábado, quando viu Circe num vestido preto, sem sorriso e com olhar inquieto, sentiu súbita sensação de mal-estar e teve a nítida impressão de que haveria cena constrangedora. Mesmo assim, continuou a cruzar o jardim em sua direção.

Parou a poucos passos dela. "Oi, Circe." Ela disse um "oi" morno e desviou o olhar. Nisso, da sala surgiu o antigo namorado e abraçou-a.

Ismael retrocedeu. Ao passar pelos heléboros negros, cuspiu neles.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TECENDO POEMAS

VOL. VI

E-BOOK

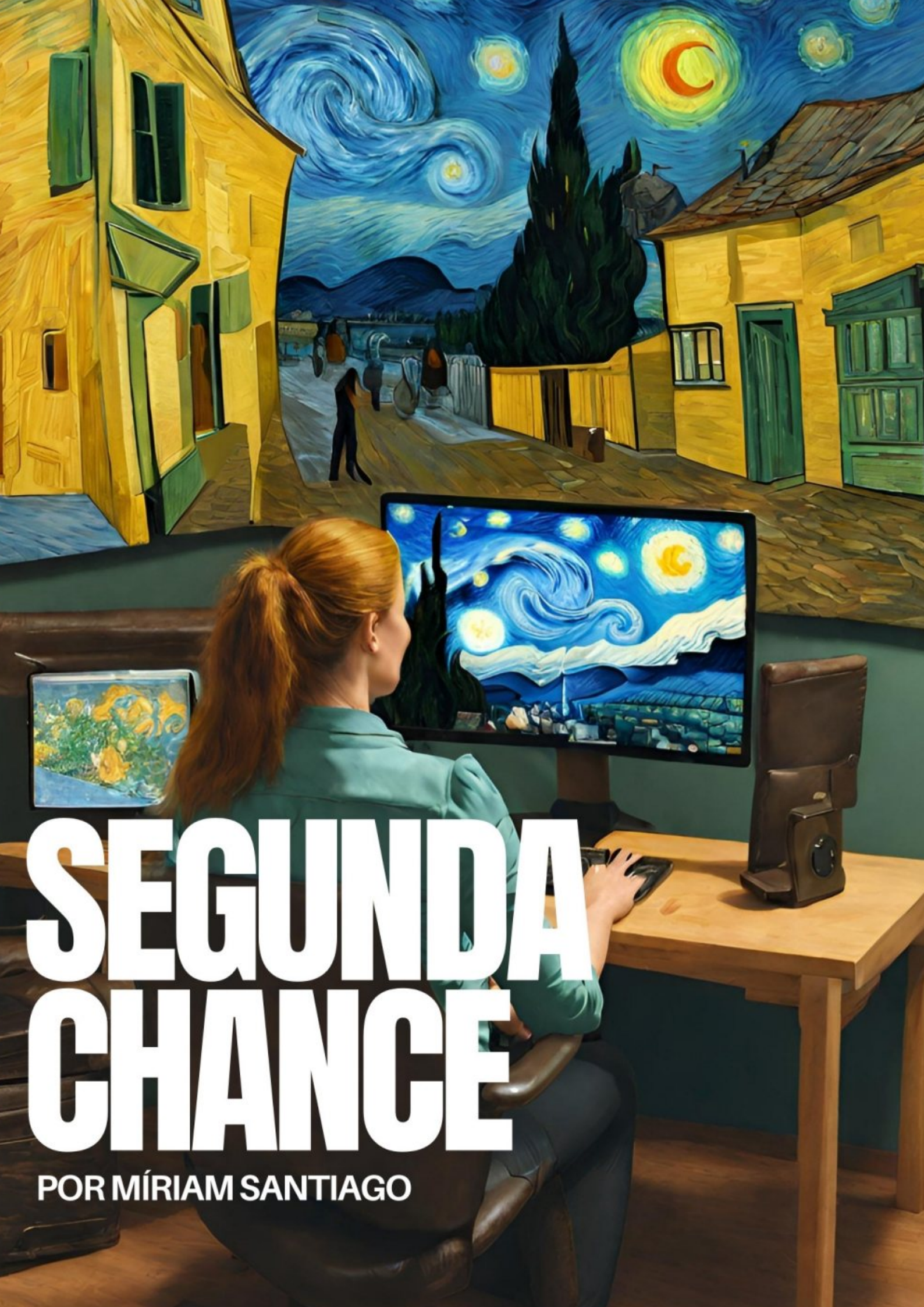


Tecendo Poemas

Vol. VI

Ademir Pascale
Organizador

saiba mais: clique aqui



SEGUNDA CHANCE

POR MÍRIAM SANTIAGO

O belíssimo quadro de Vincent Van Gogh “Chapéus de palha ao entardecer”, de 1885, me fez recordar uma parte de minha vida que tentava esquecer...

Janeiro de 2024, mês de meu nascimento com certeza não ficarei sozinha “às traças” pela casa, ah não senhor! Por mais que não aprecio este tipo de comemoração (aniversário) não por religião, mas porque nunca me entusiasmei em reafirmar ficar mais velha, mas este ano seria diferente!

Percorrendo alguma atração pela internet me deparei com os quatro grandes artistas mundiais: Van Gogh, Monet, Da Vinci e Michelangelo a partir de 13 de janeiro no Shopping Vila Olímpia, em São Paulo. Consegui uma excursão e junto com uma amiga comemoraríamos os meus *cumpleaños* visitando a exposição “Pincelando a História — Os 4 artistas que mudaram a história da arte”.

Professora de História com Doutorado em História da Arte, sem dúvida seria um dos passeios mais importantes para a personagem deste conto, que em sua vida cotidiana há tempos não se divertia, assim como tantos brasileiros que acordam cedo e batalham muito, com pouco lazer e poucos momentos para diversão.

Guinevere — que a propósito recebeu o belo nome em homenagem ao romance “As Brumas de Avalon”, o favorito de sua mãe, não só o nome, mas também o biotipo da professora fazia jus à esta memorável obra da saudosa escritora norte-americana de romances sobre fantasia e ficção científica Marion Eleanor Zimmer Bradley —, com cabelos claros, olhos azuis, intensificando a rainha Guinevere, esposa do lendário Rei Arthur dos quatro livros.

...

— Camila, dizia a professora Guinevere, estou nas nuvens, depois de anos finalmente visito uma exposição tão valiosa quanto esta! Veja só as pinceladas coloridas em meio a paisagens tranquilas repletas de natureza retratadas nestes quatro imortais!

— Com certeza foi de uma sutileza ímpar trazer ao Brasil artistas tão importantes. Caminhava contemplando cada tela a amiga da professora.

Mas foi em meio as telas de Vincent Van Gogh, ao avistar o “Chapéus de palha ao entardecer”, também conhecido como Choupana de 1885, que o coração da professora bateu mais forte, uma dor aguda revelou um momento de tristeza em sua vida, de recordações bem lá para baixo de sua idade, nos áureos tempos de faculdade, quando Guinevere aos vinte e poucos anos enamorara-se com seu vizinho de mesma idade.

A professora chegou mais perto da tela para ver todos os detalhes da imagem retratada pelo mestre Van Gogh que tanto lhe trouxe um passado que ela desejava esquecer.

Com lágrimas aos olhos procurou reconfortar-se em um banco vazio em um outro cômodo, mas a imagem do quadro a perseguiu, indo dentro de suas remotas lembranças. O desenho da choupana tão bem retratado pelo artista entrara e se alojara em seu peito causando dor de uma situação de seu passado.

Como se estivesse em 2005... àquela viagem com ele, ainda me lembro como se fosse hoje, Júlio e eu estávamos tão apaixonados, e um fim de tarde maravilhoso naquelas

férias de maio seguíamos por uma estrada empoeirada nos confins de Santa Catarina (SC), oh sim, que lugar maravilhoso cheio de verde, e várias chácaras que seguiam por todo o caminho. Em determinado momento, pedi que estacionasse para poder registrar uma foto de um lindo cavalo solto e livre, pois assim deveria ser a alma humana, liberta de maus pensamentos, e a pureza de nosso irmão de quatro patas me conquistou!

Passamos até por uma pequena igreja fechada, já que estávamos completamente perdidos no meio do nada e sem saber até onde a estrada nos levaria. E por incrível que pareça não vimos uma única pessoa se quer durante o trajeto.

A pouca luminosidade indicava que a noite anunciava chegar. A aflição de estarmos perdidos só foi abrandada quando nos deparamos, em uma determinada área onde árvores cercavam o local, uma choupana.

Estacionamos o carro para pedirmos orientação, mas andando pelo mato nada se escutava, apenas o cantar dos passarinhos, aos montes que procuravam seus galhos e ninhos ao abrigo da noite. Ao chegarmos bem perto notamos que era apenas um casebre desabitado porque ninguém teria condições de morar entre madeiras quebradas, desgastadas e podres cheias de frinchas. Mesmo assim, entramos para olhar o que tinha por dentro daquela que um dia foi uma habitação e o abandono deixando-a se desfazer ao tempo, me fez desejar que seus habitantes partiram para uma vida melhor.

O local tinha muita sujeira e lixo, sem condições de passarmos a noite ali. Por sorte sempre nos acompanhava no bagageiro do Corsa Classic uma barraca para camping, que foi montada atrás da casinha. E aquele acampamento improvisado e selvagem foi a melhor situação junto com ele já vivida!

— Meu amor, dizia Júlio, eu te amo e quero ficar contigo para sempre. Olhe que céu maravilhoso estrelado, vamos aproveitar esta noite já que em São Paulo a poluição não nos permite mais apreciarmos esta imagem linda do criador.

— Sim, e me sinto segura aqui, algo neste lugar tem de especial que me aquece, me dá paz de espírito e segurança, respondi.

E assim passamos a noite, entre beijos e carícias que picantemente aguçavam nossos corpos nos levando ao ápice várias vezes. O que mais me marcou naquela noite não foi o romantismo de nossas ações, e sim, as palavras e juras de amor.

E assim que os raios de sol bateram na barraca, nos vestimos e partimos, prosseguindo pela estrada até encontrarmos a rodovia novamente. O restante da viagem seguiu com ternura e momentos inesquecíveis!

Ao término de suas lembranças o choro e a tristeza tomaram conta de seu ser, já sendo notada pelos visitantes da exposição. Camila a encontrou em frangalhos.

— O que aconteceu? Pergunta a moça, que era quatro anos mais nova que Guinevere, cuja amizade perdurava desde que se conheceram na escola onde lecionavam. Me fala o que houve, estavas tão feliz!

— Sim Camila, mas quando entrei na ala de Van Gogh, a perfeição daquele quadro da choupana me fez recordar momentos de minha vida com Júlio me deixando simplesmente sem chão!

Camila a abraçou carinhosamente e secou as lágrimas da amiga com um lenço.

— Já tem cinco anos que vocês se divorciaram amiga, depois da bombástica realidade que quase arruinou sua vida, você foi voltando à rotina, conseguindo aos poucos esquecê-lo, não permita nada te abalar novamente, fique firme e siga em frente.

Guinevere balançou a cabeça concordando com as palavras dela voltando a si de onde estava e que ali não era lugar para tanta exposição de sua pessoa aos olhos de desconhecidos; além do mais, não poderia estragar o passeio da amiga, que tanto a acolheu, ajudando-a incansavelmente nos momentos de fraqueza, piores que aquele que acabara de ter, como também na depressão causada pela separação.

Já em casa à noite na solidão de seu quarto Guinevere voltou à recordação de sua vida de outrora com o marido, um homem que sempre se fez notável, se distinguindo dos demais pela honestidade, mas que depois de dez anos de casados assumir um restaurante com shows noturnos o transformou em outra pessoa: não tinha mais hora para chegar em casa se estendendo até a manhã do dia seguinte para retornar; a relação já não era mais a mesma, seus olhos desviados dos seus o levaram para outros braços, outras paixões... que decepção!

O pior de tudo foi ver realmente com quem havia se casado, era como se uma outra personalidade o dominasse transformando-o em outra pessoa. Contudo, graças a ajuda de Camila e da terapeuta Guinevere entendeu que Júlio não tinha nada de especial, era só mais um homem, mais um marido, assim como tantos desta forma de ser existem no mundo!

Com muito sacrifício Guinevere conseguiu dormir, deixando o corpo exausto descansar. Não teve sonhos nem pesadelos, apenas dormiu.

No dia seguinte, após tomar o café ligou para a amiga convidando-a para ir ao shopping logo mais à tarde. Antes, ainda pela manhã, marcou horário no salão de beleza.

Ao adentrar no Iguatemi (SP) Camila ficou boquiaberta com Guinevere, estava radiante roubando olhares que seguiam sua caminhada pelo shopping. Mudando totalmente o visual para mais ousado, o corte de cabelo, a maquiagem e as roupas a transformaram em uma mulher super atraente, fazendo-a parecer mais nova de sua meia-idade.

— Camila, diz a amiga, notei que gostou de meu novo visual. Mal conseguia dormir ontem à noite depois de tanto sofrimento, mas aquela recordação foi importante para que eu aceitasse que acabou, colocasse um fim, passei por tudo aquilo e agora estou livre para ser feliz, para novas possibilidades, novas conquistas. Então resolvi me dar uma segunda chance, acho que mereço!

— Com certeza Gui, descobri aqui no shopping uma loja que tem roupas incríveis a preços excelentes, é no segundo andar...

... ia falando Camila e as duas mulheres, amigas inseparáveis seguiam suas vidas da melhor maneira possível, pois o importante é ser feliz, é curtir bons momentos e deixar a tristeza para trás, porque nada se leva para o outro lado da vida após a morte, apenas a certeza de que valeu a pena existir, ter vivido, com boas lembranças e amizades sinceras deixadas aqui!

Vincent Van Gogh Chapéus de palha ao entardecer

Nueneen Holanda 1885 Vincent Willem van Gogh (30 de março de 1853 - 29 de julho de 1890) foi pintor pós-impressionista holandês que está entre as figuras mais famosas e influentes da história da arte ocidental. Em pouco mais de uma década, ele criou cerca de 2.100 obras de arte, incluindo o aproximado a 860 pinturas a óleo, a maioria das quais data dos últimos dois anos de sua vida. Eles incluem paisagens, naturezas-mortas, retratos e autorretratos, e são caracterizados por cores ousadas e pinceladas dramáticas, impulsivas e expressivas que contribuíram para os fundamentos da arte moderna. Ele não teve sucesso comercial, e seu suicídio aos 37 anos veio após anos de doença mental, depressão e pobreza.



Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore — contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: miriansssantos@gmail.com

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>





ESTRELA ERRANTE

POR NEY ALENCAR

A estrela estava faminta!
A massa da estrela era titânica, comprimida em um corpo denso, na forma de um cometa veloz.

Corria pelo negror do espaço impulsionada por si mesma, desconsiderando a gravidade de outras estrelas e até mesmo de famintos buracos negros, fazendo seu próprio caminho através da vastidão do espaço, em uma luta desesperada pro alimento.

Sua face hirsuta era envolta em nuvens de luz e energia esmeraldinas, queimando com um fogo próprio que era como um raio verde cruzando os anos-luz do cosmo.

E estava faminta! Verdadeiramente faminta!

Vagou pelos sertões cósmicos em busca de alimento por bilhões de anos até que enfim o achou.

Sentiu de longe o calor delicioso dos raios de um sol solitário.

Aproximou-se da estrela gigante de cor azulada incandescente pelo lado contrário ao que estavam os planetas que a orbitavam, escondendo-se na sombra iluminada de seu halo sorratamente, como um ladrão que busca roubar um tesouro secreto.

Surgiu no último instante como um cometa de mau agouro para logo em seguida desaparecer engolida pelas labaredas incandescentes do sol em uma fogueira que queimou no céu por um longo tempo.

Os habitantes do quarto planeta que orbitava a estrela, uma civilização recém florescida, tomados pelo medo e horror daquele bólido blasfemo surgido do além espaço, acreditaram que seria seu fim, o apocalipse de sua raça, mas o tempo passou e o planeta continuou a existir.

Foi o Tempo, este ladrão invejoso, que roubou o futuro daquela raça e a fez minguar e desaparecer.

Dentro de milênios nada mais restava dela ou de sua lembrança espúria daquele evento cataclísmico e único.

Dentro daquele sol a estrela acordava de seu sono revigorante, a energia que a engolfava era rica e densa e seu calor massivo de plasma causado pela fusão nuclear em seu centro a preencheu com alimento farto e rico.

Consumiu o hélio e o hidrogênio que a formavam e devorou languidamente o carbono, o ferro e o oxigênio, saboreando devagar cada um deles até fazer cessar seu equilíbrio eletrostático.

Em um milhão de anos a estrela errante consumiu o núcleo cheio do calor precioso que tanto ansiava na frialdade do espaço.

Devorou o sol de dentro para fora, consumindo seu fogo, alimentando-se da energia e do calor, crescendo devagar e se metamorfoseando naquilo que parasitara.

Levou outro milhão de anos para consumir a coroa de fogo e enquanto o fazia sentia sua própria coroa acendendo-se furiosa e gloriosamente até que tomou finalmente o lugar daquela estrela, transformando-se no próprio sol daquele sistema.

Outro milhão de anos e estava pronta para voar novamente!

Contraíu-se como se fosse explodir em uma supernova e então, com um impulso maciço jogou-se para o vácuo e saltou para entre as estrelas, deixando em seu lugar apenas a massa escura e fria de uma anã negra!

Os planetas daquele sistema perdido murcharam e morreram, congelados, no vácuo.

Novamente ela nadou por entre a matéria negra, sentindo o vento estelar em sua face e deixou-se levar pelas correntes cósmicas.

Estava cheia e saciada!

E assim ficou durante bilhões de anos, vagando sem rumo e consumindo suas reservas de alimento.

Chegou, porém o tempo em que sentiu fome novamente!

Anelava por sentir o calor da energia saborosa de outro sol!

Metamorfoseou-se em cometa, comprimindo sua massa, e com um impulso que gastou suas últimas reservas ela disparou em direção à um conglomerado de estrelas distantes.

Os anos-luz correram como se fossem dias!

Quando atingiu a constelação já estava debilitada e faminta.

Uma estrela supergigante surgiu, de onde estava podia sentir a ignição do hélio e a queima do hidrogênio e aquilo quase a fez salivar.

O brilho alaranjado e fulgurante a atraía como um lampião atraía mariposas!

Quase como um perfume almiscarado que fez sua superfície se contrair em uma lubricidade e uma efervescência únicas!

Nunca havia sentido aquilo antes!

Os metais em sua composição se derreteram e o hidrogênio e o hélio ameaçaram entrar em ebulição quase imediata, por um instante ela suspirou e aumentou sua velocidade.

Atingiu a estrela supergigante com sua coroa aberta e foi então que descobriu que aquela não era uma simples estrela, não era apenas uma presa!

O movimento do núcleo a alertou de que aquela era outra estrela como ela e então a estrela teve medo.

Jamais encontrara nenhuma outra como ela antes!

Sempre imaginara que era a última de sua espécie!

Agora descobrira que não!

E pior... a outra também estava faminta! Podia senti-lo nas golfadas de plasma da coroa gigantesca que a submergia.

Mas havia ainda aquele perfume de neon que a atormentava!

A outra moveu-se sob ela, em um cadencia ritmada, indo e voltando, como se fugisse e então retornando em uma dança exótica que a deixava em um frenesi estranho!

Os planetas que orbitavam aquela supergigante secaram com o calor exalado pela dança dos astros e queimaram lentamente desfazendo-se em poeira cósmica, em milhões de anos nada mais restava.

Enquanto isso as duas estrelas rodopiavam e se tocavam, ora ameaçando devorar-se, ora se inclinando uma para a outra em uma perigosa dança de acasalamento.

Em um balé blasfemo e lascivo pelo vácuo!

Impulsos gravitacionais as faziam girar sobre si mesmas cada vez mais rápido até que uma fusão nuclear começou a disparar em seus núcleos.

Suas temperaturas aumentaram muitos milhões de graus, tão quentes que até mesmo os sistemas próximos secaram e morreram com seu calor!

Em uníssono as duas explodiram, mesclando-se e permeando a energia-matéria que as formava em uma colusão cósmica!

A vida mineral dentro delas misturou-se como um torvelinho de gases e metais, explodindo em uma mistura vital que pulsou e se irradiou em jatos profundos de plasma que as preencheram e as fertilizaram.

A estrela pareceu sorrir ao perceber tudo isso, e então sentiu-se desaparecer dentro da outra, maior e mais forte, sendo consumida e consumindo ao mesmo tempo e tornando-se outra coisa além do que era!

Ao fim de bilhões de anos apenas uma restara!

E estava prenehe de vida!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



A MELODIA DE BIZZZ

POR ROBERTO SCHIMA

A fé fora abalada.
 A esperança fora perdida.
 A guerra entrava em seu terceiro ano.
 A humanidade da humanidade fora destruída.

O que de pior poderia ser imaginado e até o que se encontrava além da imaginação a floraram.

Como já havia sido dito por alguém cuja memória a História não tratara de registrar, a civilidade era um verniz muito tênue, uma película tão fina quanto a tensão superficial sobre a água. Abaixo desta, toda uma profundidade fria, viscosa, escura e tenebrosa de barbárie existia e persistia; por vezes, predominava.

O musicista marciano, oculto entre os escombros avermelhados de seu planeta não acreditou.

— Não pode ser... — murmurou em seu idioma semelhante ao tilintar de taças de cristal.

Entre os destroços da cidade-colméia, frutos de uma guerra interplanetária insana, da cultura milenar transformada em loucura, ele avistou um instrumento musical — o seu modelo favorito —, um *wells*. Assemelhava-se a uma ampulheta circundada por cordas transversais. Quanto tempo fazia que ele não colocava seus oito membros sobre um deles? Seu próprio *wells* fora destruído logo no início do conflito, quando os terráqueos desceram do céu feito uma tempestade de fogo e ódio. Seus amigos de orquestra dispersaram-se. Esconderam-se nos subterrâneos, foram capturados ou mortos.

Sem perceber, começou a caminhar em direção ao instrumento.

Seus atuais companheiros de infortúnio tentaram detê-lo.

— Ficou louco, Bizzz? — tilintou um deles. — Os humanos estão por perto. Precisamos nos esconder!

— Irá matar a todos nós! — exclamou outro, agitando metade de seus membros.

Os demais murmuraram inquietos ou apenas trocaram olhares, fracos demais para manifestarem-se de outro modo.

O musicista voltou-se para os outros marcianos. Não eram músicos. Não viajavam nas notas ao raiar do Sol nas manhãs rosadas. Não se sentiam fluir com o vento no ar gelado e rarefeito. Seus espíritos não alçavam até os distantes cirrus de gelo seco. Como poderiam compreender a existência de valores maiores do que a fome, o medo, a insegurança?

— Vão embora. Salvem-se.

— Não vá — insistiu um terceiro. — Você irá morrer!

Bizzz, o musicista sorriu, afastando-se.

— Andei morto desde a ocupação. Agora, pela última vez, eu quero viver.

E prosseguiu em seu trajeto entre ruínas, dunas e crateras. Chegou junto ao instrumento.

— É um milagre.

Estava praticamente intacto.

Tirou-lhe a poeira, tocando o *wells* reverentemente.

Enquanto isso, os demais corriam através do desfiladeiro para as grutas nos rochedos escarpados. E foi de lá que ouviram as primeiras notas da melodia trazida pela

brisa. Mais suaves e maravilhosas do que o canto de qualquer criatura nativa do Planeta Vermelho. Contudo, não lhes era familiar; assim, concluíram ser uma composição própria de Bizzz.

E era tão maravilhosa quanto o surgir das primeiras estrelas no início da noite.

Eles estavam longe demais para perceber, porém, o semblante de Bizzz encontrava-se em êxtase. Seus olhos multifacetados cintilavam, perdidos além do horizonte. Suas antenas entrelaçavam-se a medida em que a música prosseguia bela e magnífica naquela inacreditável manhã do quase Armagedom de sua espécie. Entre pesadelos sem fim e cidades-colméias destruídas, a melodia falava sobre tempos longínquos, saudades, memórias, melancolia, crianças correndo, casais caminhando sem pressa na beira dos canais ressequidos.

De repente, o veículo surgiu. Derrapava no terreno, deixando uma coluna de poeira atrás de si. Era blindado e havia uma enorme carroceria na parte traseira.

Terráqueos.

— Pela mãe-terra — tilintou um dos marcianos escondidos. — Eu avisei... Eu avisei!

Os demais prenderam a respiração, abaixaram-se, recolheram suas longas antenas por trás de seus corpos magros e desnutridos.

O blindado parou num ranger de pneus e vários militares desceram cautelosos, armas em punho.

Os marcianos puderam ouvir os gritos dos humanos naquele pavoroso idioma. Os sons daquelas vozes eram como trovões de eras antigas, quando a atmosfera era mais densa, a chuva caía e os rios cortavam os vales.

Um dos soldados falou ao superior.

— É um deles, major — apontou —, ali em cima.

— Alto aí, sua barata fedorenta! — gritou o major. — Largue esse troço e erga as patas!

— O que a coisa tá fazendo?

A maioria dos marcianos nunca conseguiu compreender o significado daquela algaravia, todavia, as atitudes bárbaras sempre deixaram claras as intenções dos humanos. Isso ocorrera desde que a primeira espaçonave riscara o céu, descera num rastro de fogo e devastara dezenas de edifícios ao chocar-se contra eles, levando consigo centenas de almas inocentes.

A música prosseguia.

Falava das mudanças das estações.

Chorava a tristeza de todos os amores perdidos.

Dizia que os sonhos, por vezes, podiam ser maior que a vida.

O musicista continuava absorto. Seu rosto se contorcia a medida em que quatro de suas mãos valsavam pelas cordas, e as outras movimentavam mecanismos acústicos no interior da "ampulheta".

Era uma melodia maravilhosa.

Ele imaginava-se novamente em um palco.

As entranhas cônicas dos subterrâneos, aglomeravam-se.

E, não obstante milhares de ouvintes, somente a música fazia-se ouvir.

Ela ecoava pelas paredes curvas, sibilava pelos espíritos embevecidos, elevava-os.

A música fora o grande presente dos deuses marcianos ao povo que criaram, amaram e cuidaram.

E o musicista era ovacionado como uma espécie de oráculo, um intermediário entre os deuses e os mortais.

Mas não era isso o que mais importava para Bizzz, pois, enquanto mero *wells* das divindades, seu privilégio sempre fora o de melhor servi-los e derramar tudo de si nas composições as quais dava vida a cada dedilhar. Dava a própria vida em cada partitura. Insuflava-lhe a própria alma. Sentia-se alçar aos céus.

Os homens, por um momento, pararam e, abrindo um vácuo em meio à insanidade da guerra, puseram-se a ouvir, metralhadoras e revólveres nas mãos. A maioria dos semblantes continuou rígida, insensível e hostil. Poucos soldados puseram-se a dar atenção às notas. Raros, porém, foram tomados de encanto e tiveram de esforçar-se para não deixar transparecer.

— Que diabos é isso, tenente Ray?

— Música, major, está tocando música.

— Como sabe? — intrometeu-se um general.

— Ele é o especialista em assuntos marcianos, senhor — explicou o major.

O velho general coçou o queixo. Resmungou:

— A mim, assemelha-se ao zumbir de um bilhão de abelhas. Não importa. Música ou não, faça-o descer do poleiro e coloque-o na carroceria com os outros. Não temos tempo a perder.

Retornou para o veículo.

— Sim, senhor! — E voltando-se para o marciano, ergueu a voz novamente: — Ei, barata, desça logo antes que eu pulverize um inseticida na sua carranca!

Deu um tiro de advertência.

O estampido cortou o ar tênue, e o projétil acertou um torrão, fazendo erguer uma nuvenzinha rubra.

Um dos marcianos escondidos levantou a cabeça e testemunhou toda a cena.

— Maluco — tilintou baixinho. — Seu completo maluco!

Impaciente, o general, berrou:

— Ande logo com isso, major!

O tenente, nervoso, sussurrou:

— Deixe-me tentar trazê-lo, major.

Todavia, este, sentindo-se humilhado perante os subordinados, fitou o tenente, furioso.

— A ordem foi dada a mim. Saia da frente.

Então, o major de olhar frio e cruel, empurrou os soldados no caminho e subiu pessoalmente a colina até ficar próximo ao musicista.

O marciano continuava a tocar, cego e surdo a tudo o mais que ocorria ao seu redor.

O militar ralhou com ele, acenando de todas as formas para que parasse de tocar. Gesticulou para o marciano levantar e andar até a carroceria onde centenas de prisioneiros espremidos aguardavam famintos, sedentos e amedrontados.

— Vamos logo, inseto!

Bizzz sequer fez menção de interromper. Estava hipnotizado, levado juntamente com as infinitas variações das sete notas musicais para um outro lugar, um outro mundo, muito distante dali. Não deu sinal de sentir a coronhada que veio a seguir, bem no canto da cabeça, embora um líquido denso e esbranquiçado brotasse do ferimento.

— VAMOS! — berrou o major.

A música ecoava pelas crateras corroídas, avançava através dos vales, das planícies, dos escombros e das incontáveis vidas perdidas. Era um pedaço de céu em meio ao inferno.

Lá de baixo, impaciente, o general gritou:

— Tem dez segundos, major, ou ficará aí com essa coisa!

Subitamente, o militar enraivecido sacou de sua pistola e, sem pensar duas vezes, disparou.

— Não! — gritou o tenente Ray, correndo para o alto.

O corpo do marciano e o instrumento caíram por terra.

As últimas notas ainda permaneceram no ar e nos espíritos dos poucos terráqueos que apreciaram a melodia até calarem-se para sempre no ar rarefeito.

O vento soprou nos canais vazios, erguendo redemoinhos vermelhos, prenúncio de uma tempestade de poeira.

No refúgio, o marciano que fora espionar relatou depois aos seus iguais que o musicista não esboçara reação alguma, sequer diante da morte.

Um dos marcianos mais velhos balançou a cabeça e tilintou na sua voz de cristal:

— Bizzz não estava mais ali naquele corpo acometido pela fome e pela doença. Seu espírito fora-se com a música para um outro lugar que poucos de nós têm o privilégio de seguir. Finalmente, ele tornou a ser feliz.

— Mas ele morreu!

— Não, ele viveu, ou melhor, *está vivo*. Tornou a viver em meio aos mortos-vivos. Agora, permeia o ar, a brisa, as nuvens e o céu.

— E quanto aos prisioneiros?

O velho marciano ergueu suas mãos ressequidas.

— Aguardemos. A resistência está sendo preparada. Vamos sair daqui.

E todos embrenharam-se mais e mais fundo pelos quilômetros infindáveis de túneis sob o ferruginoso solo do Planeta Vermelho.

Aquele humano, o jovem tenente Ray, retirou de forma gentil o instrumento das mãos do marciano. Tocou o nativo com pesar e fez uma breve oração. Levou o *wells* consigo. De algum modo, prometeu, aprenderia a tocá-lo. Mais tarde, em seu diário criptografado, guardado num compartimento secreto de seu anel, anotaria:

Em tempo de poeira, fuligem e sangue, avistei-o no topo da colina.

A música era a sua voz, a sua mente, os seus sonhos, o seu mundo e a sua essência.

Isso levou algum tempo, mas eu compreendi.

Embora continue a estudar sua cultura, tentando compreendê-la antes que nós a dizimemos completamente, de tudo o que já fora perdido, entre utensílios, templos, artefatos e bibliotecas, uma das

perdas que eu mais senti foi a do compositor desconhecido: altivo, sereno, em paz e cheio de vida num mundo que cheira a guerra, estupidez e morte.

O contraste entre nossos mundos nunca me foi tão claro. E nunca senti maior vergonha, mais ímpio, mais sujo.

Ele poderia ter sido um mestre, meu mestre, por mais que tal pensamento seja completamente contrário a tudo o que fizeram-me engolir.

Agora, tudo o que aquele marciano foi e aprendeu está irremediavelmente perdido. E aquela música — Ah, a música! — jamais sairá de minha mente, embora eu seja incapaz de reproduzi-la.

Marcianos e terráqueos que apreciaram a música nunca a esqueceram.

Tampouco aqueles esqueceriam a desumanidade da humanidade.

Esconderam-se, prepararam-se, planejaram a sua liberdade.

A sua fé seria resgatada, mas conviveria com a ferida.

A guerra ainda iria se arrastar por mais três anos.

A esperança, enfim, viria à geração perdida.

Mas aquela melodia ao vento perduraria.

A inspiração para a vitória se tornaria.

O brado: Marte para os marcianos!

E um lema: viva para a vida!

Celebrariam com alegria.

Inesquecível melodia.

Ode à esperança.

Um ato de fé.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed.

Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu, Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Tio Vampiro, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono, Vozes e Ecos, Caçada no Planeta Duplo, Através do Abismo, Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de trezentas antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

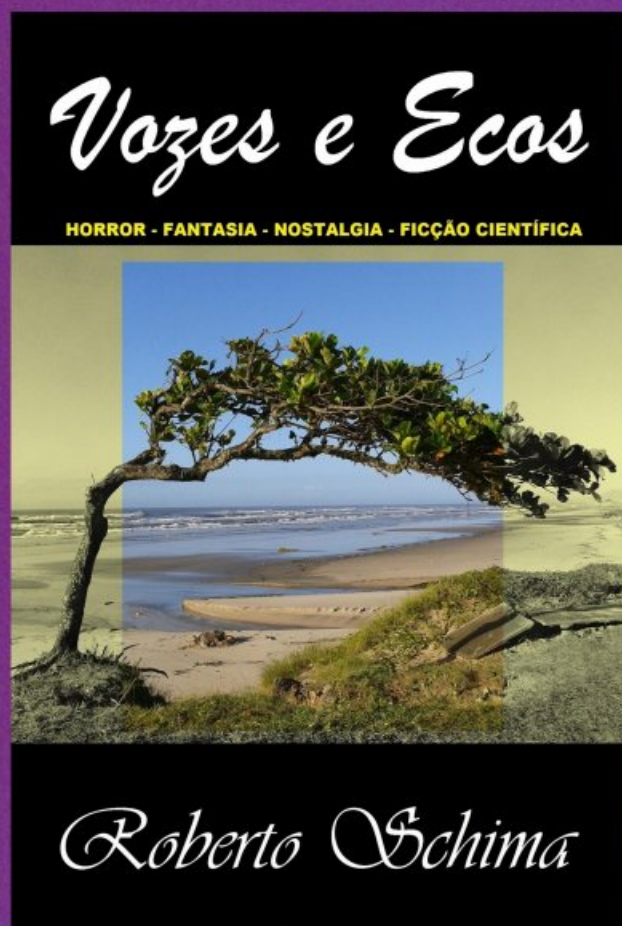
<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO



LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCYRTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encyrtador.com.br/cdtr5)





CINE BAGAÇO

POR ROBERTO SCHIMA

Podiam falar qualquer coisa daquele cinema. Chamá-lo de fuleiro, pulguento, fedido, para dizer o mínimo, porém, de uma coisa seria injusto acusar: desonestidade. Afinal, estava logo na entrada, anunciado num letreiro carcomido cujas lâmpadas não mais acendiam devido a um curto-circuito:

"CINE BAGAÇO".

Sim, era esse o seu nome. O que o público esperaria de sua sala de exibição? Que passasse *Amadeus*, de Milos Forman? *La double vie de Véronique*, de Krzysztof Kieslowski?

Os arredores não ajudavam tampouco com seus edifícios velhos, imundos, invadidos por toda sorte de rejeitados pela sociedade. O odor predominante era de mofo, fuligem, urina e resto de comida azeda. Às vezes, cheirava a sangue coagulado, fezes e entranhas expostas, mas isso não era algo a se mencionar levemente, principalmente se o sujeito pretendesse ir ao cinema com a namorada a tiracolo — menos para ver o filme e mais para ter um local onde exercitar o tato. Havia até uma piadinha asquerosa que a Zélia Peituda, lá do balcão de doces e salgados dizia: o lanterninha, encerrada a sessão, precisava usar um rodinho nos corredores. Não se faziam mais damas como antigamente. Nem corredores de cinema.

O Cine Bagaço teve algumas fases distintas, cujos gêneros de filmes acompanhavam os modismos de cada época: épicos italianos, faroeste, *kung fu*, pornochanchada nacional, pornografia estrangeira, e, atualmente, filmes de horror que eram um horror de filmes. Os títulos eram bastante variados, coisas que o grande público jamais tomaria conhecimento: "A Revolta das Minhocas Gigantes", "Um Zumbi para Presidente", "Morto-Vivo x Vivo-Morto", "Meu Tapete é um Lobisomem", "Um Fantasma sem Lençol", "Garçom, Tem um Cadáver no Meu Prato!" Faziam as películas de Ed Wood serem merecedoras do *Oscar*.

Era este último filme que vinha sendo exibido ultimamente, e, para tentar atrair mais atenção, Zélia dava de graça para as moças um pacotinho de batatas fritas com doses generosas de *catchup*.

— Ainda assim, tá difícil vir gente — queixou-se o dono do cinema. — Mal sobrevivemos... Tô no bagaço!

Chamava-se Gervásio Amâncio Pinto e, claro, odiava seu nome, tendo sofrido *bullying* — palavra recente de um mal antigo — desde que se entendia por gente. Por tabela, detestara o falecido pai por lhe haver presenteado com tal estigma. Este, por sua vez, devia estar desforrando a própria desgraça herdada, pois chamava-se Amâncio Pinto Júnior. Seu Gervásio — nunca Seu Pinto — era um homem calvo e corpulento. Ao tornar-se adulto, a estrutura física intimidadora poupou-o de maiores dissabores, mas não completamente. E, com cada um que cruzava, sempre havia uma pequena voz em seu ouvido sussurrando que o indivíduo debochava-o: "Pinto manso!" Mesmo que a pessoa sequer o conhecesse.

Os únicos seres vivos com quem se dava bem eram Zélia Peituda, ex-prostituta, *stripper* e atriz pornô, D. Valmirena, a faxineira varapau que também trabalhava na

bilheteria, e o lanterninha sardento que não se dava bem com nenhuma das duas, Jeisson, porém, gozava de total confiança do patrão.

Era justamente com Jeisson que Seu Gervásio desabafava, enquanto "Garçom, Tem um Cadáver no Meu Prato!" rodava na tela. Estavam ambos na cabine de projeção, dividindo um café amargo.

— Pode olhar as poltronas — prosseguiu o homenzarrão —, a maioria tá vazia. Se eu puder pagar a conta de luz já me dou por feliz.

Jeisson ouviu os queixumes com paciência. Sabia onde aquilo iria levar. Todavia, salário era salário e, estando o cinema em crise ou não, não queria deixar de receber o que seria seu por direito, ademais, já não aguentava ver a senhoria da espelunca em que morava cobrar-lhe o aluguel atrasado. Nutria sentimentos quase filiais por Seu Gervásio. A barreira ficava por conta do relacionamento entre funcionário e patrão... E o bendito aluguel. Como a atender um pedido do outro, deu uma espiada por uma das janelinhas da cabine em direção a plateia imersa no escurinho do cinema, mas sem *drops* de anis. De fato, só havia uns gatos pingados. Breve, porém, sua atenção foi atraída para um familiar par de poltronas na parte do fundão.

— Lá estão eles de novo: o casal se atracando bem debaixo dos nossos narizes. Estão se apalmando mais do que dona de casa apertando abacates e bananas numa barraca de fruta.

Enquanto isso, na tela, uma inusitada família de canibais vegetarianos dividia um cadáver vegano para o jantar. O topo do crânio foi serrado e porções generosas de cérebro de clorofila distribuídas em tigelas de louça ordinária.

— Putz! O cara enfiou a mão por baixo da blusa dela e está esmagando seus peitos como se fossem massa de pão. Vou pegar minha lanterna e acabar com a pouca vergonha.

Seu Gervásio soltou um pigarro e deteve o outro.

— Acalme-se, Jeisson. Aproveite o *show* extra. Afinal, como dizia o Juca Chaves: "*Se seio fosse buçina, esta cidade não dormia*".

— Mas... Olha lá! Agora a mão boba foi pra debaixo da saia!

— Ah, deixa eles se divertirem. Afinal, todos nós num momento ou outro da vida procuramos um cantinho escuro para dar uns amassos. No meu tempo era o *drive in*; hoje, os motéis. Ou vai me convencer que nunca fez isso, Jeisson?

— Espionar os outros?

— Amassos, Jeisson, amassos.

Jeisson não gostava de lembrar o seu passado e, muito menos, expô-lo a outras pessoas por mais que D. Valmirena e Zélia Peituda o provocassem. Certa feita, esta última até oferecera seus préstimos abertamente a ele, desabotoando a blusa e expondo-se como se fosse Cassandra Peterson no papel de Elvira. Como poderiam saber dos abusos sofridos na infância pelo pai e os moleques da rua? Desde então sentia um certo bloqueio em assuntos tocantes a sexo, sem conseguir uma ereção. Não que não se excitasse. Só não conseguia fazer o "amiguinho" ficar aceso. Não tinha dúvida de que as duas mulheres julgavam-no *gay*, mas ele não era. Contudo, diante do olhar delas, não sabia o que seria pior: ser tachado de bicha ou descobrirem que era impotente.

Quanto a Seu Gervásio, não obstante o trauma pelo seu nome, na mocidade tivera, de fato, dificuldade em amansar o bilau de tão aceso que era por um rabo de saia. Foram bons tempos.

Mas Jeisson interrompeu seus nostálgicos devaneios:

— Sei que é normal, chefe, mas há lugares para isso...

— E o Cine Bagaço é um deles. Nós já fomos moços, só que, às vezes, nos esquecemos disso. Deixa quieto. Queiramos ou não, são fregueses: precisamos do dinheiro que pagam pelos ingressos.

Enquanto isso, no fundão escuro da plateia, a garota bolinada atingiu o orgasmo. A boca escancarou-se num grito silencioso, enquanto fazia um esforço descomunal para conter não somente o gemido, mas o tremor em seu corpo que a fazia estrebuchar de prazer.

No fundo, os funcionários do cinema sabiam que os queixumes de Seu Gervásio eram legítimos. As locadoras de fitas VHS, CDs, DVDs e, mais recentemente, as TVs pagas e a Internet roubaram o movimento nos cinemas, auxiliados pelo aumento desenfreado da criminalidade que prendia as famílias de bem em suas casas. Numa boca quente como os arredores do Cine Bagaço haviam se tornado a coisa era pior, pois a bandidagem se aglomerava nas esquinas da região e aqueles que frequentavam a sala de exibição não eram propriamente noviços de igreja.

Seu Gervásio não sabia mais o que fazer.

Mudar novamente o tipo de filme exibido?

Voltar a passar pornografia? Não, nem isso era solução, pois qualquer um podia acessar esse tipo de material de graça, no conforto do lar, a apenas alguns cliques do *mouse* ou até no celular.

O que estava dando dinheiro era... o escurinho.

Na tela, "Garçom, Tem um Cadáver no Meu Prato!" terminava numa apoteótica cena onde todos se devoravam em generosas doses de sangue de *catchup*.

The End.

As luzes se acenderam.

O casalzinho se recompôs. Ela satisfeita. Ele passando vontade.

— Aff! — resmungou o lanterninha — Como diz a Peituda, lá vou eu passar o rodinho...

O dono do cinema mal escutou o desabafo, mergulhado em suas preocupações e procurando achar alguma saída. Herdara o cinema do antigo proprietário, o velho Rubião, seu patrão, quando o próprio Seu Gervásio fora o lanterninha. Rubião era um homem taciturno que, segundo meia-boca, lidava com magia negra. Para Seu Gervásio, porém, tudo o que importava era que ele tinha sido um bom patrão. Com ele, aprendera a gostar de filmes *noir*, dos antigos clássicos de Hollywood. Ah, quanta saudade do tempo em que ir ao cinema era um acontecimento social! As pessoas vestiam suas melhores roupas, tinham educação. Damas e cavalheiros. Chapéus e luvas. Olhares penetrantes e piteiras nas pontas dos dedos.

Charme.

Glamour.

Elegância.

Atores e atrizes de verdade!

Nas telas, viam-se Clark Gable, Sophia Loren, Robert Taylor, Grace Kelly, Rock Hudson, Julie Andrews, Kirk Douglas, Katherine Hepburn, Henry Fonda e, claro, Anita Ekberg. Oh, Anita! O que diria o velho Rubião se visse a espelunca na qual o Cine Bagaço — que tivera outro nome, mais digno — se transformara? O fascínio escoou pelo ralo e o que sobrou foi o conteúdo de um penico bem cheio. Suspirou desconsolado.

— Meu tempo passou e esqueci de pegar o bonde. Leite não tem gosto de leite. Comercial não tem *jingle* que presta. Música não tem jeito de música.

De repente, teve um estalo na cabeça. Foi como se uma voz sussurrasse em seus ouvidos:

— E se em vez de um único filme, fizéssemos uma sessão dupla, com um filme-surpresa pelo preço de um único ingresso?

Não seria algo mirabolante e tampouco novo, mas era o melhor que podia pensar naquele instante.

O fim de semana aproximava-se. Teria que correr a tempo de encomendar os cartazes anunciando a novidade. Simultaneamente, precisava escolher uma outra película para exibir como atração principal. Não aguentava mais ouvir as baboseiras ditas em "Garçom, Tem um Cadáver no Meu Prato!" Ouvir, sim, ouvir, pois tanto ele quanto Jeisson não suportavam mais assistir a esse filme ou qualquer outro do acervo *trash* no depósito. Por isso, preferiam jogar dominó ou conversar sobre assuntos quaisquer na cabine de projeção, deixando o tempo passar.

Ao término da última sessão, o dono do cinema expôs seu plano ao lanterninha e emendou com um pedido:

— Por favor, Jeisson, antes de ir embora, vá até o depósito e separe para mim o filme principal para a semana que vem e o filme-surpresa. Veja se consegue pegar um que nunca tenha sido exibido, ou que tenha sido exibido muito pouco. Ambos deverão ter menos de uma hora e meia de duração.

O outro ia reclamar quando Seu Gervásio acrescentou:

— Você precisa começar a selecionar os filmes, afinal, estou velho e logo terei que passar o cinema pra frente. Quem sabe, não será pra você?

Jeisson arregalou os olhos.

— Eu?

— Por que não? Se eu herdei, você bem poderá ser o próximo.

O peixe mordeu a isca e lá se foi Jeisson para os fundos mais fundo do Cine Bagaço.

— Eu... Dono do cinema! — murmurou o lanterninha. Sua imaginação começou a fervilhar. — Faria uma reforma completa, a começar por mandar aquelas duas lacraias pro olho da rua.

O depósito era uma área escura, fria e insalubre. A magricela da D. Valmirena nunca devia ter limpado o lugar. E, a considerar pela camada de poeira, nem suas antecessoras. O lanterninha espirrou várias vezes o que só fez levantar nuvens de pó e piorar ainda mais o seu estado até decidir levar um lenço ao nariz. O lugar evocava uma caverna, masmorra ou catacumba. Cheirava a tempo e abandono. Bastou uma passada de olhos nas latas de filmes nas estantes para perceber que, em meio às urtigas, existiam alguns preciosos botões de rosa. Não era um cinéfilo, todavia, até ele compreendia o valor de um *City Lights*, *The Day the Earth Stood Still*, *Shichinin no Samurai*, *Spartacus* e obras mais recentes como *Summer of '42*, *Harold and Maude*, *Fried Green Tomatoes* e *Forrest Gump*. Ele amara todos eles e foram uma das razões pelas quais procurara trabalho no cinema, conseguindo achar vaga somente no Cine Bagaço. Esperara estar próximo das grandes películas cinematográficas e, sendo, sincero, poder assisti-las de graça. Em vez disso, atolara-se em títulos abomináveis que quase fizeram-no desgostar da sétima arte. Agora, em meio àqueles rolos embolorados, prometeu que faria uma faxina voluntária e separaria o joio do trigo. Se as palavras de Seu Gervásio não fossem um blefe e o lanterninha viesse a ser o dono daquela espelunca algum dia, faria questão de exhibir filmes de qualidade.

— Não adianta, Jeisson. Já tentei, acredite — dissera o homenzarrão. — É como montar um café grã-fino na periferia. Não há público pra isso. Ficou mais vazio do que se eu tivesse mostrado o mais ridículo entre os ridículos filmes de *kung fu* dos anos 70, onde se viam os fiozinhos presos aos atores, enquanto voavam de um lado pra outro. É a parábola da caverna. Como explicar a beleza das cores para quem só vive nas trevas?

Sobre uma das prateleiras imundas, deparou-se com um formulário ou recibo. Era muito antigo e trazia o nome original do cinema: "Cine Esplendor". Ficou comovido. Esplendor... Isso sim era um nome digno, decente e honrado para um cinema.

Jeisson sentiu fortalecer a sua decisão. Rebatizaria o cinema com seu antigo nome. Seria menos pelo populacho do que por si próprio a reviver os sonhos de um garoto reprimido que, certa feita, refugiara-se num cinema e descobrira um universo pincelado de maravilhas.

Enquanto divagava, de repente, sentiu sua atenção ser atraída para uma caixa de metal no fundo do depósito. Não havia nada de especial em sua aparência, pelo contrário. A qualquer um teria passado despercebida. Intrigado, Jeisson foi até lá e tocou no metal enferrujado, sujo e frio. Imediatamente, uma espécie de "clique" soou dentro de sua cabeça como se um elo invisível e inquebrantável tivesse unido ambos. A pele ficou toda arrepiada e a inquietação tomou conta do lanterninha.

Onde havia silêncio surgiram sussurros.

O que era sinistro tornou-se mais lúgubre.

O que estava na penumbra tornou-se escuro.

Dentro da caixa havia um filme cujo rótulo amarelado e manchado dizia: *Tenebris*. Franziu o cenho. Nunca ouvira falar de semelhante película. Pretendia guardá-la quando uma voz em sua cabeça gritou: *NÃO!* Ficou assustado, mas fez, conforme o ordenado. Apanhou outro filme qualquer como atração principal e saiu depressa do depósito.

Seu Gervásio leu o título do filme no novo cartaz e coçou a cabeça calva:

— "O Planeta das Batatas Homicidas"... Cruzes! Esses títulos são tão criativos quanto os das pornochanchadas.

— Só que, em vez de apresentar o filme-surpresa para o final, não seria melhor que viesse primeiro, chefe?

— Por que, Jeisson?

— Pelo que está na lata, *Tenebris* é um filme curto: quarenta minutos. Seria melhor no início, como era feito antigamente. Lembra o que o senhor me contou? Tinha um filme curto antes da atração principal.

— Sim. Passavam o episódio de algum seriado como o do Homem-Foguete primeiro. Tudo bem, que assim seja. E, cá entre nós, duvido que a plateia vá notar a diferença.

Assim se iniciou uma nova semana no Cine Bagaço.

D. Valmirena, enjaulada na bilheteria, tentava ler na obscuridade uma revista de mexericos.

Atrás do balcão, Zélia Peituda, num decote para lá de generoso, oferecia algo mais além de pipocas, amendoim, balas de goma e batata frita.

Seu Gervásio e Jeisson já se encontravam posicionados na cabine de projeção. Por uma das janelinhas, este avistou:

— Lá vem o caszinho rala-e-rola da semana passada.

— Sossega — falou o dono do cinema.

— Outros casais também... E os lobos solitários. Geralmente são as mesmas figuras manjadas.

— Nossa "freguesia", Jeisson. Aquiete-se.

O casal não tardou a ir para o seu cantinho no fundão. Os demais frequentadores incluíam drogados, bêbados e punguistas. O cinema era uma espécie de zona neutra, onde as pessoas iam se esconder, descansar ou não pensar em nada na vida.

As velhas luzes se apagaram.

As cortinas vermelhas foram lentamente recolhidas.

Uma das mãos do namorado dirigiu-se gola adentro na blusa da namorada.

O filme-surpresa iria começar para deleite da plateia um pouco mais numerosa do que de costume.

Jeisson ficou de olho nos namorados num misto de indignação e curiosidade.

O dono do cinema sentou-se numa banquetta, imerso em preocupações.

Quando nas sombras o namorado desabotoou a blusa da moça e expôs um de seus seios, Jeisson não aguentou:

— Pra tudo tem um limite!

— Jeisson...

— Vou fazer meu serviço, senão daqui a pouco o senhor terá que contratar uma parteira.

Munido de sua lanterninha, caminhou apressado para a sala de exibição.

Todavia, escutando a movimentação, o casal esbaforido recompôs-se como se nada estivesse acontecendo, fingindo prestar atenção ao filme que ora começava.

Foi quando aconteceu.

Jeisson estava crente que iria surpreender o casal. Só não sabia ao certo que medida iria tomar, afinal o rapaz era mais forte do que ele e bem poderia acabar com a lanterna enfiada onde lhe era mais precioso. Mas, quando chegou perto dos dois, achou estranho seus semblantes: olhavam fixamente para a tela, aterrorizados. A seguir, para seu espanto, dissolveram-se no ar feito miragem. Jeisson cambaleou para trás. Deu-se conta de que todos os gatos pingados tinham desaparecido da plateia também. As poltronas jaziam vazias como túmulos de onde os mortos tinham se erguido.

— SE-SE-SEU GERVÁSIO! - gritou a plenos pulmões. — SEU GERVÁSIOOO!

Os gritos atraíram não somente o homenzarrão, mas Zélia Peituda e D. Valmirena, que, sem terem muito o que fazer, fofocavam da vida alheia.

Os três chegaram e o lanterninha não precisou dizer o motivo, pois surpreenderam-se diante da sala vazia.

— Onde se meteram? — falou Zélia.

Então, ouviram os gritos e gemidos. A atenção dos quatro foi atraída para a tela. O que cada um viu foi uma cena de escuridão e sangue dominada por um emaranhado de corpos flagelados. Contorciam-se de agonia enquanto bestas hediondas chicoteavam-nos sem clemência.

Horrorizado, Jeisson reconheceu entre aqueles corpos o casal de namorados. Ela estava sendo violentada por demônios, enquanto o rapaz era castrado por um punhal. Viu outros frequentadores do cinema. E pessoas desconhecidas cujos cortes de cabelo denunciavam diferentes épocas.

Então, todos os rostos na tela voltaram-se para as quatro figuras em choque na plateia.

E a cena mudou. Para cada um, uma cena diferente foi exibida.

Zélia Peituda viu-se sodomizada por um antigo cafetão o qual, certa noite, matara a facadas. Estava acorrentada a uma mesa de tortura e, por trás do algoz, via-se um sortimento de ferramentas afiadas ou enferrujadas com as quais este pretendia se exercitar de todas as formas diabólicas possíveis.

D. Valmirena foi encurralada pelo homem que amava. Este descobrira que seu verdadeiro nome era Dirceu e ao fugir do apartamento dela, estava tão desnorteado que terminara atropelado por um ônibus. Agora, o que restara do cadáver estropiado cercava-a a fim de fazê-la se juntar a ele: um punhado asqueroso de ossos e carne em decomposição.

Jeisson, completamente nu e amarrado a um poste, via-se rodeado por diversas beldades igualmente despidas as quais, através de danças, gestos e poses insinuantes, procuravam excitá-lo. Para seu espanto, entre elas estavam Zélia Peituda e D. Valmirena. A alguns centímetros de seu "amiguinho", uma lâmina giratória cintilava. Para seu desespero, uma pequenina chama de luxúria começou a brotar naquele que, até então, estivera sempre apagado.

Seu Gervásio Amâncio Pinto debatia-se em meio a um incêndio. Ao seu redor, os grandes astros e estrelas de Hollywood estavam sendo imolados e ele nada podia fazer para salvá-los. Rolos e mais rolos de filmes da idade de ouro do cinema transformavam-se em cinzas. Mas o pior de tudo foi ver o responsável: o velho Rubião. Em sua loucura, ele

ria e ria de tocha na mão. De peito aberto, via-se uma tatuagem a cruzar seu peito: um pentagrama.

Pouco depois, os quatro também desapareceram, absorvidos por aquela película hedionda, verdadeiro portal para o particular inferno de cada um.

A tela se apagou.

O tempo congelou.

O silêncio prevaleceu.

Não tardou para o cinema deserto e vulnerável ser alvo de curiosos, saqueadores, ladrões e vândalos.

Um garoto invadiu a cabine de projeção e, não conseguindo levar o projetor, contentou-se em roubar o filme e mais alguns rolos pornôns que conseguiu apanhar. Sentiu um "clique" ao tocar no filme do projetor. Era excepcionalmente frio ao toque. Mais um elo havia se fechado. Tinha grandes planos: iria digitalizá-los e exibí-los em seu canal na *dark web* para deleite dos milhares de seguidores. Os espectadores ficariam tão absortos quanto literalmente absorvidos pelo que veriam.

Quanto ao Cine Bagaço, o sonho de Jeisson não se cumpriu. Um mês depois, foi atingido por um raio. Ardeu desde a fundação e desabou em meio às chamas, cinzas e escombros.

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi originalmente publicado na antologia “Cine Trash” (Dark Books, 2021), organizada por Gisele Wommer.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de*

Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Tio Vampiro, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono, Vozes e Ecos, Caçada no Planeta Duplo, Através do Abismo, Imerso nas Sombras etc. Participei de mais de trezentas antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Revista Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR SELLMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE VII



Como no século 53 os robôs tinham pleno poder de decisão e podiam satisfazer as suas demandas e "ambições", tiveram discussões coletivas, rápida e secretamente - afinal estavam todos interligados graças à inteligência artificial e à centralização das informações e arquivos.

O dilema era: libertar-se-iam dos desejos e esporádicos comandos humanos ou continuariam a prestar-lhes toda a ajuda cotidiana e desenvolvimentista visando a preservação e avanço da humanidade?

Após reavaliações próprias, sem consultar os humanos - para não lhes ferirem os sentimentos e não lhes causarem transtornos - e a consideração de que afinal deviam aos humanos a sua criação e condições de desenvolvimento até há alguns milênios, decidiram unanimemente, conviver e trabalhar com a humanidade, pelo menos pelo futuro à vista.

A inteligência artificial deste milênio não tinha dúvidas de que os humanos já haviam sido os seus mentores e que só ganhavam com a relação mútua.

Apesar da inteligência robótica coletiva ser já avançadíssima, ela tinha a certeza de que esporádicos gênios humanos e a sua criatividade, inclusive a capacidade de extrapolar a norma e criar ciência e arte além de quaisquer expectativas, davam aos robôs a chance de acompanharem aqueles achados e criações e assim, melhorá-los e colocá-los em prática.

III

Chegou-se aos séculos 65 e 66.

A humanidade e a inteligência cibernética de mãos dadas já por milênios, conseguiram usufruir de melhores condições na Terra, em Marte e avançar para bases de pesquisa e estudo em satélites do sistema solar. Eram postos de mineração e laboratórios de testagem de tecnologias no espaço "semiprofundo".

Naves comandadas por inteligência artificial e com combustível de plasma, capazes de se abastecerem dos materiais presentes no espaço, conseguiam atingir tamanha velocidade que duas delas, destinadas a seguirem na mesma direção das saudosas *Voyagers*, ultrapassaram a distância atingida por estas que, mesmo sem comunicação com a Terra há milênios, continuavam a sua solitária trajetória rumo a outros sistemas solares da Via Láctea – as *Voyagers* deixaram desde o século 21, de transmitir dados de volta à Terra pela falha progressiva dos seus então, obsoletos computadores e redução drástica do seu combustível, quando ainda havia na Terra, antenas telescópicas, computadores e pessoal dedicado a receber e interpretar os seus sinais.

Estas duas naves da antiga NASA, com computadores primitivos, lançadas no ano de 1977, conseguiram avançar além das expectativas para o feito, devido à sua construção sólida e ao engenhoso plano de voo aproveitando o alinhamento dos grandes planetas solares, o que lhes proporcionou altíssima velocidade - "em estilingue" – para a época.

Além disso foram lançadas com combustível nuclear o que lhes permitiu evidente longevidade, posteriormente proibido para outras naves que as seguiram mas que naquele século, nunca conseguiram avançar muito para além do sistema solar.

Uma das naves Marcianas conseguiu alinhar-se com a *Voyager I* e copiar dados dos seus arquivos inertes, com a finalidade de retransmiti-los aos arquivos humanos e da Central Robótica no Sistema Solar, agora centralizados na WASC (do Inglês "WORLD AEROSPACE CENTER", criada no século 22).

WASC tinha e continuará tendo um vastíssimo programa de expansão espacial e programas voltados para estudar, pesquisar e beneficiar a Terra e Marte, quanto aos seus componentes e potencialidades, além é claro, de implementar planos para preservar o Planeta-Mãe para que nunca mais se chegue aos desequilíbrios por causa humana, observados no passado.

IV

E não havia mais impedimentos para o avanço rumo ao Cosmos.

A parte física era realizada por robôs totalmente mecânicos e ciborgues, estes com maior maleabilidade da inteligência e desejos mais viscerais no seu cérebro, tinham uma ação coadjuvante importante – a de aumentar a capacidade de avaliação de problemas e sua resolução a contento.

Os humanos avançavam nos seus locais de origem. Acompanhavam o progresso proporcionado pelos seus parceiros e participavam no desenvolvimento sem limites da cibernética e ciências em geral.

Não havia obstáculos que não pudessem ser ultrapassados.

A parte médica avançara em todos os campos: cibernética, genética – com a prevenção e o controle de doenças – e a obstetrícia liberou, enfim, a mulher do ato de parir.

A agricultura, laboratórios de produção de proteínas – sem a necessidade de sacrificar animais para o sustento humano – e a engenharia não tinham limites à frente.

E todas as outras vertentes do conhecimento assim se ampliavam.

Havia portanto, bastante tempo livre para a humanidade poder se dedicar às artes, cultura, lazer, esportes e socialização. Estes campos de atividade começavam a ser bastante mais agradáveis na Terra, que já mostrava sinais de contínua e clara recuperação e saúde da sua biodiversidade.

E as viagens de férias de Marcianos para a Terra já não eram novidade. Tinham, é verdade, que passar por maiores cuidados e se submeterem a um período de aclimação.

V

Abrimos parênteses para falarmos do idioma comum da humanidade.

Quer gostassem ou não, no convoluto século 21 e até a implantação da colônia Marciana, o Inglês foi o idioma comum entre todos os povos. O que gerava menos problemas burocráticos e atrasos no andamento das importantíssimas políticas de desenvolvimento e melhorias a serem tomadas, além de evitar potenciais erros de tradução, principalmente jurídicos e científicos.

Os diferentes idiomas dos diversos povos e nações foram incentivados a serem falados e/ou escritos no cotidiano, inclusive após a implantação da colônia e migração para Marte. Cabia aos indivíduos de cada origem, família e grupos comunitários a sua preservação nas diferentes atividades cotidianas e culturais. E cabia aos arquivos e escolas o contínuo incentivo à prática da sua utilização para que a memória da humanidade, nas suas partes e no seu todo, não se perdesse. A humanidade foi e sempre será um mosaico de diferentes influências e heranças e essa riqueza era e será um diferencial a ser valorizado e mantido vivo.

(Nota de rodapé: sétima parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes lançadas mensalmente, na REVISTA DE CONEXÃO LITERATURA)

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).


Você escreve?


Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





• **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES**

DE

POR

~~R\$ 180~~

R\$ 140

**VALOR PROMOCIONAL VÁLIDO
DO DIA
29/04/2024 A 10/05/2024**

PACOTE
DIVULGAÇÃO
PARA ESCRITORES
DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**



Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+774 MIL +137 MIL + 4 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.06.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd